



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O LÉXICO REGIONAL / POPULAR EM *LUZIA-HOMEM*: REVISITANDO A
CRÍTICA**

PAULO ALDEMIR DELFINO LOPES

**JOÃO PESSOA
2025**

PAULO ALDEMIR DELFINO LOPES

**O LÉXICO REGIONAL / POPULAR EM *LUZIA-HOMEM*: REVISITANDO A
CRÍTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de doutor em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Cultura e Tradução

Linha de Pesquisa: Estudos Semióticos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito

JOÃO PESSOA
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L8641 Lopes, Paulo Aldemir Delfino.

O léxico regional / popular em Luzia-Homem :
revisitando a crítica / Paulo Aldemir Delfino Lopes. -
João Pessoa, 2025.

130 f. : il.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão.

Coorientação: Amanda Ramalho de Freitas Brito.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Crítica literária. 2. Cânone. 3. Luzia-Homem. 4.
Lexicologia. 5. Linguagem regional. I. Aragão, Maria do
Socorro Silva de. II. Brito, Amanda Ramalho de Freitas.
III. Título.

UFPB/BC

CDU 82.09

PAULO ALDEMIR DELFINO LOPES

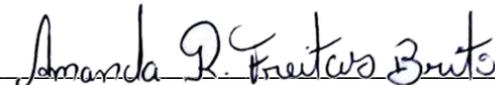
**O LÉXICO REGIONAL / POPULAR EM LUZIA-HOMEM: REVISITANDO A
CRÍTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Área de Concentração Literatura, Cultura e Tradução, como requisito para obtenção do título de doutor em Letras.

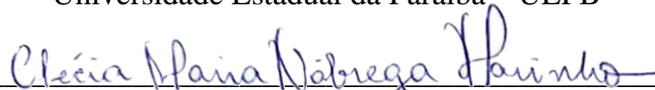
Aprovada em: 15/04/2025

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba – PPGL/UFPB


Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito (Coorientadora)
Universidade Federal da Paraíba – PPGL/UFPB


Prof. Dr. José Vilian Mungueira
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB


Prof.^a Dr.^a Clécia Maria Nóbrega Marinho
Instituto Federal de Educação da Paraíba – IFPB


Prof.^a Dr.^a Josete Marinho de Lucena
Universidade Federal da Paraíba – DLCV/UFPB


Prof.^a Dr.^a Ivone Tavares de Lucena
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Aos meus pais, Socorro e Amadeus, que desde cedo inculcaram, em mim e nos meus irmãos, o valor da educação, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Ao término de mais uma etapa no meu percurso formativo, são inúmeras as pessoas a quem preciso agradecer por ter chegado aqui.

Primeiramente, preciso dizer o quanto sou grato ao universo por ter me dado a oportunidade de ter como orientadora uma pesquisadora maravilhosa, de coração generoso, que sempre me apoiou e confiou no meu trabalho. Socorro Aragão (Maravilha da Ciência), não tenho palavras para expressar minha gratidão, meu afeto, por isso e por tudo, meu muito obrigado!

À professora Amanda Freitas, pela coorientação e pelas muitas discussões produtivas nas disciplinas ofertadas e que tive a felicidade de cursar, além da amizade sincera, minha estima e admiração.

Aos professores que compõem a banca examinadora, por me emprestarem suas valiosas leituras e apontamentos: Vilian, conterrâneo, amigo de longa data, com quem já compartilhei experiências profissionais; Clécia, que dividiu comigo seu saber de lexicógrafa e que me emprestou ombro quando precisei falar sobre a escrita desta tese; Josete, que foi minha professora de estágio supervisionado na graduação, e que, desde então, se tornou amiga, sempre compartilhando bons momentos nos congressos que realizamos; e Ivone (Galega), minha orientadora de graduação e de mestrado, cujo vínculo, há muito, deixou de ser apenas acadêmico, que me apoiou nos momentos turbulentos e me mostrou que eu era capaz. A todos vocês, muitíssimo obrigado!

A João, pela companhia ao longo de todo esse percurso, que me apoiou nas horas difíceis e com quem divido as tristezas e as alegrias, obrigado!

À professora Marli Paz, que me apresentou *Luzia-Homem* na disciplina de Literatura Brasileira III, na graduação em Letras.

Ainda dos vínculos formados na academia, mas que se espraiam para a vida, agradeço aos ex-orientandos de Socorro, alguns meus contemporâneos de pesquisa, Robson, Sandro, Uelida e Wellington.

À Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, pela licença de 01 ano concedida para que eu terminasse a escrita desta tese, e à Gerência Executiva de Educação das Escolas Cidadãs Integrais, na pessoa de Wennia Figueiredo, minha chefia imediata, que endossou meu pedido de afastamento.

[...]
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma
Traço o Cruzeiro do Sul com a tocha da fogueira de João menino
Rezo com as três Marias, vou além
Me recolho no esplendor das nebulosas,
Descanso nos vales, montanhas
Durmo na forja de Ogum

[...]
Pensou que eu ando só? Atente ao tempo
Não começa, nem termina, é nunca, é sempre
[...]

(*Carta de amor*, Maria Bethânia)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Domínios linguísticos dos compêndios lexicográficos.....	69
Figura 2 - Microestrutura dos verbetes do glossário	74
Figura 3 - Elementos constituintes da microestrutura do glossário	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantitativo de lexias de acordo com a classe gramatical	75
Gráfico 2 - Quantitativo de lexias de acordo com a dicionarização	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais críticos literários brasileiros e suas filiações	33
Quadro 2 - Compêndios lexicográficos do <i>corpus</i> de referência e seus respectivos rótulos	77
Quadro 3 - Categorização das lexias que compõem o glossário	77

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AB	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (Dicionário da Língua Portuguesa)
<i>adj.</i>	Adjetivo
<i>adv.</i>	Advérbio
AH	Antonio Houaiss (Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa)
AIE	Aparelhos Ideológicos de Estado
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DO	Domingos Olímpio
<i>exp.</i>	Expressão
<i>f.</i>	Feminino
GT	Grupo de Trabalho
<i>Interj.</i>	Interjeição
<i>loc.</i>	Locução
<i>m.</i>	Masculino
MC	Michaelis (Dicionário da Língua Portuguesa)
NE	Nota enciclopédica
NL	Nota linguística
<i>pl.</i>	Plural
PM	Pontes e Meller (Dicionário lingüístico/literário de termos regionais/populares)
<i>pron.</i>	Pronome
<i>s.</i>	Substantivo
SA	Socorro Aragão (Glossário de termos regionais/populares)
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
<i>v.</i>	Verbo
V.	Vide
<i>Var.</i>	Variante
<i>2g.</i>	Comum de dois gêneros

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo linguístico e literário voltado para a descrição dos aspectos léxico-semânticos em *Luzia-Homem* (1973), romance dito realista/naturalista do cearense Domingos Olímpio, com vistas à elaboração de um glossário do léxico regional/popular deste romance. Noutra direção, também refletimos sobre a constituição do cânone literário brasileiro, bem como sobre a postura da crítica literária especializada, a fim de problematizar os critérios de (des)valorização de certos escritos, alguns dos quais alçados à categoria de clássicos, ao passo que outros são relegados ao esquecimento. Desse modo, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar o funcionamento da linguagem no romance *Luzia-Homem* à luz das ciências do léxico, correlacionando aspectos de variação nas falas dos personagens à fabricação de identidades nordestinas. A justificativa para esta pesquisa parte da constatação de uma carência de fortuna crítica sobre a obra tomada como *corpus* para análise, ao menos em se tratando da linguagem das personagens criadas por Domingos Olímpio, aspecto este sobre o qual a crítica literária especializada foi mais veemente em apontar falhas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica e documental (Prodanov; Freitas, 2013), cuja fundamentação baseia-se em: Aragão (2008), Barbosa (2006), Candido (2008), Eagleton (2003), Frye (1973), Oliveira Jr. (2004), Pereira (1988; 1992), Perrone-Moisés (1998), Reis (1992), dentre outros, para as questões crítico-literárias, e Aragão (2003; 2013; 2014), Barbosa (1981; 1990; 1996; 2001), Biderman (1984; 1996; 1999; 2001a; 2001b), Coseriu (1990), Labov (2007), Pottier (1972), Preti (2000), Roncarati (2011), Tarallo (1985), dentre outros, para as questões léxico-semânticas. Ao término, constatamos a riqueza de léxico regional/popular do romance fartamente documentada no glossário contido nesta tese.

Palavras-chave: Crítica literária. Cânone. *Luzia-Homem*. Lexicologia. Linguagem regional.

ABSTRACT

This thesis presents a linguistic and literary study aimed at describing the lexical-semantic aspects of *Luzia-Homem* (1973), a so-called realist/naturalist novel by Domingos Olímpio from Ceará, with a view to creating a glossary of the regional/popular lexicon of this novel. In another direction, we also reflected on the constitution of the Brazilian literary canon, as well as on the stance of specialized literary critics, in order to problematize the criteria for (de)valuing certain writings, some of which are elevated to the category of classics, while others are relegated to oblivion. Thus, the aim of this research is to analyze the functioning of language in the novel *Luzia-Homem* in the light of lexical science, correlating aspects of variation in the characters' speech with the fabrication of Northeastern identities. The justification for this research stems from the fact that there is a lack of critical literature on the work taken as the corpus for analysis, at least when it comes to the language of the characters created by Domingos Olímpio, an aspect on which specialized literary critics have been most vehement in pointing out flaws. This is therefore a bibliographical and documentary study (Prodanov; Freitas, 2013), based on: Aragão (2008), Barbosa (2006), Candido (2008), Eagleton (2003), Frye (1973), Oliveira Jr. (2004), Pereira (1988; 1992), Perrone-Moisés (1998), Reis (1992), among others, for critical-literary issues, and Aragão (2003; 2013; 2014), Barbosa (1981; 1990; 1996; 2001), Biderman (1984; 1996; 1999; 2001a; 2001b), Coseriu (1990), Labov (2007), Pottier (1972), Preti (2000), Roncarati (2011), Tarallo (1985), among others, for lexical-semantic issues. In the end, we noted the wealth of regional/popular lexicon in the novel, which is amply documented in the glossary contained in this thesis.

Keywords: Literary criticism. Canon. *Luzia-Homem*. Lexicology. Regional language.

RESUMEN

Esta tesis presenta un estudio lingüístico y literario destinado a describir los aspectos léxico-semánticos de *Luzia-Homem* (1973), novela llamada realista/naturalista del cearense Domingos Olímpio, con vistas a crear un glosario del léxico regional/popular de esta novela. En otra dirección, reflexionamos también sobre la constitución del canon literario brasileño, así como sobre la postura de la crítica literaria especializada, con el fin de problematizar los criterios de (des)valoración de determinados escritos, algunos de los cuales son elevados a la categoría de clásicos, mientras que otros son relegados al olvido. El objetivo de esta investigación es, por lo tanto, analizar el funcionamiento del lenguaje en la novela *Luzia-Homem* a la luz de la ciencia léxica, correlacionando aspectos de variación en el habla de los personajes con la fabricación de identidades nordestinas. La justificación de esta investigación parte del hecho de que existe una carencia de literatura crítica sobre la obra tomada como corpus de análisis, al menos en lo que se refiere al lenguaje de los personajes creados por Domingos Olímpio, aspecto que la crítica literaria especializada ha señalado con mayor vehemencia. Se trata, pues, de un estudio bibliográfico y documental (Prodanov; Freitas, 2013), basado en: Aragão (2008), Barbosa (2006), Candido (2008), Eagleton (2003), Frye (1973), Oliveira Jr. (2004), Pereira (1988; 1992), Perrone-Moisés (1998), Reis (1992), entre otros, para las cuestiones crítico-literarias, y Aragão (2003; 2013; 2014), Barbosa (1981; 1990; 1996; 2001), Biderman (1984; 1996; 1999; 2001a; 2001b), Coseriu (1990), Labov (2007), Pottier (1972), Preti (2000), Roncarati (2011), Tarallo (1985), entre otros, para cuestiones léxico-semánticas. Al final, constatamos la riqueza del léxico regional/popular de la novela, ampliamente documentado en el glosario contenido en esta tesis.

Palabras clave: Crítica literaria. Canon. *Luzia-Homem*. Lexicología. Lenguaje regional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 LITERATURA E LÉXICO	19
2.1 ASPECTOS LEXICAIS NO ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO	19
2.2 CÂNONE	22
2.3 CRÍTICA [LITERÁRIA].....	28
2.3.1 A crítica universitária ou analógica	30
2.3.2 A crítica ideológica	31
3 A FORTUNA CRÍTICA DE LUZIA-HOMEM.....	35
3.1 MÍSTICA, FOLCLORE E RELIGIOSIDADE EM <i>LUZIA-HOMEM</i>	46
3.1.1 Reminiscências arquetípicas em <i>Luzia-Homem</i>	47
3.1.2 O páthos trágico em <i>Luzia-Homem</i>	50
4 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	54
4.1 SOCIOLINGUÍSTICA, ETNOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA.....	56
4.2 LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA	59
4.2.1 Palavra, lexema e lexia	61
4.3 DOS COMPÊNDIOS LEXICOGRÁFICOS	63
4.3.1 Dicionário.....	64
4.3.2 Vocabulário.....	66
4.3.3 Glossário.....	67
4.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO.....	71
4.4.1 Macroestrutura.....	71
4.4.2 Medioestrutura	72
4.4.3 Microestrutura.....	73
5 GLOSSÁRIO DO LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE DOMINGOS OLÍMPIO EM <i>LUZIA-HOMEM</i>.....	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	123

1 INTRODUÇÃO

A escolha de um *corpus* literário para análise é, essencialmente, um gesto que demarca nossa subjetividade, ainda que recorramos a critérios mais ou menos objetivos para justificá-la. Assim, o fazer da crítica literária igualmente se mostra transpassado por subjetividade, a qual é escamoteada, a fim de garantir uma pretensa imparcialidade ao leitor-crítico, que deve enumerar com isenção os aspectos “fortes” e “fracos” de uma dada obra.

Também na proposição de uma pesquisa acadêmica que tem como *corpus* uma obra literária, é inegável que haja uma subjetividade latente norteando nossas escolhas. Optamos por um romance, um conto, uma antologia de poemas etc., primeiramente, porque esses objetos artísticos, de algum modo, nos tocam, fazem com que revivamos experiências de leituras anteriores, demandam de nós um olhar mais acurado, depois, porque se mostram favoráveis ao diálogo com certos aspectos teóricos que, ainda em caráter hipotético, podem explicar esse *corpus*, lançar nova luz sobre o mesmo, abrir novas possibilidades de leitura ou corrigir certas distorções na forma como tal *corpus* fora tratado, tipificado, enquadrado pela crítica.

Este preâmbulo, que ensaia uma tentativa de dizer o porquê de nossas escolhas – *Luzia-Homem* (*corpus*) e Lexicologia (base teórica) – também prenuncia nosso posicionamento crítico sobre o papel da crítica literária especializada, cujo fazer tem consistido em comentar as obras literárias a partir de certos critérios objetivos, efetuando, contudo, uma classificação por vezes injusta de autores e textos diversos. E isso asseveramos por compreender que o fazer da crítica é, eminentemente, uma prática discursiva, portanto, ideológica, como são todas as práticas discursivas, um discurso sobre o discurso literário.

A essa altura, convém trazer à mente o lembrete de alguns estudiosos que nos ensinam sobre a importância de separarmos bem as coisas, de não cobrarmos da obra ou do autor nem mais nem menos do que o texto nos revela, princípio este que a escola dos formalistas russos nos ensina desde os primeiros textos que inauguram essa vertente crítica.

Sejam os critérios empregados pela crítica internos à obra (imanência), sejam externos (uma crítica mais sociológica, por exemplo), não sem ressalvas, podemos inferir que seu fazer é essencialmente valorativo, e pensamos “valor” tanto no sentido de qualidade literária ou valor estético, como de carga ideológica.

Assim, eleger *Luzia-Homem* como objeto desta análise demarca nosso lugar de leitor que, não satisfeito com as leituras anteriores da obra, quer mais uma vez (re)ler com a acuidade propiciada por novas lentes tomadas de empréstimo da Lexicologia e de outras

ciências do léxico para situar exatamente nesse aspecto o foco de nossa observação, em certo grau destoante daquilo que a crítica especializada fez com a obra de Domingos Olímpio. Não se trata de uma reparação histórica ao que se fez com a obra em análise, mas da insistência em coligir e confrontar os posicionamentos críticos agora tidos como apriorísticos, verificando o “efeito de uma permanência” que nos faz retornar à história de uma mulher que enfrenta com virilidade as vicissitudes de uma vida marcada pela escassez de víveres, de água e de amor.

Para dar suporte a esta pesquisa, recorreremos a autores como: Aragão (2013), Bortoni-Ricardo (2014), Coseriu (1990), Labov (2007), Roncarati (2011), Tarallo (1985), dentre outros, no que tange às ciências do léxico; Bosi (1975), Candido (2000; 2008), Eagleton (2000), Barbosa (2006), Aragão (2008), Oliveira Jr. (2014), Perrone-Moisés (1998), Frye (1973), dentre outros, no tocante aos estudos de teoria e crítica literária; Foucault (2011), Maingueneau (2008), Pereira (1988; 1992), Preti (2000), Reis (1992) e outros, para compreender as questões que envolvem a constituição do cânone literário, bem como toda a maquinaria discursiva que o mantém e o perpetua, mas também repele certos posicionamentos.

É necessário lembrar que, mesmo sendo artefatos culturais, produzidos sob certas circunstâncias históricas, políticas e sociais, alguns escritos são alçados à categoria de “clássicos”, enquanto outros permanecem nas sombras, sem muita visibilidade.

A própria noção do que é literatura, segundo Eagleton (2003), pode passar por reformulações, de modo que, ainda de acordo com o supracitado autor, o que hoje é considerado literatura, necessariamente não o foi em tempos passados e vice-versa. Tal problemática se estende ainda mais se adjetivarmos essa denominação. O que seria, então, a “boa literatura”? Inevitavelmente, a resposta para esse questionamento passa pela noção de “valor”, atribuição que, embora fuja do subjetivismo ou do senso comum, é sempre passível de mudança, não sendo o valor uma característica ontológica, mas contingencial.

Nosso pressuposto é, portanto, que só será possível desmistificar as razões que levaram a crítica a reservar um lugar marginal para o referido romance a partir de um estudo detalhado do léxico das personagens, atentando para a conjuntura social e cultural “criada” por Domingos Olímpio, verificando se essa linguagem é ou não condizente com a identidade nordestina forjada pelo autor.

Os motivos pelos quais isso acontece remontam, certamente, à discussão sobre a própria constituição do cânone literário e seus critérios de valoração/exclusão. Ademais, pensar questões que envolvem tanto o cânone literário quanto a constituição de identidades,

inevitavelmente, nos leva a discutir as relações de poder que permeiam as práticas e as instituições sociais e, nesse sentido, a sócio e a etnolinguística nos ajudam a compreender as relações criadas no tecido da obra literária, a qual, sendo mimese, requer que olhemos tanto para o sujeito que faz uso da língua como para a conjuntura social, cultural e histórica que o cerca.

Desse modo, objetivou-se, de maneira mais ampla, analisar o funcionamento da linguagem no romance *Luzia-Homem* à luz das ciências do léxico (sócio e etnolinguística, lexicologia e lexicografia) correlacionando os aspectos linguísticos das falas dos personagens à fabricação de identidades nordestinas. E, como objetivos mais específicos, intentamos: a) identificar nas falas das personagens de *Luzia-Homem* aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos que possibilitem problematizar a postura da crítica literária brasileira sobre a linguagem do referido romance; b) situar a problemática do cânone ocidental e seus critérios de (des)valorização da obra literária; c) verificar o grau de coerência entre a linguagem das personagens e a realidade social, cultural e, sobretudo, linguística do interior cearense do fim do século XIX.

Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, de caráter qualitativo (Prodanov; Freitas, 2013), utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica de obras sobre a produção literária de Domingos Olímpio, especificamente sobre o romance que constitui o *corpus* de nossa pesquisa; leitura de textos que tratam do período literário em que o romance foi produzido, pois sabemos que a relação entre literatura e sociedade e história da literatura também contribui para a compreensão do texto literário; levantamento de verbetes e lexias em dicionários e glossários regionais a fim de confrontarmos esses achados com a linguagem das personagens do romance em estudo; e elaboração de glossário da linguagem regional/popular de *Luzia-Homem*.

A realização de uma pesquisa de doutoramento demanda, além da escolha de um *corpus*, a estruturação de um texto que contemple e responda às questões que motivaram tal pesquisa e seus objetivos. Assim, a arquitetura desta tese, além desta introdução, é composta por quatro capítulos e pelas considerações finais, conforme se detalha a seguir.

No capítulo intitulado “Literatura e léxico”, apresentamos uma discussão sobre o estudo do léxico em obras literárias, tendo como suporte teórico e filosófico autores como Bakhtin (2014), Barthes (2004), Candido (2014), Preti (2020), dentre outros, a fim de situar a problemática do estudo do texto literário a partir de pressupostos também linguísticos. Em seguida, discutimos questões relativas à formação do cânone literário e como este opera na categorização de autores e de suas obras, pondo em evidência a maquinaria discursiva e a

noção de valor, a partir de autores como Bloom (2010), Reis (1992) e Zolin (2009). Por fim, tratamos da crítica literária, tendo por suporte as ponderações de Barthes (2013), Junqueira (2010) e Perrone-Moisés (1998; 2005).

O capítulo “A fortuna crítica de *Luzia-Homem*” é dedicado ao levantamento exaustivo de pesquisas sobre a principal obra de Domingos Olímpio, a fim de traçar um panorama de toda a produção crítica e científica sobre a referida obra, desde artigos, monografias, dissertações e teses, o que foi feito mediante pesquisa em portais de periódicos, como SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, além de mapear o posicionamento dos principais críticos e historiadores da literatura brasileira, através de seus manuais de literatura e de outras obras de teor crítico, com destaque para Barbosa (2006), Bosi (2013), Candido (2000), Luft (1979), Moises (2004), Pereira (1988) e Süsskind (1984). Além disso, neste capítulo também emprestamos nossa leitura crítica sobre temas recorrentes, como os aspectos místicos, folclóricos e religiosos em *Luzia-Homem*.

No capítulo “As ciências do léxico”, começamos traçando um panorama histórico das principais ciências que lidam com a linguagem e sua relação com a sociedade e a cultura, para focarmos na Lexicologia e na Lexicografia como teoria e método para a confecção de compêndios lexicográficos. Assim, fazemos a distinção entre os principais modelos de obras lexicográficas, quais sejam, dicionários, vocabulários e glossários, com especial atenção a estes últimos, haja vista que foi o tipo de obra lexicográfica utilizada para descrever a linguagem do romance em estudo. Ao longo deste capítulo, contamos com as valorosas contribuições de Aragão (2013), Biderman (2010a; 2010b), Crystal (1988), Dubois *et al.* (1978), Labov (2007), Mattoso Camara Jr. (1978), Tarallo (1985), dentre outros. Ao término do capítulo, no tópico 4.4, apresentamos os aspectos metodológicos da elaboração do glossário, a saber, a macro, a média e a microestrutura.

O “Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em *Luzia-Homem*” constitui o último capítulo desta tese, no qual foram coligidas 314 lexias (simples, compostas e complexas), organizadas em ordem alfabética e cujos enunciados lexicográficos foram elaborados visando à descrição do riquíssimo léxico regional/popular contido na obra. As acepções ali contidas estão circunscritas ao sentido com que tal léxico fora empregado no romance.

Por fim, apresentamos as Considerações Finais, ratificando que *Luzia-Homem*, além de pôr em evidência os falares do povo nordestino, num contexto de grande seca que assolou o Ceará no final do século XIX e início do século XX, é um romance que resistiu às tentativas de apagamento e silenciamento impostas pela crítica literária e que “desenha” muito bem o

que é o sertanejo naquele contexto e momento histórico: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, como disse Euclides da Cunha em outra obra igualmente célebre da literatura brasileira, *Os sertões*.

2 LITERATURA E LÉXICO

2.1 ASPECTOS LEXICAIS NO ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO

Em literatura, arte essencialmente desenvolvida pela palavra, conceituar a linguagem é já uma questão bastante complexa. A linguagem pode ser pensada em termos de uma atividade criadora, capaz de conferir a uma realidade imaginada características que se confundem com a realidade empírica. Assim, Antonio Candido (2014), problematizando o estatuto ontológico da personagem, reconhece ser uma das funções da oração a criação de contextos objectuais, que comportam de significantes a mundos complexos. Nas palavras do crítico, “Este mundo fictício ou mimético, que freqüentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra” (Candido, 2014, p. 15, *sic*).

Não é difícil conceber que a linguagem – o plano das orações – tenha fundamental importância na concepção de qualquer obra literária e, frequentemente, a linguagem literária, que poderíamos chamar aqui de elaboração estética, tem sido motivo de contendas entre críticos e literatos. Uma hipótese para que amiúde isso ocorra relaciona-se à capacidade de a literatura transfigurar o mundo empírico emprestando-lhe caracteres que lhe confirmam verossimilhança, sem, contudo, deixar à mostra tratar-se de um simulacro. E mesmo à atividade crítica não seria possível prescindir da palavra.

Fato é que, seja como realidade empírica ou imaginativa, o debate sobre a centralidade da linguagem, sobretudo do léxico, na constituição da obra literária se confunde, por vezes, com a própria reflexão filosófica sobre a linguagem (forma e conteúdo) e torna-se ainda mais complexo quando pensamos em variedades linguísticas que são utilizadas para representar com maior ou menor fidelidade certos falares regionais, como se buscou fazer em alguns momentos da literatura brasileira, notadamente na prosa regionalista, em que se enquadra o romance *Luzia-Homem*, *corpus* desta pesquisa.

Elegendo a prosa romântica brasileira como objeto de sua análise, Dino Preti (2000) pondera sobre as soluções encontradas por alguns autores para a transcrição da língua oral na prosa de costumes. Assumindo uma postura quase antagônica à da crítica literária especializada, Preti (2000) sustenta que

[...] toda e qualquer crítica que se lhes possa fazer deverá levar em conta os fatores extraliterários que, às vezes, condicionam a criação de uma obra ou, pelo menos, explicam em parte suas tendências estéticas. Por outras palavras, a simples existência ou não de uma *reprodução perfeita do diálogo das personagens não pode ser critério para a avaliação artística da obra* (p. 75, grifo nosso).

A posição do linguista não é sem propósito. Ele esclarece que foi durante o Romantismo o momento em que os escritores brasileiros insurgiram contra a “tirania da gramática”, e isso põe em cena um passado então recente em que a “boa” literatura era medida pelo metro purista, evidenciando a herança arcádica e colonial. Além disso, muitos escritores da época desempenhavam outras atividades em redações de jornais, “onde se impregnaram da linguagem do dia-a-dia da imprensa” (Preti, 2000, p. 76, *sic*).

Na concepção de Candido (2014), certas construções lexicais bem como o emprego de alguns tempos verbais ou de advérbios, a que ele chama de “sintoma linguístico”, contribuem para a distinção entre o discurso literário e o discurso cotidiano ou mesmo científico, embora nenhum uso isolado possa revelar “o caráter categorialmente singular do discurso fictício” (p. 25). Não desacreditamos a singularidade do discurso ficcional da obra de arte literária, pois talvez aí mesmo resida o caráter literário de uma escrita, todavia, novamente esse aspecto evoca a questão valorativa, valor este muitas vezes empregado pela crítica literária para classificar autores e obras como dignos ou não de serem lidos.

Comungamos com a posição de Candido (2014) ao dizer que “Parece portanto impossível renunciar por inteiro a critérios de valorização, principalmente estética, que como tais não atingem objetividade científica embora se possa ao menos postular certo consenso universal na maioria dos casos” (p. 12), mas não sem ressalvas, uma vez que as concepções estéticas estão em constante mudança e passam por rupturas e descontinuidades, de modo que o belo de hoje necessariamente não o foi há algumas décadas, assim como o que hoje se julga literário poderá não o ser *a posteriori*, de modo que até mesmo o consenso de que fala o crítico não deixa de ser transitório. Aliás, a existência de critérios de valoração¹ não é só compreensível, como incontornável, uma vez que, como nos ensina Bakhtin (2014), o signo linguístico é precipuamente ideológico. Nas palavras do filósofo,

O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (Bakhtin, 2014, p. 37).

¹ Preferimos “valoração” à “valorização”, vez que esta apresenta uma carga semântica muito relacionada à pecúnia, ao passo que aquela reflete um juízo crítico, acepção mais afeita a nossa abordagem.

Assim, a neutralidade da palavra parece predispor-se a acomodar a função ideológica do signo quando posta em uso, quer na comunicação da vida cotidiana quer em outras atividades da vida social por ela mediadas, a exemplo da literatura. E, para não incorreremos no erro de retroagir ou projetar valores para além das fronteiras que qualquer enunciado encerra, somos lembrados de que “Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto também lingüístico, vê-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social determinados” (Bakhtin, 2014, p. 45, grifos do autor). Reafirma-se, desse modo, a circunscrição dos valores estéticos de que falávamos há pouco, pensando que eles também são ideológicos e, portanto, limitados tanto histórico quanto socialmente.

Situando as rupturas e continuidades que marcam o fazer literário no contexto francês, quando da ascensão da burguesia, Roland Barthes (2004), em *O grau zero da escrita*, elegendo Gustave Flaubert como um de seus expoentes, diz ter sido nesse contexto que a escrita literária passou a ser pensada como uma atividade artesanal, que carrega em si as regras técnicas de um *páthos*. Na compreensão do semiólogo, esse “novo” fazer literário não consegue se desprender das necessidades impostas pela sociedade burguesa, “um mal incurável que adere pegajoso ao escritor” (Barthes, 2004, p. 55), cuja inscrição na obra de arte, ao invés de escamotear sua motivação, age

[...] como *signos* da Literatura, a exemplo de uma arte que avisasse de sua artificialidade; elabora um ritmo escrito, criador de uma espécie de encantação que, longe das normas da eloquência falada, toca um sexto sentido, puramente literário, interior aos produtores e aos consumidores da Literatura (Barthes, 2004, p. 55, grifo do autor).

A intencionalidade das escolhas formais, portanto, não se pretende ausente, mas explícita, posta como condição ou convenção assumida por ambos os pactuários da literatura, autor e leitor, assinalando que, tal qual outras formas de arte, o texto literário é produto de uma atividade laboriosa, metódica e engenhosa.

A irrupção desse ponto de descontinuidade na tradição literária francesa vai repercutir, mais tardiamente, no romantismo brasileiro, inaugurando a formalização de uma literatura nacional cujas marcas linguísticas mais acentuadas se ligam à simplicidade e à fala popular, mais prósperas ao projeto nacionalista de que se reveste o movimento em nossas terras, embora somente no século XX, a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922, essa liberdade – se quisermos, libertação –, sobretudo das influências francesas e portuguesas, seja apregoada com mais intensidade. Evidentemente, isso não significa dizer que nesse interstício

de quase um século, conforme a persistente cronologia da historiografia literária, não tenhamos conhecido em nossa literatura outras rupturas igualmente importantes.

Se, por um lado, muitas mudanças ocorreram no modo como compreendemos a literatura ao longo do tempo, *pari passu* a linguística também passou por muitos desdobramentos e ramificações, reinventando seus métodos de análise bem como ocupando-se de questões que outrora, dadas as condições de cada época, foram postas em segundo plano ou mesmo ignoradas. Na atualidade, a multiplicidade de recursos tecnológicos e informacionais não somente imprime um novo ritmo de trabalho, como possibilita a recolha e análise de dados impraticáveis há poucas décadas.

Em ambos os campos do saber, aliás, o ritmo das mudanças é ditado também pelas transformações culturais, históricas, políticas e sociais. Desde a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916, que tem sido adotado como marco do surgimento do Estruturalismo e da própria ciência Linguística, passando pelo Gerativismo, que tem como um de seus expoentes o americano Noam Chomsky, até o Funcionalismo, com destaque para autores como André Martinet e Michael Halliday, concepções de língua, linguagem, discurso, entre outras, também passaram por grandes reformulações. Essas correntes linguísticas, cada uma a seu modo, emprestam ferramentas que podem ser úteis à análise de obras literárias.

Assim, na atualidade, embora Linguística e Literatura estejam cada vez mais “divorciadas” em nossas academias, com centros de estudos e departamentos cada vez mais isolados, dado o grau de especialização do saber que cada área atingiu, dentre outros fatores que igualmente concorrem para essa separação, parece-nos bastante pertinente ainda outra vez tentar sua conciliação, retomar o diálogo, no sentido bakhtiniano mesmo, pressupondo convergências e divergências, como se dá em todas as discussões produtivas.

2.2 CÂNONE

A escrita literária, tal qual a de outros gêneros, é uma atividade regulada socialmente e pressupõe a existência de um leitor mais ou menos hábil em saber “desvendar” os meandros de uma narrativa, de um poema ou de qualquer outra forma em que se apresente o texto. Precipuamente, caberia ao leitor escolher, em meio a uma infinidade de textos, aqueles que mais se mostram favoráveis à sua interpretação. Quando tratamos especificamente da leitura de gêneros literários, no entanto, essa liberdade do leitor não se mostra assim tão desimpedida. É que, ao longo dos séculos, surgiram instituições que intentam “regular” o gosto do leitor.

Obviamente, isso se faz visando a uma forma de dominação social, pela imposição de valores ideológicos das camadas dirigentes de uma dada sociedade (Reis, 1992), pois essa regulação sempre serve a um projeto político, que já fora, há alguns séculos, a formação de identidades nacionais.

Ainda segundo Reis (1992, p. 68), “a leitura está condicionada pelo estatuto de classe, pelo ‘gosto’, pelo lugar ocupado pelo leitor no tecido social e num dado momento histórico”. Desse modo, algumas instituições sociais operam em favor da manutenção de uma forma sorrateira de poder, a exemplo da universidade, da escola e da crítica literária. Essas e outras instituições, ao prescreverem o que deve ser lido, o que deve ser tomado como bons exemplos de obras literárias, movimentam as engrenagens desse sistema de poder, escamoteando suas reais intenções. Por trás dessa maquinaria, encontra-se a noção de cânon ou cânone.

No grego, *kanón* significa “vara de medir” e nas línguas latinas e novilatinas a palavra passou a designar *regra, norma*. Dentre as várias acepções do termo no Dicionário de Houaiss (2009), destacamos: “maneira de agir; modelo, padrão; lista, catálogo, coletânea; decreto, conceito, regra concernente à fé, à disciplina religiosa; conjunto dos livros considerados de inspiração divina; uma das partes em que se divide a Santa Missa”. Algumas das acepções do termo estão muito relacionadas ao direito canônico e isso se deve ao fato de que, “nos primórdios da cristandade, teólogos o utilizaram para selecionar aqueles autores e textos que mereciam ser preservados e, em consequência, banir da Bíblia os que não se prestavam para disseminar as ‘verdades’ que deveriam ser incorporadas ao livro sagrado” (Reis, 1992, p. 70).

Atesta-se, assim, desde sua gênese, o aspecto excludente do cânone. A valoração, nesses primórdios, não é exatamente estética, como se faz hoje, mas sobretudo moral, uma vez que seu uso, pelo cristianismo, separava o que poderia e o que não poderia servir ao ideal de igreja que se propagava. Em todo caso, desde então, já operava em função de um projeto de poder, tendo os sacerdotes como detentores de um saber que os autorizava a inserir ou excluir do cânone textos e autores.

No decurso dos séculos, a noção de cânone se espalhou para outras áreas, de modo que hoje podemos falar em cânone da pintura, cânone da música etc., sempre carregando o sentido primeiro de estabelecer uma hierarquização que tem por princípio um modelo a ser seguido. Nos dias atuais, problematizações acerca do cânone têm ganhado relevo na academia por possibilitar rever, além dos critérios internos à obra, questões de outra ordem que envolvem a seleção dos textos que receberão o rótulo de *canônicos*. Assim, Lúcia Osana Zolin, contextualizando a exclusão por que passou a *Literatura de autoria feminina*, pontua que:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi construído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. (Zolin, 2009, p. 327).

Como se demonstra, os critérios de exclusão, embora não se nomeiem como tal, são variados e estão a serviço da manutenção de uma estratificação social dos sujeitos aptos/inaptos tanto à produção como à recepção da obra literária. Basta lembrar as dificuldades que muitos escritores brasileiros enfrentaram para acessar os círculos literários de suas épocas, ou porque não fossem homens brancos, ou porque não possuíssem pecúnia suficiente ou ainda por não pertencerem a classes sociais prestigiadas, a exemplo de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, que só tardiamente entraram para o rol de autores cujas obras são recomendadas.

À medida que avançamos nessa incursão pelos estudos sobre o cânone, percebemos que, tal qual a própria noção de literatura, sua definição bem como seus critérios de inclusão e exclusão não são imutáveis, pois, se seu objetivo é a manutenção de uma hegemonia, é necessário que ele se reformule para acompanhar as transformações socioculturais por que passamos. Nos dias atuais, não sem contendas, é possível referirmo-nos a cânones, dadas as ramificações que se formaram visando a subclassificações e acomodações possíveis graças à visibilidade que grupos minoritários têm alcançado (Mibielli, 2021).

Poderíamos dizer que a história do cânone se confunde com a própria história da literatura, uma vez que

Muitas das recentes reflexões sobre a história da literatura passam, necessariamente, pela compreensão da instituição literária e de seu papel histórico como instância reguladora, não só da definição do literário, mas também dos procedimentos de seleção e ordenamento de seus objetos na narrativa daquela história e dos discursos de valoração e interpretação que deram legitimidade à formação dos cânones literários nacionais (Schmidt, 2012, p. 61).

A adoção de diferentes perspectivas críticas para o tratamento do texto literário tem sido, sem dúvida, um dos pontos que tem favorecido o esgarçamento das fronteiras que circunscrevem a literatura dita canônica. Isso, no entanto, não se dá de forma pacífica, mas mediante a reivindicação de mulheres, de negros, de gays e de tantos outros sujeitos sociais periféricos que buscam representatividade e espaço nos círculos literários, numa luta pelo direito à literatura, que incorpora a um só tempo o direito à escrita, à representação e ao acesso

à literatura. Esse direito, nos termos defendidos por Antonio Candido, é inalienável, conforme expõe:

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas comunicáveis, dando lugar a dois tipos comunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (Candido, 2011, p. 193).

Ao situar o direito à literatura no mesmo patamar dos direitos humanos, Candido (2011) não somente chama atenção para seu aspecto universal, aplicável indistintamente a todos, como advoga a destituição das barreiras que tentam tornar comunicáveis os sujeitos oriundos de diferentes classes sociais, embora sua argumentação se coloque a favor, sobretudo, da “fruição”, termo que está mais ligado à recepção da obra literária e não a sua produção. Não seria forçoso, no entanto, admitir que a universalização ou a garantia desse direito também deve ser respeitada no campo da autoria.

Incontestavelmente, nossa sociedade ainda precisa transpor muitos obstáculos para que consiga garantir equidade no acesso aos meios, métodos e técnicas que envolvem o fazer literário, e as instituições escolares e acadêmicas são importantes promotoras desses saberes, além de *loci* primordiais à contestação de práticas hegemônicas de dominação, através da oferta de formação humanizada, crítica e afeita aos tempos atuais. Assim, como pontua Reis (1992, p. 69), “A escrita e o saber, na cultura ocidental, estiveram via de regra de mãos dadas com o poder e funcionaram como forma de dominação”, sendo imprescindível que se revisem as bases desse saber/fazer discursivo sobre a literatura no intuito de apreender os mecanismos de poder que subjazem a essas práticas e que outorgam a “indivíduos dotados de poder” a atribuição do “estatuto de literário àquele texto (e não a outros), canonizando-o” (Reis, 1992, p. 69).

Ainda no sentido de rever as bases que sustentam o edifício canônico, Roberto Mibielli, enfatizando o critério “valor estético” que comumente é apontado pela crítica para que uma obra seja ou não inclusa no cânone, argumenta que

[...] os textos canônicos herdados dentro de tradições que não costumam questionar a ideologia estética que os elegeu, muitas vezes carecem de vertentes críticas que observem as condições sociais de produção de bens simbólicos e de inclusão de grupos sociais distintos (Mibielli, 2021, p. 19-20).

Reafirma-se, desse modo, que mesmo os critérios estéticos são passíveis de mudanças, pois esses valores estão circunscritos em uma temporalidade e, ainda mais, em um grupo social dado, de modo que, nem sempre, o que fora belo outrora ainda o seja nos dias atuais, em outras palavras, há limitações espaciotemporais que muitas vezes são ignoradas por aqueles que defendem valores até retrógrados e desconexos da realidade presente.

Antes de adentrarmos a discussão sobre crítica literária, parece-nos pertinente tecer alguns comentários sobre a posição antagônica defendida por Harold Bloom (2010), em *O Cânone Ocidental*. Na primeira seção de seu opúsculo, denominada “Uma Elegia para o Cânone”, Bloom começa por definir o termo sem, contudo, apresentar argumentos que sustentem sua posição, restando afirmações imprecisas que somente manifestam suas próprias predileções, senão, vejamos:

[...] o estético, *em minha opinião*, é uma preocupação mais individual que de sociedade. [...] A crítica cultural é mais uma *triste* ciência social, mas a crítica literária, como uma arte, *sempre foi e sempre será* um fenômeno elitista. *Foi um erro* acreditar que a crítica literária podia tornar-se uma base para a educação democrática ou para melhorias na sociedade (Bloom, 2010, p. 29, grifos nossos).

No excerto, o crítico estadunidense não se dá ao trabalho de mascarar seus próprios gostos estéticos, recendendo uma nostálgica estratificação elitista que persiste entre puristas e defensores da separação excludente dos sujeitos e das classes sociais. Na continuidade de sua elegia, Bloom (2010) afirma que “[...] o *valor estético* pode ser reconhecido ou experimentado, mas não pode ser transmitido aos *incapazes* de apreender suas sensações e percepções. Brigar por ele é sempre um erro” (p. 30, grifos nossos). Ora, defender tal posicionamento é colocar-se ainda além do gosto, é uma forma de segregacionismo que julga os sujeitos inaptos ao cognoscível. Não se trataria mais de um círculo restrito a iniciados, mas da própria incapacidade de iniciação para tal círculo, ao qual somente os “tocados por Deus” poderiam ter acesso. Parece desnecessário dizer, mas insistimos que tal posicionamento, embora esdrúxulo e inapropriado, ainda é perpetrado por catedráticos em nossas universidades.

Mesmo para um defensor do princípio da imanência da obra de arte, e aqui situamos especificamente a arte literária, parece-nos estarrecedor que um intelectual ingenuamente sustente que qualquer atividade humana seja desprovida de uma intencionalidade a que estamos nomeando sucintamente de ideologia. Na sua crítica aos críticos do cânone, Bloom assevera que

Nada é tão essencial para o Cânone Ocidental quanto seus princípios de seletividade, que só são elitistas à medida que se fundem em critérios severamente artísticos. Os que se opõem ao Cânone insistem em que sempre há uma ideologia envolvida na formação de um cânone; na verdade, vão ainda mais longe e falam de uma ideologia *de* formação do cânone, sugerindo que estabelecer (ou perpetuar) um cânone é um ato ideológico *em si* (Bloom, 2010, p. 36, grifos do autor).

No rol dos que se opõem ao Cânone estaria Antonio Gramsci, para quem, segundo o próprio Bloom, é impossível haver intelectual livre do *modus vivendi* de seu grupo social. Reiteramos que nosso posicionamento é diametralmente oposto ao do crítico estadunidense, uma vez que compactuamos das ideias já expressas por Candido (2011; 2014), Reis (1992; 2021), Bakhtin (2014) dentre outros autores, segundo os quais, toda comunicação humana é essencialmente ideológica, não sendo a literatura inócua, antes, lócus favorável à perpetuação desses valores.

A título de exemplificação da incipiência das afirmações elegíacas de Bloom, não lhe negando o direito à literatura de que falávamos há pouco, um último fragmento de seu posicionamento causa igualmente estranheza, vejamos: “A originalidade é o grande escândalo que o ressentimento não consegue aceitar, e Shakespeare *continua sendo* o escritor mais original que um dia *conheceremos*” (Bloom, 2010, p. 40).

Primeiramente, cabe situar que os ressentidos, em sua terminologia, são todos os que ousam levantar qualquer questionamento ao cânone, ou seja, qualquer vertente crítica que não a sua. Em seguida, é preciso indagar, dadas as condições de produção e reprodução do espaço-tempo em que viveu Shakespeare, o que é ser original. Como sabemos, é somente com o Romantismo, se utilizarmos a cronologia da história literária, que a ideia de originalidade começa a ser empregada no sentido de determinar as qualidades de uma obra de arte, que até então eram aferidas a partir do grau de imitação dos clássicos, tidos como modelos a seguir. Por fim, o uso de uma locução verbal de gerúndio, “*continua sendo*”, seguida do futuro do presente do indicativo, “*conheceremos*”, parece instaurar um anacronismo ou, para dialogar com toda sua “Uma Elegia para o Cânone”, um devir, uma revelação messiânica. De acordo com essa construção, o poeta e dramaturgo inglês, mais que atemporal, teria sido/seria uma entidade metafísica, o “Eu sou”.

Pontuamos a discussão sobre as posições defendidas por Bloom a fim de situarmos que a problemática que envolve a definição de cânone bem como dos critérios de seleção das obras que o compõem não é questão pacífica entre os críticos, literatos e historiadores da literatura. Entretanto, nossa intenção neste tópico não é exaurir a discussão sobre cânone, mas sinalizar a não neutralidade das escolhas que determinam a inclusão ou exclusão de um texto.

Importante sinalizar também que a manutenção dessas estratégias de poder, como já o demonstramos, requer a existência de agentes ou de instituições que propagandeiem tais valores. Para citar alguns, lembremos da igreja, da universidade, da escola, dos círculos de leitura, e, especialmente, do crítico literário, sobre o qual discorreremos em seção específica. Por ora, resta lembrar que a crítica literária corresponde a um dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), na acepção de Althusser (1980), responsável por evitar a insurreição das classes dominadas contra a ideologia dominante, conforme expõe Perrone-Moisés (2005) em *Texto, crítica, escritura*, noções sobre as quais discorreremos a seguir.

2.3 CRÍTICA [LITERÁRIA]

Nesta seção, buscamos esboçar um panorama da crítica literária, desde sua gênese às vertentes contemporâneas, tomando de empréstimo as contribuições de teóricos e filósofos que se debruçam direta ou indiretamente sobre o papel, as ramificações e o estatuto dessa atividade que se exerce, sobretudo, de modo ideológico, embora alguns tentem escamotear a(s) ideologia(s) que norteia(m) suas escolhas. Refazer o caminho da crítica é, talvez, refazer o próprio caminho da *escritura*², pois a atividade criadora sempre fora, mais ou menos, regulada, acompanhada de perto, portanto, criticada.

Krinéin é a palavra grega que resultará no termo “crítica”, cuja significação aponta para julgar ou criticar algo. Segundo Junqueira (2010, p. 126), “[...] crítica, segundo a tradição, é arte ou habilidade de julgar a obra de um autor por meio de um exame racional, indiferente a preconceitos, convenções ou dogmas, tendo em vista algum juízo de valor”. Habilidade esta que, segundo o autor, data de antes de Cristo, e esteve a serviço da poética, da retórica, da filosofia e da gramática, para citar alguns campos aos quais se prestou a crítica sem, contudo, subordinar-se a nenhum deles (Junqueira, 2010).

De modo semelhante, Perrone-Moisés (1998), em *Altas literaturas: escolha e valor na obra de escritores modernos*, aponta o caráter iminentemente autoritário da crítica, ao pontuar que

[...] crítica implica julgamento [...]. Desde sua prática autoritária no século XVII, sob forma de decretos da Academia, passando pelas escolhas já pessoais dos críticos do século XVIII, até o fim do século XIX, quando ela atingiu a plenitude de seus meios e de seu poder como instituição autônoma (Perrone-Moisés, 1998, p. 9).

² Termo empregado por Roland Barthes (2004) em *O grau zero da escrita* para designar a produção literária anterior ao conceito de literatura, evitando-se, assim, anacronismos.

Do excerto acima, talvez seja necessário repensar a adjetivação “autônoma” que a pesquisadora agrega à instituição. Essa autonomia, no nosso entendimento, é relativa, uma vez que, enquanto ação que se efetua sobre um determinado objeto, ainda carece da reflexão sobre o *modus faciendi* deste. Assim, a fim de demarcar cronologicamente os diferentes momentos e funções ou intencionalidades que essa atividade desempenhará e buscando tornar mais didática esta apresentação, adotaremos a divisão cronológica sugerida por Junqueira (2010), por ser ainda mais ampla que a de Perrone-Moisés, embora saibamos que tal cronologia não seja capaz de recobrir com exatidão todos os recortes possíveis, ou que essas fases se encerrem num *continuum* inequívoco, uma vez que a história é feita também por rupturas e descontinuidades. Segundo o autor, haveria três marcos históricos para a crítica, a saber: na Antiguidade clássica, na Idade Média e na Modernidade.

Na Antiguidade clássica, a crítica estaria ligada à filosofia, com os pensadores gregos e, posteriormente, romanos. Em Aristóteles, por exemplo, seria “um modelo de bem julgar” (*apud* Junqueira, 2010, p. 127). Na Idade Média, com o domínio da Igreja, ela esteve a serviço da escolástica e da exegese bíblica, além de julgar o “caráter divino do belo” (p. 128). Com o advento da Modernidade, inaugura-se uma terceira vertente, que tem como foco a tentativa de compreender os processos cognoscentes, também de base filosófica, cujo expoente é Kant, com as obras *Crítica da razão pura* (1781), *Crítica da razão prática* (1788) e *Crítica da faculdade de julgar* (1790).

Neste introito muito mais histórico, já é possível vislumbrar que a questão valorativa está posta desde a gênese da crítica, isso porque, embora exista por parte de alguns a pretensa objetividade científica, a ação de julgar quase sempre dependerá de gostos ou valores particulares, ainda que supostamente ancorados em projetos estéticos que, em última análise, são também projetos ideológicos.

A crítica literária que hoje conhecemos é signatária de toda uma tradição filosófica ocidental, em grande parte influenciada pela estética, manifesta na arte do bem falar, do bem representar e das belas letras. Na contemporaneidade, no entanto, não é mais possível falar em uma crítica, de forma unívoca, devido às inúmeras ramificações por que passou sobretudo depois da Idade Média e durante a Modernidade. Pensando nessas estratificações ou subdivisões possíveis para a crítica contemporânea, Roland Barthes (2013), em *Crítica e Verdade*, antes mesmo de esboçar uma resposta a “O que é a crítica”, já sinaliza suas ramificações ao apresentar um capítulo anterior intitulado “As duas críticas”. Segundo o

filósofo, no contexto francês, há duas vertentes críticas que coexistem: uma que ele denomina de crítica *universitária* e outra de *ideológica* (Barthes, 2013).

2.3.1 A crítica universitária ou analógica

Por *crítica universitária*, Barthes (2013) compreende um modo de operar a crítica pela via positivista, com todo um rigor no uso de critérios científicos que, utopicamente, filtraria as influências de qualquer ideologia. Utópica, pois, por confiar que a escolha de um *corpus* que se toma para análise, por exemplo, já não coloque por terra toda essa pretensa objetividade. Nessa tipologia se enquadraria grande parte das pesquisas que são desenvolvidas em programas de pós-graduação em letras e literaturas espalhados pelo Brasil, cujos focos de análise, no mais das vezes, estão centrados na “análise fina das ‘circunstâncias’ literárias” (Barthes, 2013, p. 150) e na problemática das fontes.

Uma vez que esse tipo de crítica depende da analogia para apreender seu objeto, operando a partir do estabelecimento de séries, ela também pode ser denominada *crítica analógica*. No entendimento de Barthes (2013), nessa relação serial ou analógica,

[...] trata-se sempre de colocar a obra estudada em relação com alguma coisa *outra*, um *alhures* da literatura; este alhures pode ser uma outra obra (antecedente), uma circunstância biográfica ou ainda uma ‘paixão’ realmente experimentada pelo autor e que ele ‘exprime’ (sempre a *expressão*) em sua obra [...] (p. 151-152, grifos do autor).

Dito de outro modo, e isto parece questão relativamente pacífica entre muitos pesquisadores, toda obra literária recobra influências de outras que lhe antecedem, sejam elas de ordem temática, estilística etc., sendo papel do crítico pesquisar essas fontes e utilizá-las para estabelecer parâmetros que permitam julgar com a maior “objetividade” possível um objeto dado que tenha em mãos. É assim que se engendra toda uma cronologia literária baseada na recorrência de *tópoi* diversos, enfileirados e organizados segundo seu aparecimento em cada época.

Na compreensão de Perrone-Moisés (2005, p. 18), “A pretensão a um discurso literário científico, despojado de ideologia porque ‘sem sujeito’, portanto plenamente objetivo, pode ser o último disfarce da ideologia”. E vamos mais além, a existência de um discurso sobre a literatura já é, por si só, a prova cabal de uma ideologia, se partirmos da premissa básica de que todo discurso é, essencialmente, ideológico. Isso porque, como nos lembra Foucault (2012, p. 37), o discurso, tal qual um ritual, “determina para os sujeitos que falam, ao mesmo

tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”, exigências que devem ser cumpridas se se deseja entrar nessa ordem discursiva.

O engodo da objetividade, no entanto, só é suficientemente convincente enquanto lidamos com objetos que reproduzem modelos preestabelecidos ou “verdades” preconcebidas. E, embora tente desvencilhar-se de qualquer influência ideológica, as premissas básicas do positivismo já se constituem ideologia. Assim, a ideia de progresso propagada pelas ciências positivistas, além de apriorística, pressupõe um horizonte de expectativas. Na crítica literária, isso se processaria graças à possibilidade de sempre acrescentar novos objetos ao universo das *escrituras* já devidamente examinadas, seja por um movimento de retomada parafrástica ou parodística, em todo caso, um efeito de permanência. Esse movimento de retomada, em linguística, mas também em literatura, é precisamente o que chamamos de intertextualidade.

Perrone-Moisés (2005) denomina a intertextualidade que se estabelece pelo comentário de uma obra literária de *intertextualidade crítica*. Segundo a autora, trata-se de “uma intertextualidade tácita, apropriativa e deformante, em vez de uma intertextualidade declarada e submissa” (p. 72). Poderíamos considerar, ainda, a existência de uma relação metalinguística entre o texto poético e o comentário crítico, e isso corrobora nossa discordância da imparcialidade ideológica, pois nessa relação metalinguística teremos algumas reduplicações: “duas linguagens, duas histórias, duas subjetividades” (Perrone-Moisés, 2005, p. 75).

Em termos práticos, há nesse modelo uma imperiosa limitação, com o cerceamento da liberdade crítica, não devendo o seu trabalho extrapolar a rigidez que recobre um certo paradigma de análise do texto literário, condição para que o comentário crítico ainda seja um discurso sobre o texto poético.

2.3.2 A crítica ideológica

Se a vertente *universitária* da crítica literária busca mostrar-se imparcial e objetiva, o quadro é bastante diverso quando falamos da crítica de interpretação ou ideológica. Esse modelo abraça de bom grado os empréstimos de terminologias das “grandes ideologias do momento, existencialismo, marxismo, psicanálise, fenomenologia” (Barthes, 2013, p. 149). Não que a outra também não o faça, mas, na crítica ideológica, o instrumental dessas “ideologias do momento” é utilizado de maneira explícita, sem o véu da objetividade anti-ideológica. Na verdade, em termos práticos, podemos assentar que a crítica de interpretação

é mais rápida em absorver as contribuições de outras áreas do saber e, talvez por isso mesmo, não se preocupa em ocultar as fontes de onde retira seus argumentos.

Assim, constata-se a existência de uma infinidade de ramificações possíveis, a exemplo da crítica marxista, da psicanalítica, da fenomenológica, da feminista, da pós-colonial, da genética, para citar algumas apenas. Nosso objetivo nesse tópico não é pormenorizar cada uma dessas possibilidades, o que seria uma tarefa hercúlea, dada a quantidade de correntes ideológicas existentes, mas esboçar algumas características mais gerais em contraponto com o tópico anterior e que nos auxiliarão no movimento de análise de nosso *corpus*, de modo a identificarmos na fortuna crítica de *Luzia-Homem* as filiações a que se ligam os críticos desse romance.

A abertura ao novo, expressa por Barthes (2013) pela adjunção de ideologias “do momento”, é vista por Perrone-Moisés (2005) como condição à sobrevivência da crítica diante das transformações sociais, políticas e, sobretudo, científicas da modernidade. É que, não cabendo mais o velho metro para medir as novas produções literárias, ou a crítica se reinventa, ou estará fadada ao arcaísmo. Assim, dois caminhos se mostram igualmente possíveis: adotar o discurso científico ou fazer-se ela própria um discurso poético sobre as obras. No primeiro caso, como já mencionamos, há a incorporação de todo um léxico herdado das correntes científicas/ideológicas do tempo presente, uma espécie de semiologia que se presta “ao esclarecimento do código e das leis de funcionamento” (Perrone-Moisés, 2005, p. 20) do texto literário. No segundo caso, o texto crítico não será mais uma metalinguagem, mas se metamorfoseará em discurso poético, portanto, uma nova *escritura*. Em suma, nesse modelo de análise crítica, ciência e arte são solidárias.

São partidários dessa vertente literatos que exercem atividades acadêmicas, catedráticos, historiadores, psicanalistas, sociólogos etc., cujas produções transitam entre a criação e a recriação poética e que, pelo longo exercício de atividades afins, acabam por ser consagrados como autoridades sobre o texto literário. Aqui se inscrevem nomes como Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Antonio Houaiss, Aurélio Buarque de Holanda, Heloísa Buarque de Hollanda, Otto Maria Carpeaux, Roberto Schwarz, Sérgio Buarque de Holanda, dentre tantos outros que poderiam ser arrolados.

A fim de demonstrar o trânsito desses sujeitos por outras áreas, apresentamos no quadro a seguir alguns dos mais proeminentes críticos da literatura brasileira e suas ligações com outras atividades.

Quadro 1 - Principais críticos literários brasileiros e suas filiações

CRÍTICO	★ – †	ÁREAS DO CONHECIMENTO
Afrânio dos Santos Coutinho	1911 – 2000	Professor, crítico literário e ensaísta. Ocupou a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras.
Antônio Candido de Mello e Souza	1918 – 2017	Sociólogo, crítico literário e professor universitário.
Antônio Houaiss	1915 – 1999	Filólogo, crítico literário, tradutor, diplomata, enciclopedista e ministro da cultura do Brasil no governo Itamar Franco.
Antonio Alcir Bernardez Pécora	1954 –	Professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas.
Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	1910 – 1989	Lexicógrafo, professor, tradutor, ensaísta e crítico literário.
Heloísa Helena Oliveira Buarque de Hollanda	1939 –	Ensaísta, escritora, editora, e crítica literária.
Lucia Miguel Pereira	1901 – 1959	Crítica literária, biógrafa, ensaísta e tradutora brasileira.
Massaud Moisés	1928 – 2018	Professor titular da Universidade de São Paulo (USP).
Otto Maria Carpeaux	1900 – 1978	Jornalista, ensaísta, poliglota, crítico literário, crítico de arte, crítico de música, e historiador literário austríaco naturalizado brasileiro.
Roberto Schwarz	1938 –	Crítico literário e professor aposentado de Teoria Literária, austríaco naturalizado brasileiro.
Sérgio Buarque de Holanda	1902 – 1982	Historiador, sociólogo, escritor, crítico literário, jornalista e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores.
Sílvio Romero	1851 – 1914	Crítico, professor de filosofia, polímata, cofundador da Academia Brasileira de Letras, deputado provincial em Sergipe.

Fonte: Adaptado da Galeria de Críticos da Biblioteca Pública do Paraná (Paraná, 2020).

Como podemos perceber, nem todos os críticos listados são letrólogos por formação, embora tenham encontrado nas letras uma intersecção com o jornalismo, a história, a música, a filosofia, a sociologia, a diplomacia, a política etc. Desse modo, é possível afirmar que esses

sujeitos desempenham papéis diversos no tecido social e, portanto, em maior ou menor grau, assumem as influências que essas outras áreas de atuação lhes emprestam à atividade crítica.

A escolha destes, que pressupõe a exclusão de outros, se deu pela familiaridade que temos com alguns de seus escritos, num ato de exercício da nossa subjetividade. Aliás, a essa altura, talvez devamos situar que o que intentamos neste capítulo seja uma espécie de crítica da crítica ou uma história crítica da crítica e, como tal, essencialmente ideológica, uma vez que nosso lugar – um programa de pós-graduação –, por si só, já se configura como espaço regado por várias ideologias.

3 A FORTUNA CRÍTICA DE *LUZIA-HOMEM*

Como vimos pontuando, o posicionamento da crítica literária especializada tem sido veemente em apontar desníveis na linguagem dos personagens de *Luzia-Homem*. Dos juízos que mais se sobressaem sobre o escritor e sua obra destacam-se os emitidos pela crítica e ensaísta Lucia Miguel Pereira que, em *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*, afirma ser Olímpio um

Escritor sem grande poder verbal, ataviado demais, sem verdadeiro domínio das palavras, que não se ajustam ao tema, e são muitas vezes arrevesadas, outras impróprias – logo no período inicial de *Luzia-Homem* há uma troca entre ‘declive’ e ‘aclive’, extremamente chocante – Domingos Olímpio é entretanto um autêntico e forte romancista regional (Pereira, 1988, p. 201).

Já nessa primeira aproximação que a crítica faz do autor, percebemos sua apreciação sobre o uso da linguagem, observando uma possível troca de léxico que não resulta em dificuldade de compreensão, mas julga como “extremamente chocante”. No mesmo período, no entanto, soando como um posicionamento antagônico, ela afirma a autenticidade e a força do escritor. Na continuidade de sua *História da literatura brasileira*, esse movimento de “morde e assopra” vai ser frequente no modo como se posiciona sobre os autores e suas obras.

Pereira (1988) não se demora a enfileirar influências, situando a prosa de Domingos Olímpio “entre a esteira de Graça Aranha e a de Aluísio de Azevedo” (p. 201), colocando “a obra estudada em relação com [...] um *alhures*”, como já asseverou Barthes (2013, p. 151). Esse *modus operandi* é, aliás, o que nos possibilita rotular a ensaísta cearense como sendo mais partidária da vertente crítica analógica. Nesse movimento, a singularidade das obras dá lugar ao que é recorrente, pela comparação, como se somente fosse possível obter notoriedade a escrita que guarda alguma semelhança com outras.

Prosseguindo em sua exposição sobre *Luzia-Homem*, deparamo-nos com a seguinte assertiva: “A grande deficiência deste livro reside no desnível entre a concepção e a execução, na grandeza daquela, na fraqueza desta. O escritor, em Domingos Olímpio, fica muito aquém do criador” (Pereira, 1988, p. 202). Para além do aspecto valorativo expresso por essas palavras, a crítica chama atenção para algo que julgamos extremamente difícil de se mensurar, pois somente conhecendo as motivações e intenções do autor poderíamos afirmar que o que ele entrega não é, de fato, o que havia concebido. Percebe-se nesse excerto o lugar que costumeiramente tomam para si os críticos, colocando-se acima dos demais leitores e, por vezes, até dos autores. E isso se torna ainda mais grave quando assumido como um argumento

de autoridade que é utilizado para banir autores e obras efetivando-se, por fim, sua exclusão dos cânones.

Essa não parece ser a intenção da crítica, uma vez que o fato de elencar o autor e sua obra na historiografia literária brasileira já é, por si só, uma forma de acentuar sua importância, sua permanência, no entanto, parece-nos haver muitos outros aspectos relevantes para se pontuar sobre *Luzia-Homem* que a crítica passa ao largo.

Em um mesmo movimento pendular, oscilando entre o desfavor e o elogio, ainda sobre a construção dos personagens do romance, Pereira (1988) pontua que

Tão canhestro quando faz pensarem as personagens, Domingos Olímpio possui entretanto o *dom* de movimentá-las, de distingui-las por suas ações e reações. Os caracteres se desenham com nitidez sempre que o autor não os pretende explicar. E todos se enquadram bem no ambiente (p. 204, grifo nosso).

Essa hesitação constante da crítica, como se buscasse eximir-se de qualquer posicionamento, restando somente a pretendida objetividade de sua análise, não consegue dissimular por muito tempo o que está na base desse projeto – separar o que é “boa” literatura do restante. Ainda assim, é preciso reconhecer que, dentre os principais críticos da literatura brasileira, é Lúcia Miguel Pereira quem mais se deteve na obra de Domingos Olímpio, destinando cinco páginas de sua *História da literatura brasileira* a observações sobre o autor e seu romance.

Situação bem distinta encontramos quando percorremos as centenas de páginas da *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2013) ou da *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido (2000), em busca de menções a Domingos Olímpio ou a *Luzia-Homem*.

Em Bosi (2015, p. 183), há uma referência ao determinismo e aos “seres distorcidos”, em que ele enfileira a protagonista do romance de Olímpio ao lado de personagens de Aluísio de Azevedo, Raul Pompeia, Adolfo Caminha e Inglês de Souza. Outra menção, desta feita sobre o Naturalismo e a inspiração regional, em que pontua:

Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo e, pouco depois, Antônio Sales, abeiraram-se do interior cearense num período em que tudo concorria para acelerar o declínio do Nordeste [...]. A vivacidade desse contexto cultural permitiu virem à luz alguns romances regionais: *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio Braga Cavalcanti (1850-1906), ingênua e bela história de uma retirante de 77, cujos modos másculos ocultavam sentimentos bem femininos (Bosi, 2013, p. 206-207, grifos do autor).

Por fim, há mais duas breves referências a Olímpio. Uma quando o coloca como um dos escritores naturalistas, ao lado de Manuel de Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo e Lindolfo Rocha (Bosi, 2013, p. 422) e outra, em que também aproxima Olímpio de seus conterrâneos, dizendo que “O Ceará conta com prosadores que honram a tradição do romance naturalista que lá conheceu o alto exemplo de Oliveira Paiva e Domingos Olímpio, sem falar nos pais da literatura regional brasileira, Alencar e Franklin Távora” (Bosi, 2013, p. 455).

As pontuações de Bosi (2013) sobre Olímpio e sua obra estão mais a serviço de uma historiografia literária, pois quase inexistem posicionamentos críticos, exceto quando inscreve *Luzia-Homem* na tradição literária naturalista, em que aponta alguns poucos aspectos da constituição da protagonista.

Em *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido faz apenas uma menção ao autor de *Luzia-Homem*, quando comenta as obras de Franklin Távora e Alfredo de Taunay. Nas palavras do sociólogo e crítico,

Resta dizer que os dois romancistas não são de qualidade equivalente. O cearense [Franklin Távora] apresenta hoje um interesse quase apenas histórico, como fundador dum tipo especial de regionalismo, de cunho social, que, através de Domingos Olímpio, chegaria até nós com os ‘romancistas do Nordeste’. Tunay, pelo contrário, sendo no conjunto escritor igualmente mediano, tem mais senso artístico, e continua vivo graças ao idílio sertanejo de *Inocência*, um dos romances mais bonitos do Romantismo (Candido, 2000, p. 266).

Ponderando sobre as obras dos autores supracitados, Candido deixa entrever um elogio a Domingos Olímpio, apontando sua produção como regionalista e de cunho social. Não se encontra nenhuma outra alusão ao autor ou a sua obra.

Dando prosseguimento a esse apanhado de observações críticas sobre *Luzia-Homem*, encontramos em *A literatura brasileira através dos textos*, de Massaud Moisés (2004), depois de longos recortes do romance, um parágrafo de comentário crítico. Num jogo de palavras em que expressa algumas contradições, o crítico diz tratar-se o romance de uma obra “nos limites do Naturalismo” (Moisés, 2004, p. 261) ainda eivada de valores românticos. Esse romantismo tardio, segundo o professor, manifesta-se, sobretudo, no “perfil tipológico de Luzia” (p. 262). Ele ainda chama atenção ao fato de a seca também se constituir personagem do romance e faz um contraponto entre Domingos Olímpio e José de Alencar, dizendo que o “sertanejismo de *Luzia-Homem* procura *respeitar fielmente a realidade dos fatos*, por mais cruentos que sejam. Daí o ar de romance-reportagem ou documentário” (p. 262, grifo nosso).

O comentário de Moisés se estende para além das personagens ou do enquadramento do romance em uma ou outra escola literária quando o crítico expõe seu ponto de vista sobre

a linguagem, que é, segundo ele, “menos apurada do que era comum na época, por certo colabora para a atmosfera de reportagem que domina a narrativa, mas rouba-lhe parte do fulgor e amortece o impacto que a visão das cenas dos retirantes poderia ocasionar” (Moisés, 2004, p. 262).

Assim como os outros críticos já mencionados, Massaud Moisés não se demora no comentário sobre a linguagem do romance, restando apenas uma opinião, sem qualquer abonação. Por fim, seu texto crítico sobre *Luzia-Homem* termina, como tem-se observado nos seus consortes, com o enquadramento de Domingos Olímpio na prosa realista, ao lado de Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Celso Pedro Luft também comenta sobre a vida e a obra de Olímpio em seu *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*, de 1979. O professor, linguista e dicionarista brasileiro apresenta alguns dados biográficos do autor, lista todas as suas obras e passa a tecer alguns comentários a partir do que os críticos literários já haviam exposto. Dentre os citados, destaca o posicionamento de Lúcia Miguel Pereira, que já mencionamos, e o de Otto Maria Carpeaux, que o classifica como “um dos últimos naturalistas da literatura brasileira” (Carpeaux *apud* Luft, 1979, p. 251). Interessante notar que, como dicionarista e linguista, o professor Luft vai um pouco além do que os críticos supracitados, apontando

[...] um interessante traço estilístico: o prefixo *in-* combinado com o sufixo *-vel*, em formações adjetivas como *impassível*, *implacável*, *irreprimível*, *irrepressível*, *indomável*, *invencível*, *irresistível*, *irremediável*, *inquebrantável*, etc.; dezenas desses adjetivos, e substantivos como *impulso*, *ímpeto*, *fatalidade*, *inclemência*, e ainda expressões como *a investida dos instintos*, *a fatalidade a arrastara*, *à mercê da fatalidade intangível e cega*, *destino inexorável*, *o coração não se governa* – parecem bastante elucidativos (Luft, 1979, p. 251, grifos do autor).

Essa observação se soma a outra, em que afirma: “Os costumes dos sertanejos e a sua fala têm sabor local. Palavras e modismos (como *maginar*, *punir* (lutar), *uma pinga d’água*, *grogomilhos*, *cascavilhar na vida alheia*, etc.) contribuem para isso” (Luft, 1979, p. 251, grifos do autor). Aqui é possível perceber o olhar do linguista examinando o léxico dos personagens e atestando sua pertença – a fala dos personagens é a fala dos sertanejos, “têm sabor local”.

Finalizando o verbete, como ele mesmo denominou, Luft também aponta as falhas do romance, listando-as como se segue e apensando o posicionamento crítico de Lúcia Miguel Pereira. Vejamos:

As falhas que diminuem um pouco a obra são: a sobrecarga de descrições, a prolixidade da narrativa e, sobretudo, certa insuficiência de expressão ainda prejudicada com excessos retóricos. O autor tende para a inflação verbal, tiradas pomposas e palavras arrevesadas. A retórica falseia sobretudo os monólogos interiores com um tom inadequado: parecem antes discursos do que reflexões. Lúcia Miguel Pereira viu bem o desnível entre a concepção e a execução: a linguagem de Domingos Olímpio não está sempre à altura da bela história que ele concebeu (Luft, 1979, p. 252).

Uma vez que corrobora o posicionamento da crítica, compreendemos que o linguista, embora reconheça a grandeza da obra de Domingos Olímpio e até ateste a riqueza estilística de *Luzia-Homem* por meio de exemplos extraídos do texto, não se desprende do argumento de autoridade legado das apreciações críticas que lhe antecedem, repetindo o consenso que se formou sobre o desnível entre a concepção e a execução do romance.

No *Panorama Literário I*, da Academia Cearense de Letras, encontramos um ensaio crítico intitulado “Luzia-Homem - força e delicadeza num romance trágico”, de Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa (2006), em que a professora e acadêmica faz uma análise do romance ao mesmo tempo em que compendia os principais julgamentos que a crítica já havia proferido sobre a obra de Domingos Olímpio. Após contextualizar os conflitos existentes na trama e discorrer sobre a constituição da personagem, que, na sua compreensão, se faz por um “jogo dos contrários”, a professora tece algumas observações quanto ao estilo. Segundo ela,

Luzia-Homem é um romance de leitura fácil, ainda que a linguagem, em alguns trechos, apresente exagerada adjetivação. [...] A história cresce nos diálogos, que são naturais e verdadeiros. O ambiente de penúria e desolação, provocado pela ausência de chuvas, é descrito numa linguagem naturalista, que revela a degradação dos corpos e dos espíritos humanos, acirrados pelos instintos (Barbosa, 2006, p. 273).

Embora chame atenção para o excesso de adjetivos empregados por Olímpio na construção da narrativa, a acadêmica não deixa de comentar um ponto positivo da criação, os diálogos naturais e verdadeiros e, como parte da crítica já o fizera, também considera, quanto à linguagem, o romance naturalista. Não é difícil de concordar com seu posicionamento crítico, sobretudo, quando consideramos que a realidade social da seca é exposta de forma muito vívida.

Na continuidade de sua análise, fazendo um movimento semelhante ao que outros críticos adotam, Barbosa (2006) pontua um aspecto positivo da obra para, em seguida, contrapô-lo. Primeiramente, na visão da professora, Olímpio é feliz ao trazer para a trama a riqueza da cultura popular nordestina, ao dizer que “A lenda da mãe-d’água, as quadras

populares, os folguedos infantis, expressos no dialeto da região, são referências ao rico folclore nordestino” (p. 274). Mas, em seguida, ratifica o pensamento já consolidado pela crítica, ao concluir seu texto dizendo que

As deficiências de estilo, apontadas pela crítica, dizem respeito à linguagem empolada, tanto nas descrições, quanto no discurso indireto livre, quando o narrador expressa os pensamentos da protagonista em uma língua-gem que não condiz com a fala de uma sertaneja nordestina (Barbosa, 2006, p. 274 *sic*).

Essa postura, que vai se repetindo a cada leitura emprestada ao romance, faz parecer que contra o argumento de autoridade legado da crítica mais tradicional pouco ou quase nada de discrepante é possível se dizer. Fica evidente uma hesitação e certa comodidade em não “tomar partido”, como se o que se disse anteriormente seja assumido como verdade única e inabalável, ou como pretense senso de justiça, em todo caso, prejudicado por leituras parafrásticas que não se distanciam do que já fora enunciado sobre a obra.

Lembrando-nos de que a atividade crítica sempre esteve a serviço da manutenção de um *status quo*, é preciso que se questionem as estratégias discursivas empregadas por aqueles que se acham investidos da autoridade de declarar, de forma tão assertiva, julgamentos que podem afastar os leitores de determinadas obras. É que a repetição de posicionamentos que se observa vai ficando tão acentuada que o efeito de permanência de um discurso sobre a obra em análise parece imutável, a despeito das transformações por que passam o tempo e o espaço. E esse efeito de permanência é, também, o que torna certos escritos clássicos da literatura, como bem pontua Ítalo Calvino (1993) em *Por que ler os clássicos*.

Em *Tal Brasil, qual romance?*, Flora Süssekind (1984) explora a relação entre a ciência e a ficção no romance naturalista. Na sua ótica, o projeto estético-ideológico do naturalismo, no entanto, experimentou algumas rupturas, sendo *Luzia-Homem* o romance que faz sentir esse corte com mais força, por desprender-se da linguagem dos homens doutos e dar voz à sabedoria popular. Segundo a crítica,

Quem possui credibilidade no texto de Domingos Olímpio não é um discurso médico ou um conjunto de leis de hereditariedade. Os donos de um saber privilegiado não são os doutores e sim o contador de histórias, Raulino, e uma vidente, Rosa veado. Desse modo, não é mais em analogia com ‘verdades científicas’ ou ‘casos clínicos’ que se constrói a narrativa de *Luzia-Homem* (Süssekind, 1984, p. 142).

Essa recusa ao discurso médico-científico também vai se inscrever no modo como as personagens femininas serão retratadas. Apontando aspectos da constituição psicológica dos

personagens, Sússekind (1984) afasta a protagonista da classificação que costumeiramente era reservada à mulher, de temperamento histérico, e reconhece em *Luzia-Homem* traços da donzela-guerreira, uma vez que a personagem, criada como homem, tem um porte vigoroso e é disposta para o trabalho braçal.

Sob a perspectiva da desconstrução, Marta Bergamin (2010), em sua dissertação de mestrado intitulada *Luzia-Homem só lâmina: uma leitura do romance de Domingos Olímpio (1903)*, analisa o romance de Olímpio buscando problematizar o que se entende por realismo/naturalismo. Ancorada em Jacques Rancière, a autora faz uma ampla contestação às ideias ortodoxas de arte enquanto mimese, assumindo a definição de representação nos termos propostos pelo filósofo, segundo o qual “o realismo não significa de modo algum a valorização da semelhança, mas a destruição dos limites dentro dos quais ela (mimese) funcionava” (Rancière, 2005, p. 35).

Buscando compreender o processo de adaptação do romance *Luzia-Homem* para o gênero cordel, Ana Márcia Soares (2023), em sua dissertação de mestrado intitulada *Atualizações semióticas em Luzia-Homem: um diálogo entre o romance e cordéis de Arievaldo Viana e Stélio Torquato Lima*, retorna ao romance de Olímpio tratando-o como texto-fonte que, por meio do processo de tradução intersemiótica, se apresenta em novo formato, mas mantendo o plano do conteúdo.

Para além da intermedialidade, sua pesquisa explora aspectos da constituição da personagem, explorando “O mito da inocência perseguida” e “O mito da maldade castigada” (Soares, 2023). Como mencionamos acima, no tocante à crítica, a pesquisadora atesta o efeito de permanência, agora da obra de arte, pois a adaptação de um romance para outros gêneros, ao passo que reinventa a forma, mantém a fabulação. Quanto aos achados de sua pesquisa, a autora conclui que

Os principais temas e figuras mantêm-se com predominância entre o romance e os folhetos. Sobre as reiteraões, alguns se apresentam pelos vocábulos ‘mordida, rumar, rejeitado, tombou, escrava, casaria, milagre, defendendo’. E os mesmos aludem diretamente aos temas sentimento, destino, rejeição, morte, escravidão, união, sobrenatural e honra (Soares, 2023, p. 133).

Vale destacar que, além de adaptações para o cordel, *Luzia-Homem* também recebeu adaptação para o cinema, em 1988, sob direção de Fábio Barreto, em que a personagem Luzia-Homem é vivida pela atriz Claudia Ohana. Mais recentemente, o romance também foi adaptado para os quadrinhos. Intitulada somente por *Luzia* (2021), a adaptação tem roteiro de Zé Wellington e ilustração de Débora Santos.

Embora os textos adaptados não consistam em comentários críticos à obra, essas releituras acabam despertando o interesse pelo texto-fonte, pois fomentam comparações, e, por conseguinte, novos comentários. É o que faz Carmélia Aragão (2021), quando escreve sobre o trabalho de Zé Wellington e Débora Santos, no posfácio de *Luzia*, dizendo que:

[...] a história em quadrinhos *Luzia* restitui à personagem uma nova experiência de discurso: o visual. Desde o título, se reconhece Luzia como pessoa. Débora Santos, por sua vez, a empodera, com traços sem o apelo das musculosas heroínas da Marvel, fazendo-a mais presente como nossas mulheres sertanejas. O roteiro de Zé Wellington, apesar de seguir com fidelidade o romance original de 1903, consegue se sobrepor ao amargo fatalismo do início do século XX. Em tempos pandêmicos, tão distante e tão próximo daquele início de século, Luzia é nosso descanso na serenidade perdida (Aragão, 2021, p. 92).

No processo de transmutação efetuado por Zé Wellington, a voz do narrador sai de cena, restando recortes das falas das personagens. O que garante o encadeamento dos fatos, função desempenhada no texto-fonte exatamente pelas intromissões do narrador, nos quadrinhos é feito pela sequência das imagens. O roteirista organiza seu texto mantendo-se fiel aos diálogos do romance.

Ao término da adaptação, Zé Wellington oferece aos seus leitores um pequeno glossário com 71 (setenta e uma) entradas lexicais, contendo termos característicos da linguagem regional, como substantivos, adjetivos e/ou locuções adjetivas, verbos e/ou locuções verbais e até alguns topônimos que auxiliam o leitor na compreensão das dimensões linguísticas e geográficas do Ceará presentes no romance de Olímpio.

Ganhador do Prêmio Ceará de Literatura de 1993, *O pictórico em Luzia-Homem*, de José Leite de Oliveira Jr. (1997), busca estabelecer um paralelo entre o romance de Domingos Olímpio e as artes plásticas, enfatizando a proximidade entre dois sistemas semióticos: o texto verbal e a pintura. Segundo o pesquisador, *Luzia-Homem* tem um caráter enigmático, que ele busca decifrar recorrendo aos elementos estruturais da visualidade.

Oliveira Jr. (1997) também faz uma recolha dos principais posicionamentos críticos sobre a obra e atesta que “No que pudemos avaliar, Domingos Olímpio sofre de um injurioso infortúnio crítico, fato que o tem condenado à situação de indignância intelectual” (p. 19). Dentre os críticos referenciados pelo pesquisador, destaca-se o que já apontara Lúcia Miguel Pereira, Massaud Moisés e Afrânio Coutinho, mas ele não se prende aos posicionamentos destes críticos, antes, procura enxergar e nos mostrar os traços impressionistas (da pintura) na tecitura do texto de Olímpio.

Essa aproximação intersemiótica feita por Oliveira Jr. (1997) adensa as possibilidades de leitura do romance e corrobora nossa tese de que *Luzia-Homem* sofreu uma injustiça crítica. Em suas palavras:

Foi a leitura do livro, e nada mais, que nos fez desconfiar da crítica feita até hoje ao romance selecionado. Partimos da hipótese de que havia um negativismo crítico em curso, por certo motivado pela incompreensão do que o autor propunha. O romance LH parece frustrar expectativas, particularmente se a investigação não atentar para as especificidades da obra, como sua aproximação com o universo da pintura. O que mais me preocupa nesse negativismo crítico é a motivação ideológica que pressupõe um estereótipo de cultura nordestina (Oliveira Jr., 1997, p. 95).

Sobre o trabalho do pesquisador, o professor Luiz Tavares Junior (1997, p. 10), no prefácio do livro, atesta que Oliveira Jr.

[...] bem apetrechado com o instrumental da teoria literária moderna, soube ir além dos aspectos menores e fixar as reais linhas de força do romance, em sua especificidade de uma narrativa impressionista, visível nos matizes estilísticos da linguagem, quando a elaborar e a expressar os quadros descritivos ou a caracterização das personagens (Tavares Junior, 1997, p. 10).

De fato, após compartilhar do ponto de vista de Oliveira Jr., outras possibilidades de leitura se abrem ao romance de Olímpio, que se mostra rico em intersecções verbo-visuais, inclusive com referências diretas do narrador à composição de cenas pitorescas.

Também de Oliveira Jr. (2015), encontramos o artigo “Atualidade de *Luzia-Homem*”, publicado na *Revista Entrelaces*, em que o pesquisador lista algumas razões para se ler *Luzia-Homem* nos dias de hoje, quais sejam: “o valor estético, o histórico-literário e o cultural” (p. 115). No referido artigo, o autor explora, a partir do romance, temas como regionalismo, a grande seca de 1877, os aspectos simbólicos e míticos que envolvem a protagonista, a cultura e a linguagem regionalista, concluindo que o romance em tela é o “documento de uma época” (Oliveira Jr., 2015, p. 126).

Em *Luzia-Homem: aspectos da crítica sobre uma obra*, Carmélia Maria Aragão (2008) disserta sobre o romance de Domingos Olímpio abordando os métodos de análise literária, os traços estéticos do romance e sua fortuna crítica para chegar a um aspecto bastante peculiar: a crença, por parte dos locais, de que a protagonista do romance foi, de fato, uma cidadã sobralense.

A pesquisadora, que é natural da cidade de Sobral, introduz seu estudo justificando a escolha do *corpus* e a pertinência de sua pesquisa, além de apresentar informações históricas e geográficas de seu lugar com a precisão de quem não apenas leu, mas conhece a conjuntura

política, social e cultural de seu povo. Como as demais pesquisas até aqui apresentadas, Aragão (2008) também se deteve na recolha de fortuna crítica sobre o autor e a obra, nas reflexões sobre crítica e cânone, mas o dado que singulariza sua pesquisa encontra-se no quinto capítulo de sua dissertação, em que apresenta a quebra do pacto ficcional.

Dentre as razões para que se tenha formado um imaginário que atribui uma existência real à personagem de Domingos Olímpio, destacam-se a utilização de dados reais por parte do autor do romance, também sobralense, e a proximidade que há entre a personagem e o real, além de fecunda narrativa histórico-mítica que a pesquisadora compreende como uma “tradição inventada” (Aragão, 2008, p. 86). Segundo a autora, foi a ideia de uma “‘Sobralidade Triunfante’ que projetou Luzia-Homem para as ruas e o cotidiano das pessoas” (p. 91).

Interessante perceber como o mito se inscreveu na memória coletiva dos moradores da cidade de Sobral e como a criação ficcional revestiu a personagem de traços verossímeis, o que, adiante, nos possibilitará afirmar ser Luzia-Homem “uma de nós”³.

Utilizando-se da semiótica greimasiana, Natália Silva Athayde (2014) empreende uma análise sobre a constituição da identidade de Luzia-Homem, em sua dissertação intitulada *Luzia-Homem: a construção de simulacros identitários*. Seus achados apontam para a multiplicidade de aspectos relacionados à constituição da personagem, que são tomados como simulacros parciais e impossibilitam a delimitação de uma única identidade para a protagonista.

Em seu percurso de análise, Athayde (2014) foca em diversos personagens e traça o perfil de cada um deles, bem como na ambiguidade expressa pelo par masculino *versus* feminino que vai marcar o modo como cada um dos atores enxergam Luzia.

A fragmentação da identidade da protagonista é, segundo a pesquisadora, resultado dos diferentes pontos de vista que são empregados para descrevê-la:

[...] percebemos modos distintos e complementares de construção do simulacro de Luzia, relacionados às várias formas de conhecimento: o científico, o popular, o empírico, o jurídico e o do senso comum, como se cada um dos atores selecionasse, em função do seu lugar de observação, propriedades e atributos parciais de Luzia para lhe compor a identidade (Athayde, 2014, p. 103).

Os diferentes simulacros que perfazem a tentativa de fixar-lhe uma identidade, segundo Athayde (2014), têm em comum a feminilidade como traço permanente.

³ Categoria analítica empregada por Northrop Frye (2014) em *Anatomia da crítica*, sobre a qual discorreremos adiante.

Finalizando esta fortuna crítica de *Luzia-Homem*, não nos furtamos a comentar o dossiê “A ‘macho e fêmea’ e a família: *Luzia-Homem* e o sertão cearense”, de Nilson Almino de Freitas (2007), que é categorizado pelo próprio autor como “exercício de *ficção sociológica*” (p. 26). Explicando em que consiste seu trabalho, o pesquisador esclarece que não se trata de uma crítica literária e diz: “[...] o texto que ora apresento é fruto da arte de imaginar a obra literária como um relato descritivo, criado pelo autor do romance, de acontecimentos não ponderados enquanto fontes de pesquisa, mas que são aqui analisados enquanto tal” (p. 27).

Em todo caso, embora queira esquivar-se do rótulo de crítico, metodologicamente, seu texto se apresenta muito semelhante ao que tem feito a crítica sociológica, relacionando aspectos presentes na obra com outros da conjuntura social vigente à época da narrativa. Atenção especial é dada à “situação social da mulher, à relação do sertanejo com a família e à relação destes com o poder público” (Freitas, 2007, p. 31). Em seu dossiê, o pesquisador aponta um traço identitário ainda hoje muito presente nos interiores nordestinos que é o pertencimento. Vejamos:

É uma constante os personagens fazerem referência à família para justificarem qualquer atitude, conduta, comportamento e conceito moral, por mais individual que estes possam emergir da narrativa. *Tudo se resume a ter uma família*, o que condiciona um reconhecimento social por parte do grupo de relação do indivíduo, ou ser um desterrado, um perdido, o que é mais grave quando diz respeito à condição social da mulher (Freitas, 2007, p. 33, grifos nossos).

O que é apontado por Freitas (2007), de forma até generalizante, de fato, não é difícil de se verificar na realidade empírica, uma vez que nossa sociedade não se desvencilhou das máculas deixadas pelo patriarcalismo, fazendo distinção entre homens e mulheres e tentando obliterar qualquer subjetividade que perturbe o binômio masculino/feminino, o que é muito perceptível na leitura de *Luzia-Homem*. Por fim, conclui reiterando que “O romance deixa a impressão de que a mulher sofre uma maior pressão no sentido de ser obrigada a encontrar no seio da família a proteção. A mulher que não tem um vínculo familiar é uma perdida” (Freitas, 2007, p. 38).

Após levantamento e exame de livros, teses, dissertações e artigos em busca de posicionamentos críticos sobre *Luzia-Homem*, resta claro que o romance de Domingos Olímpio dividiu e ainda divide opiniões tanto no que diz respeito ao seu lugar dentro de uma ou de outra corrente literária, quanto à sua qualidade estética, especialmente, no tocante à linguagem das personagens. Outro aspecto que merece destaque é o fato de que grandes

nomes da crítica e da historiografia literatura brasileira, em geral, são lacônicos quando se propõem a comentar o romance.

Os estudos acadêmicos quase sempre apontam a dificuldade de encontrar fontes de pesquisa sobre o autor e sua obra, mas se aventuram mais que a crítica consagrada em tecer comentários e propor possibilidades de leitura da obra tomando de empréstimo as lentes de várias correntes ideológicas.

Também empreendemos alguns comentários críticos sobre a obra de Domingos Olímpio, desta feita, buscando situar certas reminiscências arquetípicas que são recobradas pela figura de Luzia e analisando seu *páthos* trágico, como se demonstra nos tópicos a seguir. Além de explorar alguns aspectos da narrativa, o interesse último recai em compreender a constituição da protagonista como “uma de nós”, segundo a tipologia expressa por Northrop Frye (2014) em *Anatomia da crítica*.

3.1 MÍSTICA, FOLCLORE E RELIGIOSIDADE EM *LUZIA-HOMEM*

O final do século XIX e o início do século XX foram marcados por larga produção literária que narra as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos decorrentes de um período (1877-1879) marcado por grandes secas no nordeste brasileiro. Seguindo essa temática, Domingos Olímpio, escritor cearense, também se presta a registrar essa catástrofe climática em seu romance *Luzia-Homem*, de 1903. Tematicamente, irmanam-se ao romance de Olímpio outros como *Os retirantes* (1889), de José do Patrocínio, *A Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo, *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos.

Na narrativa de Olímpio, Luzia-Homem é a alcunha dada à protagonista do romance homônimo que transcorre na pequena Sobral, no interior do Ceará, cidade fustigada pela grande seca que assolou o nordeste brasileiro no final do século XIX. A personagem, órfã de pai, trabalha como homem para garantir seu sustento e de sua mãe idosa, enfrentando com sua força descomunal o sol escaldante na frente emergencial que construía a cadeia pública da cidade. A história aponta que essa construção se deu entre os anos de 1877 e 1879, o que nos auxilia a determinar o tempo em que transcorre a narrativa.

Luzia-Homem apresenta dois conflitos principais – a luta do sertanejo com a seca, que vai marcar, em maior ou menor grau, todos os personagens e a relação entre a protagonista e o soldado Crapiúna. Esses conflitos tensionam toda a trama, que tem um desfecho trágico. Luzia sobrevive aos infortúnios da seca, mas não escapa das investidas do soldado.

O romance é narrado em terceira pessoa, por um narrador do tipo onisciente intruso, que, segundo Leite (2000, p. 26-27), “tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, por trás, adotando um ponto de vista divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço”.

Quanto à estética, *Luzia-Homem* tem sido apontado pela crítica especializada como de difícil categorização, havendo quem advogue se tratar de um romance regionalista (ponto relativamente pacífico, dada a temática da seca e a ambientação no nordeste brasileiro), outros que o consideram pré-modernista, ainda, naturalista, realista e de feições impressionistas. Talvez dessa dificuldade de enquadrá-lo numa estética única decorra o que Oliveira Júnior (1997) chamou de “infortúnio crítico” de *Luzia-Homem*.

Em *Luzia-Homem* percebemos uma tecitura que combina aspectos míticos, folclóricos e religiosos presentes no imaginário finissecular e esses elementos vão se manifestar, sobretudo, na caracterização da protagonista, que desestabiliza a ordem social vigente exatamente por apresentar características ambivalentes, e nas escolhas lexicais do romancista, como veremos a seguir.

3.1.1 Reminiscências arquetípicas em *Luzia-Homem*

No tocante à caracterização da protagonista, marcada pelo estigma varonil, *Luzia-Homem* nos remete a outras heroínas que igualmente desestabilizam o binômio masculino/feminino, a exemplo de Diadorim, do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa; Margarida, do romance *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva; produções brasileiras que retomam o mito da donzela guerreira, presente na cultura ibérica, mas também encontrado em literaturas orais e/ou folclóricas de outros continentes, como a *Balada de Mulan*, poema chinês de autoria desconhecida e datado do século V d.C., e até em personagens históricos como Joana d’Arc.

Sobre essas figuras ambivalentes, a professora Walnice Nogueira Galvão, em *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*, pontua que:

Para melhor compreender a donzela-guerreira, é preciso compará-la com as demais. Entre tantos destinos de mulher, ela se destaca, de saída, por ser outra: ela não é mãe, nem esposa, nem prostituta, nem feiticeira, etc. Seu nicho muito especial deve ser procurado onde não radica nenhuma dessas (Galvão, 1998, p. 34).

Por reunir qualidades tanto masculinas quanto femininas, essas heroínas evocam o arquétipo do hermafrodita. Na mitologia grega, Hermafrodito, filho de Afrodite e Hermes, é descrito como um jovem de extraordinária beleza, que não se interessava por mulheres, mas foi “possuído” pela ninfa Salmácis e, nesse contato, seus corpos amalgamaram-se para sempre, doravante, dois opostos que se complementam, masculino e feminino que se fundem numa perfeita harmonia.

Embora a ideia de um ser andrógino carregue consigo um ideal de completude, os seres andróginos reais ou fictícios, quando não são alvo de curiosidade, são estigmatizados, excluídos, tornam-se motivo de piada. Em *Luzia-Homem*, a heroína desperta essas reações tanto de homens quanto de mulheres, senão, vejamos:

- A modos que despreza de falar com a gente, como se fosse uma senhora dona – murmuravam os rapazes remordidos pelo despeito da invencível recusa, impassível às suas insinuações galantes.
- Aquilo nem parece mulher fêmea – observava uma velha alcoveta e curandeira de profissão. – Reparem que ela tem até cabelos nos braços e um buço que parece bigode de homem... (Olímpio, 1973, p. 28).

Se os homens a menosprezam por sua recusa aos galanteios, reforçando a imagem de pureza virginal, o despeito das mulheres se deve ao fato de a heroína sobrepujá-las em força e beleza: “Em plena florescência da mocidade e saúde, a extraordinária mulher [...] encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão” (Olímpio, 1973, p. 28-29) e “Em boniteza, verdade, verdade, mete vocês todas num chinelo” (Olímpio, 1973, p. 29). Em termos, a androginia da heroína diz apenas de sua condição social, não de sua compleição física, vez que seus atributos de feminilidade são encobertos para dar visibilidade a seus feitos viris.

Assim, como postula Frye (2014), quanto aos modos ficcionais, podemos considerar ser Luzia uma heroína do modo mimético baixo, cujas “personagens são geralmente apresentadas como aparecem para as outras, completamente vestidas e com uma grande porção, tanto de suas vidas físicas como de seus monólogos interiores, cuidadosamente extirpada” (Frye, 2014, p. 165). Embora o tom irônico persista na maior parte da narrativa, esta não se enquadra no modo irônico apresentado por Frye (2014), exatamente porque a heroína, como seu próprio nome prenuncia, guardando seu ideal de pureza, reveste-se de uma tragicidade que a eleva a um “degrau mais heroico do que o irônico” (p. 165).

Retomando o étimo da palavra “luzia”, esta deriva da raiz latina *lux*, da qual surgem *luz* e *luzir*, e, por extensão de sentido, *brilhar* e *resplandecer*. De fato, Luzia é a personagem

central sobre a qual incidem as luzes, e, nesse sentido, outro arquétipo evocado pela figura da heroína é tomado de empréstimo da mitologia cristã.

Na hagiografia cristã, a figura de Santa Luzia (ou Santa Lúcia), venerada desde o século IV (Silva, 2017), é representada como aquela que se recusa a negar a fé cristã bem como seu voto de castidade, sendo sentenciada a perder os olhos por conta dessa recusa. Seu martírio, portanto, envolve a amputação dos órgãos da visão.

Na *Legenda Áurea*, Jacopo de Varazze (2003) registra que “Seu martírio ocorreu no tempo de Constantino e de Maxêncio, por volta do ano 310 do Senhor” (p. 71). Ainda de acordo com o autor, Lúcia, a virgem de Siracusa, foi uma jovem de origem nobre que enfrentou a perseguição do governador romano Pascásio, por não sacrificar aos deuses pagãos nem entregar seu corpo à luxúria.

Daí ser apropriado o nome Lúcia para aquela virgem bem-aventurada, que resplandece com o brilho da virgindade sem a mais ínfima mácula, que difunde calor sem nenhuma mescla de amor impuro, que vai direto a Deus sem o menor desvio, que sem hesitação e sem negligência segue em toda sua extensão o caminho do serviço divino. Lúcia também pode vir de *lucis via*, ‘caminho da luz’ (Varazze, 2003, p. 71, *grifos do autor*).

Seja como “portadora de luz” ou como “aquela que anda na luz”, a personagem do romance, à semelhança da santa, como nos informa o narrador, “Não; *não fora feita para amar*. Seu destino era *penar* no trabalho; por isso, fora marcada com a *estigma* varonil; por isso, a voz do povo, que é o eco da de *Deus*, lhe chamava Luzia-Homem” (Olímpio, 1973, p. 99, *grifos nossos*). Há, aqui, além do recurso ao ideal de pureza virginal – não feita para o amor –, o emprego de léxico religioso, “penar”, “estigma” e “Deus”, que reforçam seu caráter numinoso, embora em tom irônico, no recurso ao adágio “a voz do povo é a voz de Deus”.

A retidão de caráter de Luzia é outro aspecto que possibilita a correlação entre esta e a mártir de Siracusa. Retidão, aliás, é um atributo que evoca o sentido da visão, na medida em que sua percepção se dá por meio de uma metáfora conceptual espacial. Assim, tal qual a luz, que viaja em linha reta, o caráter da figura romanesca, semelhante ao da santa, é marcado por essa virtude, e, embora seu percurso a conduza para um fim trágico, dele não se desvia, razão pela qual insistimos que ela sobreleva as demais personagens, ainda que ontologicamente delas não se diferencie.

A tragicidade é outro aspecto que marca fortemente este romance, não sendo, no entanto, o modo, pois Luzia não difere em grau dos demais personagens, estando sujeita aos “mesmos cânones de probabilidade que encontramos em nossa própria experiência” (Frye,

2014, p. 146), mas outro contraponto modal que, juntamente com o irônico, nos possibilita categorizá-la como heroína do modo mimético baixo.

3.1.2 O páthos trágico em *Luzia-Homem*

O trágico enquanto modo narrativo, nos termos de Frye (2014), diz de ficções em que encontramos heróis superiores em grau aos outros homens, o que, evidentemente, não se passa no romance em análise, cuja heroína goza, para o bem ou para o mal, dos mesmos atributos e faculdades que as demais personagens. No entanto, algumas características do herói trágico, por vezes, aparecem no modo mimético baixo para acentuar traços de uma personagem, resultando em uma tragédia mimética baixa, em que a *harmatia* dá lugar ao *páthos* (Frye, 2014, p. 152), exatamente porque o herói desse modo narrativo já não representa um ideal coletivo, mas uma individualidade.

Na concepção mais corrente de *páthos*, difundida pela psicologia moderna, seu sentido é já bastante diverso daquele empregado pela filosofia grega e, posteriormente, pela filosofia moderna, estando relacionado, mais estritamente, à ideia de adoecimento psíquico. Este não nega por completo o sentido primeiro, recobrando uma vaga noção de “emoção”. No entanto, na filosofia grega, o *páthos* (πάθος) encontra-se na própria gênese do filosofar. Segundo Martins (1999), citando o filósofo alemão Martin Heidegger, “*pathos* remonta a *páskhein*, sofrer, agüentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se convocar por” (Heidegger, 1989 *apud* Martins, 1999, p. 68).

Em *Cursos de Estética I*, Hegel (2001) define o *páthos* como sendo “uma potência em si mesma legítima do ânimo, um conteúdo essencial da racionalidade e da vontade livre” (p. 238), buscando desvincular seu significado do sentido de “paixão”, por esta evocar “aquilo que é mesquinho, baixo” na natureza humana. Na continuidade de sua exposição, o filósofo pondera sobre a importância do *páthos* para a obra de arte, sustentando que é ele “o verdadeiro ponto central, o autêntico domínio da arte; a exposição dele é o que principalmente atua e produz efeito na obra de arte assim como no espectador. Pois o *pathos* toca numa corda que ressoa em cada peito humano” (p. 238).

Tanto Heidegger quanto Hegel, seu predecessor, voltam suas reflexões para o sentido de *páthos* empregado na tradição filosófica grega, ambos tentando afastar o conceito das acepções que este passa a assumir em suas respectivas épocas. Assim, em Aristóteles, segundo Campato Junior (2003, s/p), *páthos* é o termo genérico que comporta as “emoções

fortes negativas ou positivas, tais quais a cólera, o temor, a indignação, o terror, a inveja, o ódio, a vergonha, a piedade, a alegria, entre outros”, despertadas no espectador pelo herói.

Ainda de acordo com Frye (2014), “[...] a figura central do *páthos* é frequentemente uma mulher ou uma criança” (p. 152) e “A ideia basilar do *páthos* é a exclusão de um indivíduo em nosso próprio plano de um grupo social ao qual ele está tentando pertencer” (p. 153). Ora, essas duas observações do teórico são igualmente válidas para a heroína do romance em estudo. Luzia é mulher, embora receba a alcunha de Luzia-Homem, por seus modos viris, e, exatamente essa virilidade é causa de sua exclusão, que tem por consequência seu fim trágico. A despeito dessa congruência, Luzia não chega a figurar como *alazon*⁴, uma vez que ela não finge ser quem realmente não é, as circunstâncias é que a forçam a assumir o penoso papel de provedor/a de si e de sua mãe.

Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas curelas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com *meticuloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva*, a evolvar em nuvens espessas do solo adusto, donde ao tênue borribo de chuvas fecundantes, surgiam, por encanto, alfombras de relva virente e flores odorosas. Pouco expansiva, sempre em tímido recato, *vivia só, afastada* dos grupos de consortes de infortúnio, e quase não conversava com as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalterável calma, a sua tarefa diária, que excedia à vulgar, para fazer jus a *dobrada ração* (Olímpio, 1973, p. 28, *grifos nossos*).

O excerto nos possibilita compreender, primeiro, seu *éthos* feminino, enunciado no cuidado em preservar a pele dos raios do sol, bem como seu isolamento dos parceiros da desgraça que é a seca, reiterando sua posição de portadora de um *páthos* ligado à resistência, ao suportar ser quem é, uma mulher desempenhando ações de homem e, ainda, que suporta o árduo labor de dois homens, em troca de uma dupla porção dos víveres que se davam em pagamento pelo trabalho na frente emergencial, para sustentar a si e a sua mãe já idosa. Desse modo, todas as vicissitudes, todas as afrontas que recebe por seu porte varonil concorrem igualmente para a consternação que sua figura causa nos que realmente a conhecem bem como no leitor. Seu caráter e sua retidão de conduta são postos à prova por seus dois antagonistas: a seca e o soldado Crapiúna, aos quais obstinada e heroicamente resistirá.

A seca, por si só, já se inscreve na narrativa como um elemento trágico, desencadeador de miséria, sofrimento e morte – humana, animal e vegetal – e, seja considerada como um personagem ou como uma característica do ambiente (o semiárido nordestino), as marcas de

⁴ Cf. Frye (2014, p. 521), “Uma personagem de ficção que engana a alguém ou a si mesma, sendo, geralmente, na comédia ou na sátira, alvo de ridicularização, ao passo que, na tragédia, é o herói”.

sua força estão estampadas na “terra abrasada”, na “vegetação despida de folhas, de flores e frutos” e na “pele curtida” de “figuras pitorescas, esqueléticas” (Olimpio, 1973, p. 23-25) que compõem uma geografia humana da morte. Não é, porém, a seca o oponente que levará Luzia a seu último suspiro, pois contra esta a heroína aprendeu desde cedo a lutar.

Infortúnio maior que a seca é uma moça que “não fora feita para amar” (Olimpio, 1973, p. 99) achar-se na condição de objeto do desejo de um sujeito “mal-afamado” que “Sempre que a encontrava, dirigia-lhe, com saudações reverentes, palavras de ternura e *erotismos incontinentes, olhares e gestos de desejos mal sofreados*” (Olimpio, 1973, p. 30, grifos nossos). Todo o percurso narrativo da heroína é marcado por esse embate que alcançará o seu clímax e desfecho trágico no último capítulo.

Inabalável com as reiteradas recusas de Luzia aos seus galanteios, Crapiúna defronta-se uma última vez com sua “amada” no episódio em que se narra a mudança da família da moça para outras paragens menos inóspitas. Vejamos:

O soldado voltou-se como um tigre, ferido pelas costas.

Diante da moça, em postura de firmeza impávida, magnífica de vigor e de beleza, o soldado empalideceu, fez-se lívido, e recuou, como se um prestígio sobre-humano lhe aplacasse os ímpetus incoercíveis de cólera e de vingança. – Luzia! – murmurou ele, quase súplice. – Não lhe quero fazer mal... Sou um desgraçado, um miserável... Pedi-lhe outro dia, pelo amor de Deus, um instantinho de atenção. Não fez caso; não teve dó de mim... Agora vai se decidir a minha sorte...

– Arrede-se; deixe-me passar!... – intimou Luzia, com força, num tom imperativo, breve e seco.

– Escute-me, meu coração... Nenhum homem neste mundo lhe quer bem como eu.

– Deixe-me passar!...

– Passar!?!...

Luzia avançou agressiva.

– Pensas – continuou Crapiúna, recuando, transfigurado o rosto por diabólico sorriso – Pensas que tenho medo de Luzia-Homem? Desgraça pouca é *bobage*...

E atirou-se de um salto sobre Luzia, que, empolgando-o quase no ar, o torceu, e, atirando-o ao chão, subjugado, comprimiu-lhe o peito com os joelhos (Olimpio, 1973, p. 247-248).

No excerto acima, além da agressiva investida de Crapiúna sobre Luzia, inicia-se o combate final entre os dois personagens. Para Crapiúna, o prêmio seria possuir a mulher que lhe desdenha desde a primeira vez que se cruzaram e, por seu capricho, violar/desnudar um corpo que, na sua imaginação, difere dos de todas as outras raparigas com quem esteve; para Luzia, a manutenção da honra, da pureza virginal que não se permite tirar, apenas se pode doar. Ali, no alto de um penhasco de “cerca de cem metros de altura” (Olimpio, 1973, p. 248),

na Cova da Onça, dá-se o combate singular, pois a heroína encontra-se isolada, sem possibilidade de auxílio de seus adjuvantes.

Pelas mãos de Crapiúna, Luzia encontra seu fim. Seu *páthos* trágico provoca compaixão nos que assistem ao espetáculo funesto que é este último combate (e poderíamos falar em uma plateia interna ao romance, formada pelo povo que se encontra na Cova da Onça, e outra externa, formada pelos leitores), mas sua queda (tanto metafórica quanto literal) não é a queda de um líder, apenas de uma donzela guerreira que não se permite ser violada, mais *uma de nós* marcada pelo fatídico desejo de conduzir-se em retidão.

Até aqui, tratamos de expor, sobretudo, que o romance *Luzia-Homem*, quanto ao modo narrativo, de acordo com a categorização proposta por Northrop Frye (2014), pode ser considerado como exemplo de ficção que se enquadra no modo mimético baixo, havendo, ao longo do percurso narrativo, o emprego de contrapontos modais (irônico e trágico) que fazem da heroína moderna, respectivamente, um ser singular, não representante de uma coletividade, e portadora de um *páthos* trágico, capaz de provocar compaixão e pesar.

A mescla de caracteres míticos, folclóricos e religiosos, nesse sentido, reiteram a dinamicidade das formas narrativas, sobretudo do século XX, ao mesmo tempo que manifesta a qualidade literária da obra de Domingos Olímpio, que desafortunadamente tem recebido mais comentários negativos que positivos por parte da crítica literária especializada, como já se demonstrou.

4 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

As ciências do léxico englobam um grande número de vertentes linguísticas que se dedicam ao estudo de diversos fenômenos, cada qual fazendo recortes mais específicos com vistas a compreender *corpora* também diversos, mas sempre imbricados com a cultura de um povo. Antes, porém, de apresentar as ramificações e filiações dessas correntes de estudo, é imperioso definir o que se compreende por “léxico”.

Para Biderman (2001b),

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua (p. 179).

Um primeiro aspecto a ser destacado na definição proposta por Biderman é que o léxico de uma dada língua é um conjunto aberto, que sempre pode se expandir ou se retrair. Depois, esse sistema engloba todos os saberes sociais e culturais dos falantes de uma determinada língua, e isso não apenas de modo sincrônico, mas diacrônico. Essa definição coaduna o pensamento de Sapir (1969, p. 205), ao postular que “a língua não existe fora da cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas”.

Não é difícil conceber, portanto, que a língua é um organismo vivo, que sofre mudanças com o passar do tempo. O ritmo dessas mudanças é ditado pelas transformações sociais e culturais por que passam os falantes dessa língua, o que ratifica o imbricamento existente entre língua, cultura e sociedade. Nas palavras de Biderman (2001b),

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (p. 179).

Delimitar o universo léxico de uma dada língua é, assim, tarefa impossível, haja vista as inúmeras possibilidades de acréscimos e decréscimos de vocábulos que essa língua pode sofrer. Aliás, a própria definição de léxico já é bastante diversa. No *Dicionário de Lingüística e Fonética*, David Crystal (1988) assenta que,

Em seu sentido mais geral, o termo é sinônimo de VOCABULÁRIO. Tem um papel especial na GRAMÁTICA GERATIVA, onde se refere ao COMPONENTE que contém todas informações sobre as propriedades ESTRUTURAIS dos ITENS LEXICAIS de uma LÍNGUA, ou seja, sua especificação SEMÂNTICA, SINTÁTICA e FONOLÓGICA (Crystal, 1988, p. 157, grifos do autor).

Percebe-se, por parte do linguista britânico, a equiparação entre “léxico” e “vocabulário”, o que nem sempre é aceito por outros linguistas. No *Dicionário de Lingüística* de Jean Dubois *et al.* (1978), por exemplo, o léxico é definido nos seguintes termos:

1. Em relação à lexicografia, a palavra *léxico* pode evocar dois tipos de obras: um livro que compreenda a lista dos termos utilizados por um autor, por uma ciência ou uma técnica, ou um dicionário bilingüe reduzido à colocação em paralelo das unidades léxicas das duas línguas confrontadas. Por essa razão, *léxico* opõe-se a *dicionário*.
2. Como termo lingüístico geral, a palavra *léxico* designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc. Por essa razão, *léxico* entra em diversos sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado o conceito (p. 363-364, grifos do autor).

Nota-se, nas duas acepções, a preocupação em definir o termo dentro de um campo mais específico (lexicografia) ou de outro mais amplo (lingüística geral), ainda assim, Dubois *et al.* (1978) não deixam de chamar atenção para o fato de que o termo divide opiniões. Na continuidade de sua explicação, encontramos: “A estatística léxica opõe *léxico* e *vocabulário*; o termo *léxico* é, então, reservado à língua, o termo *vocabulário* ao discurso” (Dubois *et al.*, 1978, p. 364).

Por sua vez, Joaquim Mattoso Camara (1978), no *Dicionário de lingüística e gramática*, assim define o léxico:

Como sinônimo de vocabulário (v.), o conjunto de vocabulários de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, a parte do vocabulário correspondente às palavras (v.), ou vocábulos providos de semantema (v.), ou vocabulário que é lexema (v.). Neste segundo sentido, o léxico se opõe à gramática (v.), porque é a série dos semantemas da língua, vistos através da sua integração em palavras (p. 157).

Das acepções do termo “léxico” acima expostas, podemos perceber ao menos três oposições: *léxico versus dicionário*, *léxico versus vocabulário* e *léxico versus gramática*. Resta clara a dificuldade de conceituação do termo sem que se recorra a outras ramificações da lingüística ou da gramática. Ainda assim, é possível afirmar a importância de se estudar o léxico para se compreender aspectos da cultura e da sociedade que utilizam uma determinada língua para a comunicação.

Retomando a concepção de Biderman (2001a) sobre o léxico e o processo de sua apreensão por parte dos falantes de uma dada língua, compreende-se que

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos lingüísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical (Biderman, 2001a, p. 14).

Dito de outra forma, os sujeitos herdam o legado vocabular de seu grupo, e, além disso, todo um sistema de cognição que lhes possibilita agir sobre essa herança lingüística, sendo capazes, eles mesmos, de provocar alterações nesse sistema, ainda que estas não dependam de uma vontade individual, e essa é uma das razões pela qual o léxico é sempre um conjunto aberto.

De maneira semelhante, ao conceituar o léxico, Barbosa (1981) pontua que

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico – sua civilização; e compreende-se, pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja o reflexo, não raras vezes, de alterações culturais (p. 120).

Todas essas conceituações, embora acentuem um ou outro aspecto, evidenciam o caráter cultural das unidades constitutivas desses elementos lingüísticos. E, se até então, temos falado em ciências do léxico de forma ampla e indistinta, convém esclarecer que os estudos lexicais se ramificam em diferentes abordagens, embora todas elas tenham o léxico como unidade de descrição. Nesse sentido, destacam-se: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia, a Dialetoлогия, e ciências afins como a Sociolingüística e a Etnolingüística, para citar algumas.

4.1 SOCIOLINGÜÍSTICA, ETNOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA

Surgida nos Estados Unidos, na década de 1960, a Sociolingüística constitui-se como uma ciência autônoma e interdisciplinar que se ocupa em investigar o contexto social e cultural que envolve o ato da fala para explicar os fenômenos da mudança e da variação lingüística inerentes à língua em condições reais de uso (Bortoni-Ricardo, 2014). Atribui-se

a William Labov a formalização desse modelo de análise, embora, décadas antes, outros linguistas já empregassem dados de natureza social e cultural em suas análises.

Em entrevista à ReVEL (Revista Virtual de Estudos da Linguagem), Labov responde sobre a motivação que o levou a delimitar melhor um lugar dentro da ciência linguística para tratar dos aspectos relativos à variação:

Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a Linguagem na vida cotidiana. Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística (Labov, 2007, p. 1).

Optando por estudar a fala (*parole*), a Sociolinguística se distancia do modelo saussuriano vigente à época, que tinha a língua (*langue*) como foco de suas pesquisas. A variação, antes repelida e posta à parte pelos adeptos do modelo de análise linguística defendido por Saussure, passa a constituir a principal matéria da nova ciência linguística.

Visando a sistematização das diferentes ocorrências de variação, elas foram categorizadas em: *variação diatópica*, que ocorre em função da localidade, ou seja, uma mesma língua pode apresentar-se diferente a depender das origens geográficas dos falantes; *variação diastrática*, que ocorre em função da identidade dos falantes, classe social, sexo e idade; e *variação diafásica*, aquela em que um mesmo falante, para adequar-se a determinadas situações, opta por ser mais ou menos formal.

São, portanto, as circunstâncias da enunciação que elucidarão o uso de determinada variante linguística em detrimento de outra(s). Por *variantes linguísticas* compreendemos os diferentes modos que o sujeito dispõe para dizer uma mesma coisa. Já esses diferentes modos, que compõem um paradigma, chamamos *variável linguística* (Tarallo, 1985).

Não demorou para que esse novo modelo de análise linguística chegasse ao Brasil, onde se consolidou graças ao caráter bastante heterogêneo da língua portuguesa decorrente, dentre outros fatores, da dimensão geográfica do país. Segundo Roncarati (2011), o GT de Sociolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), criado em 1985, foi um dos pioneiros a desenvolver pesquisas de natureza sociolinguística e dialetológica.

Dentre as contribuições legadas pela Sociolinguística, destaca-se o enfrentamento do preconceito linguístico, uma vez que a mesma compreende que ao lado do padrão culto,

socialmente valorizado, existem outros comportamentos linguísticos não menos importantes e que merecem igual tratamento, ou seja, abandona-se o velho maniqueísmo certo/errado e adota-se o conceito de adequação.

A propósito da aplicação da Sociolinguística no estudo do texto literário, Preti (2000) nos lembra que

Não podemos deixar de reconhecer que, em todas as épocas, muitos literatos aproveitaram em suas obras a linguagem popular e, se não o fizeram com mais frequência, no plano narrativo, onde a identificação entre o escritor e o narrador é mais imediata, pelo menos o tentaram na fala de suas personagens, criando um diálogo mais próximo da realidade oral (Preti, 2000, p. 62).

Desdobramento resultante da ampliação da relação entre a língua e a sociedade, a Etnolinguística estuda a relação entre a língua e a cultura, sendo definida por Pottier como “o estudo da mensagem linguística em ligação com o conjunto de circunstâncias da comunicação” (Pottier, 1972 *apud* Preti, 2000, p. 15).

Situando-nos sobre as semelhanças entre as duas disciplinas, Aragão (2013) esclarece:

Ao trabalharmos com a Etnolinguística, que trata das relações língua-cultura, e com a Sociolinguística, que estuda as relações língua-sociedade, vemos que essas ciências têm objetivos bem delimitados, mas têm, também, uma grande área de intersecção (Aragão, 2013, p. 210).

As fronteiras entre Sócio e Etnolinguística são, de fato, de difícil demarcação, razão que levou Coseriu (1990) a problematizar suas terminologias. Segundo o autor, prevalece certa indefinição quanto aos objetos e aos métodos das mesmas:

Do ponto de vista linguístico é oportuno limitar a sociolinguística (como disciplina linguística, não sociológica) ao estudo da *variedade* e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades e a etnolinguística (como disciplina linguística, não etnológica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura (Coseriu, 1990, p. 28).

Interessa-nos, no entanto, mais os pontos em que elas convergem para, por meio de ambas, compreendermos as relações criadas no tecido da obra literária, a qual, sendo uma *mimese* da realidade, requer que olhemos tanto para o sujeito que faz uso da língua como para a conjuntura social, cultural e histórica que o cerca, pois, como nos ensina a professora Socorro Aragão (2003),

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações,

explicando e justificando fatos que apenas lingüisticamente seriam difíceis de serem determinados [...]. No caso específico do léxico, [...] toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico (p. 32).

Em se tratando do estudo do léxico empregado em uma obra literária, faz-se necessário, ainda, que recorramos a outras ciências que possam nos auxiliar na descrição das unidades que constituem esse universo discursivo.

Ainda no tocante ao estudo das variações linguísticas situadas num dado espaço geográfico, importantes contribuições são dadas pela dialetologia. Segundo Blanch (1978), a dialetologia tem por finalidade o estudo das falas, das variedades regionais e sociais, e, embora esta ciência tenha se voltado muito mais ao estudo dos falares rurais, não há qualquer impedimento ao uso do método dialetológico no estudo das variedades linguísticas urbanas.

No Brasil, dentre os resultados práticos da aplicação desse método, destacam-se os atlas linguísticos regionais, como o primeiro, de Nelson Rossi, publicado em 1963 com o título *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), e, mais recentemente, o *Atlas Linguístico do Brasil*, resultado das pesquisas empreendidas pelo projeto ALiB (2014), atualmente sob a presidência da professora Jacyra Andrade Mota, e que reúne dados de todos os estados brasileiros.

4.2 LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

De acordo com Biderman (2001a), a Lexicologia, “ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (p. 16). Ainda segundo a autora, por lidar com o léxico e com a palavra, a Lexicologia acaba por interseccionar-se com a Semântica, não sendo raros estudos que aglutinam as duas ciências e dizem-se léxico-semânticos (Biderman, 2001a). Outras zonas fronteiriças são igualmente possíveis, por exemplo, quando a Lexicologia dialoga com questões relacionadas aos dialetos, objeto de estudos da Dialetologia, e com a relação entre língua, cultura e sociedade, de que se ocupa a Etnolinguística.

A Lexicografia, por sua vez, é definida como sendo “a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional” (Biderman, 2001a, p. 17). Embora ambas as ciências tenham como objeto de estudo o léxico, Lexicologia e Lexicografia possuem singularidades, mas também se complementam, ou, conforme expõe Barbosa (1990, p. 152), “Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos, em face do léxico”.

No tocante à relação de complementaridade que estabelecem entre si, percebemos que a primeira está mais relacionada a um *saber* (teorização), enquanto a segunda a um *fazer* (práxis). Assim, de acordo com Turazza (1996),

[...] o lexicógrafo necessita de certos modelos teóricos que expliquem certas características de estruturação de um conjunto lexical, para que possa dar tratamento adequado às unidades lexicais sob seu exame; o lexicólogo, por outro lado, apoiado em dados fornecidos pela lexicografia, pode construir modelos de um universo lexical capazes de permitir a descrição da natureza e das funções deste universo (p. 73).

A partir do trabalho desempenhado por cada um desses especialistas, percebemos a relação de interdependência entre as duas ciências, conforme nos ensina Casares (1992):

[...] a lexicologia, que estuda esses assuntos de um ponto de vista geral e científico, e a lexicografia, cuja finalidade, principalmente utilitária, é corretamente definida em nosso léxico como a ‘arte de compor dicionários’. É claro que não pode ser concebido um bom lexicógrafo que não seja suficientemente versado na lexicologia de sua época para poder tirar proveito de seus ensinamentos; mas sempre será possível considerar por um lado o pesquisador puro, que persegue princípios gerais, formula teorias e tenta deduzir leis para formar com elas um sistema, e por outro lado o técnico que, sem parar de pisar no terreno, visa apenas compilar o repertório lexical de uma língua específica⁵ (p. 11, tradução nossa).

Embora a finalidade da atividade lexicográfica seja apontada por Casares (1992) como utilitária, e o produto dessa atividade seja resumido a dicionários, quando sabemos que outros compêndios são igualmente viabilizados pelo fazer lexicográfico, como glossários e vocabulários, o pesquisador chama atenção para a necessidade de que tanto o lexicógrafo quanto o lexicólogo estejam antenados com as questões de seu tempo para que sejam capazes de formular leis gerais e compendiar o léxico de uma dada língua.

No tocante à unidade mínima de significação com que trabalham a Lexicologia e a Lexicografia, há que se considerar, ao menos, três denominações, cada qual com sua pertinência a depender de seu emprego, assim, temos a *palavra*, o *lexema* e a *lexia*.

⁵ “[...] la lexicología, que estudia estas materias desde un punto de vista general y científico, y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el ‘arte de componer diccionarios’. Claro es que no se concibe un buen lexicógrafo que no esté suficientemente versado en la lexicología de su tiempo, para poder aprovechar sus enseñanzas; pero siempre cabrá considerar de una parte al puro investigador, que persigue principios generales, formula teorías y trata de deducir leyes para formar con ellas un sistema, y de otra parte al técnico que, sin dejar de pisar tierra, sólo pretende compilar el repertorio léxico de una lengua determinada” (Casares, 1992, p. 11).

4.2.1 Palavra, lexema e lexia

Definir “palavra” talvez seja a tarefa mais complexa para os linguistas, de forma geral, pois esse termo comporta diferentes acepções. Em Biderman (1999, p. 89), encontramos que o “termo palavra é operacional apenas como elemento da linguagem comum. Num uso não específico, é a designação pertinente, já que qualquer falante do idioma identifica o seu *designatum* sem problemas”. Outros pesquisadores, no entanto, operam uma subdivisão dentro desse conceito, classificando algumas ocorrências como “palavra fonológica” e outras como “palavra gramatical”. Dada a abrangência de sentidos que o termo pode adquirir, Dubois *et al.* (1978) sugerem que se evite seu emprego:

3. O termo *palavra*, por sua falta de rigor, é banido em proveito da pesquisa de unidades significativas mínimas. Para A. MARTINET, a noção de palavra, proveniente de línguas flexionais em que teve origem a flexão gramatical, deve ser abandonada em proveito das noções de monema e de sintagma (Dubois *et al.*, 1978, p. 451).

Ainda de acordo com Dubois *et al.* (1978), Pottier dará preferência ao termo “lexias” ao passo que Guilbert empregará “unidades de significação”. No campo linguístico estrito da Lexicografia, preferir-se-á o emprego de “lexema” ou “lexia” para designar essas unidades de significação.

De acordo com Welker (2004),

Diversos autores entendem que o *lexema* é uma palavra ou parte de palavra que tem um significado próprio (*casa*, *dormir*); são as chamadas palavras ‘autosemânticas’; não são consideradas lexemas as palavras ‘sinsemânticas’, que não têm significado próprio: aquelas que estabelecem relações (conjunções, preposições) ou apenas se referem a outras palavras (artigos, pronomes). Estas, consideradas *morfemas gramaticais* ou *gramemas*, pertencem a inventários fechados; os lexemas, ao contrário, pertencem a inventários abertos (p. 20-21, grifos do autor).

Assim, “lexema” seria compreendido como unidades linguísticas que possuem significação própria, excluindo-se desse conjunto os morfemas gramaticais, ou seja, as “palavras” que só expressam noções gramaticais, como artigos e pronomes. Martinet (1976) recupera a designação de “palavras cheias” e “palavras vazias” para opor os termos “lexema” e “morfema”, coadunando a separação apontada por Welker (2004), ao dizer que,

Em linguística, porém, a fim de não dissociar elementos de função análoga, como as preposições e as desinências, opõem-se as **unidades lexicais** e as **unidades gramaticais**. Geralmente, considera-se as unidades lexicais como pertencentes a inventários ilimitados ou abertos, ao passo que as unidades

gramaticais pertencem a inventários limitados ou fechados (Martinet, 1976, p. 191, grifos do autor).

O que vai se delineando a cada conceito emprestado de diferentes linguistas é a necessidade de se distinguir unidades que possuem significação própria das que adquirem significação apenas em certos contextos gramaticais. Esse jogo de oposições fica ainda mais claro na definição tomada de David Crystal (1978), para quem “lexema” é um

Termo usado por alguns LINGÜISTAS com referência à UNIDADE DISTINTIVA mínima no SISTEMA SEMÂNTICO de uma LÍNGUA. Sua motivação original era reduzir a AMBIGÜIDADE do termo PALAVRA, que era aplicada aos níveis ortográfico/FONOLÓGICO, GRAMATICAL e LEXICAL, além de elaborar um termo mais apropriado para quando se discute o vocabulário de uma língua. Assim, o lexema é uma unidade abstrata subjacente a grandes conjuntos de VARIANTES gramaticais [...]. Os lexemas são as unidades convencionalmente listadas em dicionários como entradas separadas (p. 157, grifos do autor).

Todas essas definições de lexema apresentadas até aqui se dão por contraste, sempre relacionando oposições que delimitam ou expandem os campos em que se empregam uma ou outra noção, restando clara a inadequação do termo “palavra” para os estudos da Lexicologia e da Lexicografia.

Quanto à definição de “lexia”, termo pelo qual optamos nesta tese, seguimos a compreensão de Barbosa (1978), para quem a lexia é “um nível de signo linguístico bastante elaborado, não só para o estudo das estruturas de uma língua e a definição de sua tipologia, como também para abordagem de um universo de discurso, de um texto ou para o exame do universo léxico de um autor” (p. 118). A designação das unidades mínimas da Lexicologia por esse termo é, contudo, de Pottier (1967; 1972; 1978; 1983), conforme nos aponta Biderman (1996):

[...] o termo lexia, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por ser um termo técnico, e não correr o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar a ambiguidade encontrada em palavra e/ou vocábulo. Assim, no plano da língua, o termo lexema refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos lexemas devem ser referidas tecnicamente como lexias (p. 33).

Dito de outro modo, chama-se “lexema” a unidade abstrata do léxico, ao passo que “lexia” designará a ocorrência dos lexemas no discurso. Daí porque, metodologicamente, na confecção do “Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em *Luzia-Homem*”, como se verá no próximo capítulo, optamos pelo uso do termo “lexia”.

As lexias que são formadas por um único lexema são chamadas de monolexemáticas, e aquelas formadas por mais de um lexema, polilexemáticas. Ainda é necessário registrar que, a depender da forma como se apresentam as lexias, elas podem ser classificadas em:

- lexias simples (*casa, casas, dormir, dormiu, bonito, bonita*);
- lexias compostas (palavras compostas, como *mestre-de-obras*, e palavras derivadas, como *deslizar*);
- lexias complexas (Faulstich 1980: 18: ‘uma seqüência em vias de lexicalização, em diversos graus: *guerra de nervos, conjunto habitacional, luz negra*’);
- lexias textuais (Faulstich *ibid.*: ‘uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto. [...] provérbios, hinos, adivinhações etc.’) (Welker, 2004, p. 19-20, grifos do autor).

Welker (2004) esclarece que essa classificação não é unânime entre os linguistas, havendo autores que somente reconhecem a existência de dois subtipos: lexias simples e lexias complexas. Os partidários dessa subcategorização compreendem que as lexias compostas e complexas formam um único subgrupo e deixam a cargo da Fraseologia o estudo de estruturas sintagmáticas maiores.

4.3 DOS COMPÊNDIOS LEXICOGRÁFICOS

De maneira indiscriminada e generalizante, tem-se denominado os compêndios lexicográficos como dicionários, ocasionando dificuldade na diferenciação de dicionários, vocabulários e glossários. Dentre outras razões, isso se dá porque, conforme aponta Maria Aparecida Barbosa (2001), esses conceitos abarcaram diferentes concepções ao longo do tempo, remontando à gênese da Lexicografia.

Na própria definição de “Lexicografia”, já vimos alguns estudiosos que a denominam como “ciência dos dicionários” (Biderman, 2001a) e “arte de componer dictionarios” (Casares, 1992). Doubois *et al.* (1978) vão um pouco além da definição de Lexicografia, que é apresentada como “a técnica de confecção de dicionários e a análise lingüística dessa técnica” (p. 367), e citam a antiguidade da prática lexicográfica para situar que “os primeiros testemunhos escritos que possuímos são glossários e nomenclaturas” (Doubois *et al.* (1978, p. 367).

De acordo com Haensch (1982),

[...] o nome ‘dicionário’ no seu sentido moderno – diferente, portanto, do uso latino – foi usado pela primeira vez fora de Espanha; por exemplo, para o *Dictionarium latino-gallicum* e o *Dictionnaire français-latin* do grande lexicógrafo francês Robert Estienne, publicados em 1539. A partir de então

se usam, na lexicografia europeia, os termos ‘vocabulary’, ‘dictionary’ e também ‘léxico’, mas, como já vimos, infelizmente, esses nomes foram aplicados a obras de tipos muito diferentes, e assim surgiu uma grande confusão quanto aos nomes dos diferentes tipos de obras lexicográficas (*apud* Barbosa, 2001, p. 25, grifos do autor, tradução nossa)⁶.

Notamos, desse modo, que a confusão ocasionada pelo emprego de uma designação generalizante tem se espalhado até os dias atuais, quando, não raras vezes, vemos glossários denominados como dicionários, vocabulários denominados como glossários etc. Longe de pretendermos sanar todas as dúvidas existentes quando à terminologia empregada para designar os compêndios lexicográficos, buscamos agrupar as principais definições para cada um dos termos, com especial atenção para o glossário, que constituirá o próximo capítulo desta tese.

4.3.1 Dicionário

Como temos apontado, “dicionário” é o termo mais amplo e fartamente empregado para designar obras lexicográficas. Portanto, fixar-lhe um conceito talvez seja tarefa inócua, antes, julgamos mais produtivo expor algumas acepções emprestadas de linguistas e lexicógrafos a fim de perceber a compreensão mais recorrente e os traços distintivos dessa tipologia.

Em Vilela (1995), encontramos que o dicionário é

[...] o conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, ou é a codificação desse saber, concebido de forma estática, em suporte papel ou eletrônico, arquivando esse saber e que pode ser consultado por pessoas ou por máquinas (p. 78).

Nessa primeira conceituação, chama-nos atenção o aspecto relativo ao conhecimento cultural partilhado que se codifica no léxico. Essa informação é muito pertinente na medida em que recobra a relação existente entre língua, cultura e sociedade. E quando pontua que esse saber pode ser consultado, indiretamente, o linguista soma mais um aspecto igualmente importante a essa tríade – o tempo ou a historicidade. É que esse registro fixa uma forma empregada num dado momento e servirá para consultas futuras.

⁶ “[...] la denominación de ‘diccionario’ ya en sentido moderno – diferente, pues, del uso latino – se empleó primero fuera de España; por ejemplo, para el *Dictionarium latino-gallicum* y el *Dictionnaire français-latin* del grand lexicógrafo francés Robert Estienne, publicados em 1539. A partir de entonces se usan, en la lexicografía europea, los términos ‘vocabulary’, ‘dictionary’ y también ‘lexicon’, pero, como hemos visto ya, por desgracia, estas denominaciones se aplicaran a obras de tipo muy diferente, y así surgió una gran confusión en cuanto a las denominaciones de los distintos tipos de obras lexicográficas”.

Por sua vez, Dubois *et al.* (1978), em seu *Dicionário de Linguística*, conceituam dicionário como um

[...] objeto cultural que apresenta o léxico de uma ou mais línguas sob a forma alfabética, fornecendo sobre cada termo certo número de informações (pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção, exemplo de emprego, sinônimos, idiotismos); [...] O dicionário visa também a dar o domínio dos meios de expressão e a aumentar o saber cultural do leitor (p. 186).

Os autores igualmente situam sua importância cultural e acrescentam a possibilidade de um mesmo dicionário apresentar o léxico de mais de uma língua, além de listarem alguns dos elementos que compõem a entrada lexical, como veremos adiante. Na continuidade de sua explicação, Dubois *et al.* (1978) topicalizam os principais tipos de dicionários: dicionários das línguas científicas ou técnicas; dicionários de língua; dicionários de língua linguísticos; e dicionários plurilíngues.

No *Dicionário de lingüística e gramática*, de Mattoso Camara Jr. (1978), encontramos a seguinte explicação para o termo “dicionário”:

Lato sensu, é qualquer registro metódico de formas lingüísticas ou DIÇÕES, devidamente explicadas. Há, portanto, dicionários gerais e dicionários especiais. Os primeiros, como em português o de Aulete [...], propõem-se a conter e explicar todos os vocábulos da língua. Outras vezes, põem em correspondência esses vocábulos com os equivalentes de outra língua, como o francês, o latim (dicionários bilíngües); e até os dicionários poliglóticos. Assim o dicionário geral registra o léxico da língua. Os segundos apenas consignam os regionalismos lexicais [...]. Ao lado dos dicionários comuns, em que os vocábulos são dispostos em ordem alfabética, há dicionários analógicos, que obedecem a uma orientação semântica (v.), agrupando as palavras pela analogia das suas significações. V. glossário; vocabulário (p. 96).

Importante destacar que Camara Jr. (1978) concorda com Dubois *et al.* (1978) quanto à existência de dicionários mais gerais e outros mais específicos, de dicionários monolíngues e de outros bilíngues e até plurilíngues, mas o linguista brasileiro acrescenta uma remissiva, expressa pela abreviação v. (vide), no final do excerto, que induz o consulente a tomar por sinônimos de dicionário os termos “glossário” e “vocabulário”.

Por fim, destacamos a definição dada por Barbosa (2001), para quem “o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções” (p. 35).

Como se percebe, mesmo a título de conceituação, não há consenso entre os linguistas quanto à definição de dicionário, restando sempre algumas imprecisões na delimitação dessa categoria de obras lexicográficas.

4.3.2 Vocabulário

Refazendo o mesmo percurso que empreendemos em busca de significações para o termo “dicionário”, agora com vistas a identificar algum consenso na definição de “vocabulário”, encontramos uma vaga explicação dada por Crystal (1988) em seu *Dicionário de lingüística e fonética*. Segundo o linguista britânico,

A LINGÜÍSTICA usa este termo em seu sentido cotidiano, reservando para seus estudos técnicos outros termos (cf. LÉXICO). Às vezes, faz-se a distinção entre o vocabulário ‘ativo’ (que se refere aos itens lexicais que as pessoas usam) e ‘passivo’ (palavras que as pessoas entendem, mas não usam) (Crystal, 1988, p. 268, grifos do autor).

Nessa primeira aproximação da problemática que envolve a definição de “vocabulário”, percebemos a equiparação entre “itens lexicais” e “palavras” e a distinção entre o vocabulário ativo e o passivo, sem, contudo, mencionar se tratar também de uma categoria de obras lexicográficas.

Apresentando uma definição mais contrastiva, Camara Jr. (1978) compreende que vocábulo,

Em sentido lato, o conjunto de vocábulos de uma língua (v. vocábulo), tendo portanto uma aplicação mais ampla do que léxico (v.), que se refere particularmente às palavras (v.).

Na técnica da lexicografia (v.), chamam-se vocabulários os registros de vocábulos sem a respectiva significação, em contraste com o dicionário (v.). assim, temos os vocabulários ortográficos, que arrolam os vocábulos em ordem alfabética a fim de consignar a sua grafia correta (v.) (p. 241).

Dessa definição depreendemos dois traços distintivos importantes: primeiro, que os termos “vocábulo” e “léxico” não são tomados em pé de igualdade, sendo aquele mais amplo e este mais específico; segundo, que os vocabulários não se prestam a apresentar a significação das entradas lexicais (vocábulos) tal qual fazem os dicionários.

Conceituação mais ampla encontramos em Dubois *et al.* (1978), quando nos dizem que,

Num sentido banal, atestado desde o século XVIII, um *vocabulário* é uma lista de palavras. DOUCHET e BEAUZÉE escrevem: ‘o vocabulário é

simplesmente o catálogo das palavras de uma língua, e cada língua tem o seu.’ De acordo com essa definição, várias obras com objetivo pedagógico receberão o nome de *vocabulário*.

Na terminologia lingüística, *vocabulário* é uma lista exaustiva das ocorrências que figuram num corpus. Todavia, a oposição entre *léxico* e *vocabulário* nem sempre é feita: em expressões como *vocabulário-base*, *vocabulário comum*, *vocabulário geral*, *vocabulário do francês elementar*, nada indica se as palavras que constam na lista figuram enquanto ocorrências levantadas num corpus, ou enquanto unidades da língua (p. 613-614).

Primeiramente, conforme aponta o linguista, o termo apresenta duas acepções, uma de uso mais geral e outra mais circunscrita ao domínio da linguística, mas ambas compreendo ser o *vocabulário* uma lista de palavras. Os aspectos que se destacam, no entanto, dizem respeito à necessidade de ser essa lista exaustiva e compendiada de um dado *corpus*.

Continuando sua explicação, Dubois *et al.* (1978) problematizam a falta de acuidade com que a linguística estruturalista tratou dos termos “*léxico*” e “*vocabulário*”, muitas vezes, tomando-os como sinônimos. Em suas percepções, os linguistas supracitados consideram ser “um bom método opor *léxico*, que trata das unidades da língua, e *vocabulário*, com lista das unidades da fala” (Dubois *et al.*, 1978, p. 614), e concluem afirmando que “O termo *vocabulário* fica plenamente motivado nos estudos sobre corpus especializados: *vocabulário da aviação*, *vocabulário político*, etc.” (p. 614).

Por fim, Barbosa (2001) advoga que “os *vocabulários técnico-científicos* e *especializados* buscam situar-se ao nível de uma norma lingüística e sociocultural, têm como unidade-padrão o *vocábulo* (Muller), constituindo-se como conjuntos *vocabulares*, representativos de universos de discurso” (p. 35).

Nesse sentido, parece haver consenso no que diz respeito ao universo *léxico* mais restrito dos *vocabulários*, se comparados aos dicionários, no entanto, cada um dos linguistas citados voltam-se para um ou outro traço distintivo que não se repete nas conceituações dos demais, formando um quadro bastante diverso.

4.3.3 Glossário

Perscrutando os sentidos que o termo “*glossário*” adquire em diferentes autores, encontramos em Vilela (1995) uma pequena conceituação que aponta, ainda que indiretamente, para uma função pedagógica, senão, vejamos: “o *vocabulário difícil* de um autor, de uma escola ou de uma época” (p. 14, grifo nosso). Essa função pedagógica surge da

adjetivação – difícil – sendo, portanto, atribuída ao glossário a tarefa de tornar um dado texto ou discurso mais acessível.

Compreensão similar é expressa por Biderman (1984) quando diz ser o glossário um “Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê” (p. 139). É possível perceber, nas duas conceituações, que esse tipo de compêndio lexicográfico diz respeito a textos/discursos efetivamente proferidos, sobre os quais a intervenção do lexicógrafo se dá com vistas a esclarecer os usos (lexias) pelo autor do texto.

Em Camara Jr. (1978), a definição de “glossário” recupera a historicidade do termo, apontando ser este

[...] um dicionário especial (v.), em que se arrolam ‘vocábulos de menos vulgar inteligência por serem antigos, estrangeiros, técnicos, etc.’ (Nascentes, 1946, 48). Na Idade Média os textos em latim clássico traziam muitas vezes glossários, com a explicação dos termos clássicos em romance, ficando assim documentadas para nós muitas formas românicas. Na moderna edição de uma obra arcaica, é comum acrescentar-se-lhe um glossário como parte do aparato crítico (v.) (p. 128).

Embora equipare “glossário” e “dicionário especial”, ao recuperar sua função durante a Idade Média, o linguista acrescenta mais um aspecto comumente atribuído ao glossário, que costuma se apresentar como um apêndice ao texto que motivou sua elaboração, servindo para esclarecer o leitor quantos aos usos de arcaísmos, estrangeirismos e termos técnicos, às vezes, na forma de paratextos, caso das notas de rodapé, outras ao término da obra.

Dubois *et al.* (1978), em sucinta definição, limitam-se a dizer que “*Glossário* é um dicionário que dá sob a forma de simples traduções o sentido de palavras raras ou mal conhecidas” (p. 309). No entanto, quando conceituam “glosa”, os linguistas esclarecem a etimologia de “glossário”. Segundo eles,

Glosa é uma anotação muito concisa que alguns manuscritos trazem acima ou à margem de uma palavra ou de uma expressão que ela explica por um termo suscetível de ser conhecido pelo leitor. As glosas são o mais freqüentemente traduções de uma palavra rara ou incomum; por isso, o *glossário* é um dicionário das palavras ou dos termos de uma língua diferente da língua corrente (Dubois *et al.*, 1978, p. 308-309, grifos dos autores).

Nessa perspectiva, tal qual assinalam Vilela (1995), Biderman (1984) e Camara Jr. (1978), elaborar um glossário consiste em uma atividade metalinguística ou metalexicográfica que tem por finalidade auxiliar o leitor contemporâneo de textos temporalmente deslocados.

Como temos apontado até então, resta sempre alguma indefinição quanto à nomenclatura para designar uma ou outra obra lexicográfica, e isso já fora exposto por Maria Aparecida Barbosa (2001), ao dizer que,

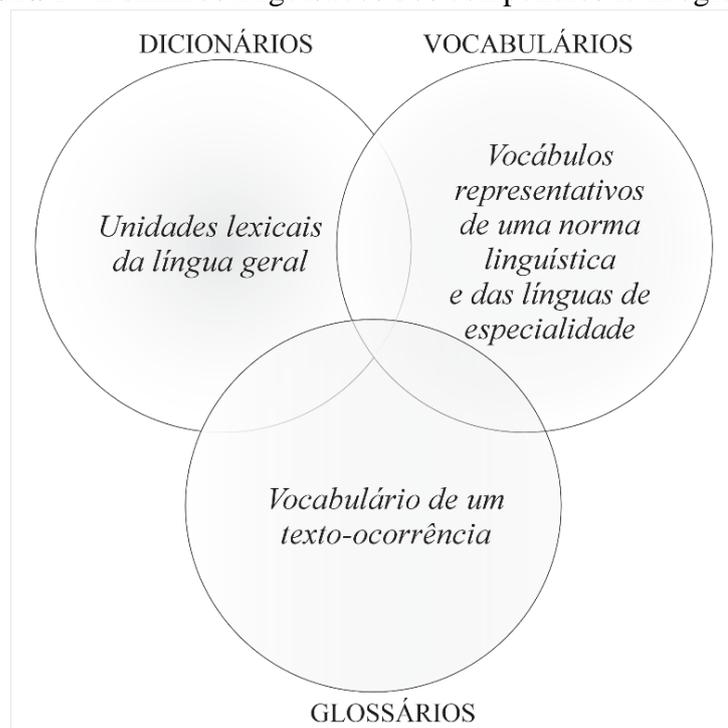
[...] não raras vezes, obras da mesma natureza e função são classificadas de maneira diversa, segundo os critérios adotados por este ou aquele autor, fato que conduz à existência de numerosas denominações para o mesmo núcleo conceptual 'obra lexicográfica / terminográfica' (Cf. *glossário, vocabulário, dicionário técnico, dicionário terminológico* etc.) (p. 32).

Por essa razão, consideramos pertinente a síntese formulada por Barbosa (2001), em que tenta condensar as especificidades de cada tipo de obra. Em suas palavras,

[...] os chamados dicionários de língua processam *as unidades lexicais da língua geral*; os denominados vocabulários, dicionários terminológicos, dicionários técnicos, glossários, etc. processam *vocábulos representativos de uma norma lingüística, inclusive as das línguas de especialidade*; e, ainda, glossários ou vocabulários processam o *vocabulário de um texto-ocorrência* (p. 33, grifos nossos).

Seguindo seu raciocínio, poderíamos delimitar, em termos de abrangência, três domínios principais em que se agrupam as obras lexicográficas e que recobrem, não sem dificuldades, dadas as intersecções possíveis, três universos lingüísticos, conforme ilustração abaixo:

Figura 1 - Domínios lingüísticos dos compêndios lexicográficos



Fonte: Adaptado de Barbosa (2001).

Embora essa esquematização lance alguma luz sobre a questão, reconhecemos sua limitação quanto a esclarecer, de maneira inequívoca, as diferenças existentes entre esses três tipos de obras, pois a própria tradição nos legou um emaranhado de classificações que servem de argumentos para os mais variados pontos de vista.

Ainda no tocante à conceituação de “glossário”, encontramos em Barbosa (2001) aquela que julgamos ser a definição mais acurada do termo. Segundo a linguista,

[...] um **glossário** *stricto sensu* seria a obra lexicográfica que apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão (p. 35, grifos da autora).

Diferentemente das demais definições comentadas anteriormente, Barbosa (2001) descreve a composição ideal para um glossário: referente a um único texto, com significações específicas, semanticamente rico. Assim, considerando esse grau de especificidade, muitas obras lexicográficas estariam fora dessa categoria. Na continuidade, a autora reitera a importância de um recorte bem específico, ao dizer que o glossário “pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de um macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas” (Barbosa, 2001, p. 36).

Nesta tese, compreendemos o glossário como o registro lexicográfico das ocorrências (lexias) coligidas de um *corpus* (*Luzia-Homem*), com vistas a esclarecer as particularidades do falar regional/popular no romance de Domingos Olímpio.

No próximo tópico, detalharemos os aspectos metodológicos que envolvem a elaboração de glossários, assim como o modelo de ficha lexicográfica que adotamos. Por ora, concordamos com Haensch (1982), quando diz que, “Infelizmente, nem todas as obras lexicográficas que registam e explicam o vocabulário utilizado por um autor ou obra literária são chamadas de ‘glossários’”⁷ (*apud* Barbosa, 2001, p. 43, tradução nossa).

⁷ “Desgraciadamente, no todas las obras lexicográficas que registran e explican el vocabulario usado por un autor o una obra literaria se llaman ‘glosarios’”.

4.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Uma vez que delimitamos um *corpus* literário e nos propusemos a analisar, nesse *corpus*, as ocorrências de falares regionais e populares, resta, ainda, expor as coordenadas que guiaram nosso fazer e que auxiliarão a compreensão do léxico coligido. Trata-se de esclarecer o fazer lexicográfico em termos metodológicos, visando, desse modo, sistematizar as três partes constituintes do glossário, a saber: a macroestrutura, a medioestrutura e a microestrutura, como descritas a seguir.

4.4.1 Macroestrutura

Em lexicografia, chamamos macroestrutura o conjunto dos materiais léxicos organizados ou, como diz Biderman (2001a, p. 18), a “lista total” de entradas lexicais. Essa organização deve responder a questões como quantidade de entradas, modo como estão organizadas, critério de seleção, dentre outras, com vistas a facilitar a compreensão do consulente. No *Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em Luzia-Homem*, temos uma macroestrutura caracterizada pelos seguintes aspectos:

- quanto ao **corpus**, este se subdivide em um *corpus de análise*, o romance *Luzia-Homem*, do qual foram extraídos os itens lexicais, e um *corpus de referência*, os dicionários que foram tomados como obras de referência da língua portuguesa: o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* versão 5.0 (2004), o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* versão 3.0 (2009) e o *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa* [online] (2015), bem como dicionários e glossários da linguagem regional/popular, a fim de verificar se tais lexias já foram ou não dicionarizadas.
- quanto ao **número de línguas**, trata-se de um glossário **monolíngue**, pois todas as entradas estão grafadas em português brasileiro.
- no tocante ao **público-alvo**, destina-se não apenas aos estudiosos do léxico, mas também a estudiosos da Literatura, sobretudo da obra de Olímpio, e ao público em geral.
- a **seleção das entradas** foi feita seguindo a ordem de ocorrência na obra, coligindo as lexias mais representativas do falar regional/popular cearense, majoritariamente das falas das personagens de *Luzia-Homem* e algumas das falas do narrador, perfazendo um total de **314 entradas lexicais**, posteriormente categorizadas em lexias simples, léxicas compostas e lexias complexas ou textuais, conforme propõe Welker (2004). O critério de escolha privilegiou o

aspecto semântico do item lexical e não sua produtividade (frequência de ocorrência), embora reconheçamos que este seja um dado igualmente importante nos estudos de léxico.

- no que tange à **ordenação das entradas**, estas se encontram em **ordem alfabética linear**, em fonte Times New Roman (tamanho 12), negrito e versalete, em blocos textuais delimitados por uma linha em branco.
- com relação ao **percurso metodológico** adotado, este é do tipo **semasiológico**, ou seja, partimos da forma linguística (significante) para indicar seu sentido (significado).
- no que se refere ao tratamento da **homonímia** e da **polissemia**, não há distinção entre esses aspectos semânticos, coadunando o posicionamento de Haensch (1982, p. 467), segundo o qual “solução prática mais viável nos dicionários semasiológicos que não dão indicações sobre a etimologia é não diferenciar entre os casos de homonímia e polissemia, já que os critérios alegados para distingui-los são insuficientes e insatisfatórios”.
- quanto ao tratamento da **sinonímia** e das **variantes**, ambas são registradas no interior do verbete, não constituindo novas entradas lexicais, privilegiando o aspecto econômico. Ademais, concordamos com Aragão (2014, p. 9, grifos da autora), quando diz que “**não há sinônimos perfeitos nem absolutos**, uma vez que os sememas de dois itens lexicais não recobrem totalmente um ao outro, ou seja, os semas genéricos, específicos e virtuais não podem ser totalmente iguais. Haverá sempre, pelo menos, um sema diferente”. Quando da ocorrência de variantes, estas são registradas dentro da estrutura do verbete, após a abonação.

4.4.2 Medioestrutura

Denominamos de medioestrutura o sistema de referenciação utilizado nas obras lexicográficas que possibilita interligar elementos dentro e fora destas, ou seja, trata-se de um sistema de remissivas que facilita seu manuseio pelo consulente, sendo parte imprescindível a qualquer compêndio lexicográfico.

Conforme Biderman (1984, p. 142),

[...] além de economizar espaço no dicionário, evita-se repetir informações que já foram dadas em outro verbete e por isso se remete a ele. Por outro lado, para que o consulente compreenda bem o significado e o uso de uma palavra, é preciso contrapô-la a outras palavras de significação próxima, ou oposta.

Corroborando o que fora exposto por Biderman (1984), Marinho (2018, p. 52) pontua que “as remissões apontam as relações de significação (sinonímia, antonímia, paronímia,

hiponímia, hiperonímia) estabelecidas entre as lexias remetidas, por toda a extensão da obra”, daí sua importância para o enriquecimento semântico e o esclarecimento de questões que, às vezes, uma única entrada léxica não seja capaz de esclarecer.

De acordo com Pontes (2011, p. 3-4), essas remissivas podem ser:

- **horizontais** (indica um elemento dentro do verbete), **verticais** (indica um elemento dentro de outro verbete) e **transversais** (indica elementos contidos no compêndio, mas que não fazem parte da estrutura dos verbetes);
- **internas** (dentro do verbete) ou **externas** (fora do verbete, em materiais antepostos ou pospostos);
- **explícitas** (marcadas por símbolos, abreviaturas e palavras) ou **implícitas** (quando não há marcações);
- **obrigatórias** (quando se faz necessário remeter a outra entrada para compreender o sentido, vez que se acha pouca ou nenhuma informação na entrada primeiramente buscada) ou **facultativas** (ficando a cargo do consulente verificar ou não outras entradas indicadas).

No *Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em Luzia-Homem*, a medioestrutura é composta por remissivas verticais e horizontais, explícitas e facultativas. Quando de sua ocorrência, elas são introduzidas pela abreviação **V.** (vide, em letra maiúscula, negrita e itálica), e, em seguida, a lexia à qual remete, em fonte versalete e em negrito.

4.4.3 Microestrutura

Por microestrutura compreendemos a organização interna de cada uma das entradas lexicais que compõem o glossário. Rey-Debove (1971, p. 21) refere-se à microestrutura como “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Por sua vez, Barbosa (1996) diz que a microestrutura:

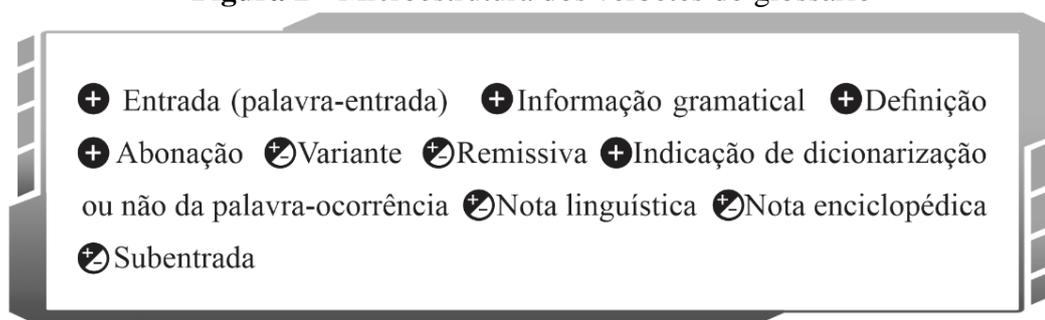
[...] é composta das ‘informações’ ordenadas que seguem a entrada e têm uma **estrutura constante**, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada. Denominamos ‘verbetes’ esse conjunto de Entrada + Enunciado Lexicográfico (p. 266, grifo nosso).

Essa organização, conforme Barbosa (1996), deve seguir uma padronização única dentro de um mesmo compêndio lexicográfico, a fim de conferir clareza às informações e familiaridade ao consulente, embora possa “[...] variar bastante, tanto no que se refere à extensão quanto ao conteúdo, conforme a finalidade e público-alvo ou natureza do léxico objeto de descrição” (Marinho, 2018, p. 53).

Uma vez que se opta pela inserção de um determinado elemento na composição da estrutura interna do verbete, este deve ser recorrente/obrigatório (+) em todas as outras entradas lexicais, salvo nos casos em que sua ocorrência seja facultativa, expressa pelo sinal (+/-). Essa rigidez metodológica, além de tornar a estrutura das entradas mais inteligível, cria uma familiaridade para o leitor.

Assim, no *Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em Luzia-Homem*, a microestrutura está organizada conforme a figura 2.

Figura 2 - Microestrutura dos verbetes do glossário



Fonte: elaboração do autor (2024).

Passemos à descrição de cada um desses constituintes que compreendem a microestrutura:

- **Entrada** - também designada por “lema”, “palavra-entrada”, “palavra-ocorrência” e “entrada de verbete”, trata-se do lexema na forma como se apresenta. Segundo Welker (2004, p. 91), “Geralmente, toma-se como lema a forma ‘básica’ ou ‘canônica’ do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos”. No caso dos verbos, por exemplo, introduzimos apenas sua forma infinitiva, que recobre todo o paradigma verbal. A esse processo, que segue um princípio econômico, chama-se lematização. Neste glossário, as entradas se acham lematizadas, ainda que sejam passíveis de subcategorização, por tratar-se de lexias simples, compostas, complexas e textuais. Esses lemas estão coligidos em ordem alfabética, dispostos verticalmente e grafados em fonte Times New Roman, tamanho 12pts, em versalete e negrito, separando-se do enunciado lexicográfico por um travessão (–).
- **Informação gramatical** - segundo constituinte da microestrutura de nosso glossário, que juntamente com a entrada forma a cabeça do verbete, neste campo são informadas as classes gramaticais (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio) e as categorias gramaticais (gênero e

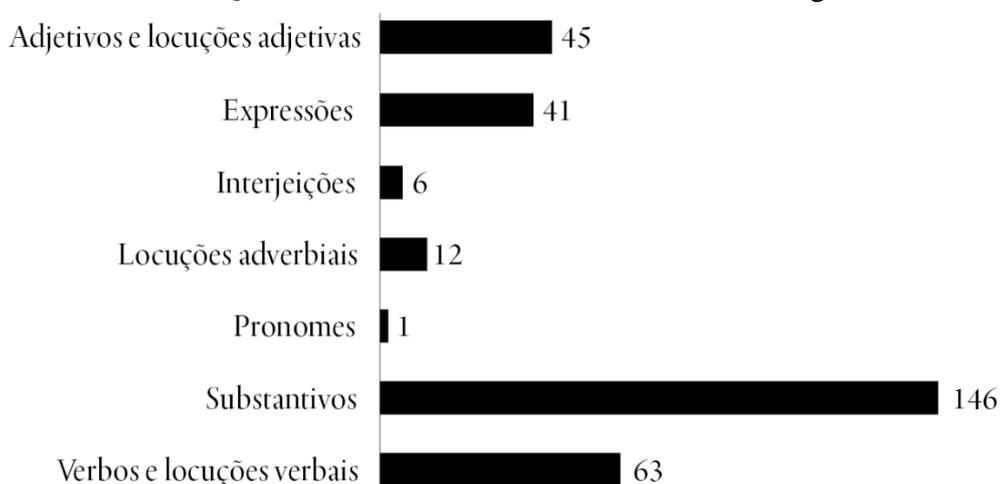
número) a que pertencem os lexemas. Essas informações são grafadas em minúsculo, itálico e abreviadas da seguinte forma:

<i>s.</i> – substantivo	<i>2g.</i> – comum de dois gêneros	<i>exp.</i> – expressão
<i>adj.</i> – adjetivo	<i>pl.</i> – plural	<i>loc.</i> – locução
<i>m.</i> – masculino	<i>v.</i> – verbo	<i>pron.</i> – pronome
<i>f.</i> – feminino	<i>adv.</i> – advérbio	<i>interj.</i> - interjeição

Na categorização gramatical dos itens lexicais, especificamente das lexias compostas e complexas, quando estas apresentarem valor análogo ao de substantivo, usaremos o rótulo *loc. s.*, quando corresponderem a um adjetivo, *loc. adj.*, quando a um advérbio, *loc. adv.*, e, por fim, *loc. v.* para as locuções verbais.

No gráfico 1, a seguir, é possível perceber a distribuição das entradas lexicais conforme a classificação gramatical.

Gráfico 1 - Quantitativo de lexias de acordo com a classe gramatical



Fonte: elaboração do autor (2025).

▪ **Definição** - trata-se do enunciado parafrástico da lexia ou da explicação lexicográfica do significado, de acordo com o contexto da ocorrência, em linguagem acessível, geralmente apresentado na forma de um hiperônimo e de hipônimos. Conforme Welker (2004, p. 118), citando Béjoint (2000), a definição lexicográfica do tipo analítica é a mais prestigiosa, embora outros tipos, por exemplo, a enciclopédica, sejam possíveis. No glossário aqui apresentado, optamos, sempre que possível, por definições lexicográficas analíticas, e, quando necessário, são acrescentadas notas linguísticas e enciclopédicas ao término da entrada.

- **Abonação** - trecho de uma obra ou de um discurso proferido que valida o emprego da palavra-entrada. Marinho (2018, p. 58) aponta que a abonação é “considerada uma espécie de atestado de existência, assume importância de definição e com esta constituem, na verdade, partes integradoras das demais do verbete”, ao passo que Welker (2004, p. 150) a define como “frase ou trecho de frase encontrada em um texto autêntico”. No glossário que desenvolvemos, todas as abonações foram retiradas do romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, e apresentam-se em itálico, com a palavra-ocorrência destacada em negrito, situadas imediatamente após as definições e seguidas de parênteses contendo a sigla DO - Domingos Olímpio, ano da edição do romance consultada e página da ocorrência.
- **Variante** - item opcional, trata-se das ocorrências registradas no *corpus* que possuem equivalência semântica. Segundo Welker (2004, p. 170), “Só se pode falar em variantes quando o significado é praticamente idêntico”. Em obras literárias que distam já décadas ou séculos de sua publicação, não raras vezes encontramos formas grafadas de maneiras distintas por falta de padronização ortográfica ou mesmo por erros tipográficos. No *Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em Luzia-Homem*, quando de sua ocorrência, as variantes são apresentadas após a abonação, antecedidas da abreviação **Var.** e grafadas em versalete e negrito.
- **Remissiva** - elemento opcional, também chamada de remissões, diz respeito às relações semânticas que se estabelecem entre as lexias, podendo ser classificadas, dentre outras, em internas (quando remetem a lexias dentro da macroestrutura do compêndio lexicográfico) ou externas (quando remetem a lexias fora da macroestrutura), cf. tópico 4.4.2 desta tese, em que apresentamos as características da medioestrutura. No caso de glossários, diferentemente de outras obras lexicográficas, as remissivas devem estar “circunscritas ao texto do discurso manifestado” (Barbosa, 2001, p. 39), ou seja, elas somente remeterão a outras entradas também extraídas do romance *Luzia-Homem*. Neste glossário, elas são introduzidas pela abreviação **V.** (vide), e grafadas em versalete e negrito.
- **Indicação de dicionarização ou não da palavra-ocorrência** - todas as lexias tomadas do *corpus* foram submetidas a uma checagem nos compêndios lexicográficos que integram o *corpus* de referência, a fim de constatar se há algum registro de dicionarização. Em nossa pesquisa, esse *corpus* de referência é formado por três (03) dicionários de língua portuguesa, um (01) dicionário de termos regionais/populares e um (01) glossário de termos regionais/populares. Para cada um deles foi atribuída uma sigla formada por dois caracteres maiúsculos, conforme o quadro 2.

Quadro 2 - Compêndios lexicográficos do *corpus* de referência e seus respectivos rótulos

Tipos de compêndios	Título / ano de publicação	Lexicógrafo/a/s	Sigla
Dicionários de língua portuguesa	<i>Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0</i> (2004)	Aurelio Buarque de Holanda	AB
	<i>Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 3.0</i> (2009)	Antonio Houaiss	AH
	<i>Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa [online]</i> (2015)	-	MC
Dicionário de termos regionais/populares	<i>Dicionário lingüístico-literário de termos regionais/populares (Norte/Nordeste)</i> , v. 1 e 2 (2003)	Maria das Neves Alcântara de Pontes; Vilson Brunnel Meller	PM
Glossário de termos regionais/populares	<i>A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego</i> (2017)	Maria do Socorro Silva de Aragão	SA

Fonte: elaboração do pesquisador (2024).

Após a recolha e checagem das lexias que compõem o glossário, estas foram classificadas e rotuladas conforme descrito no quadro 3, a seguir.

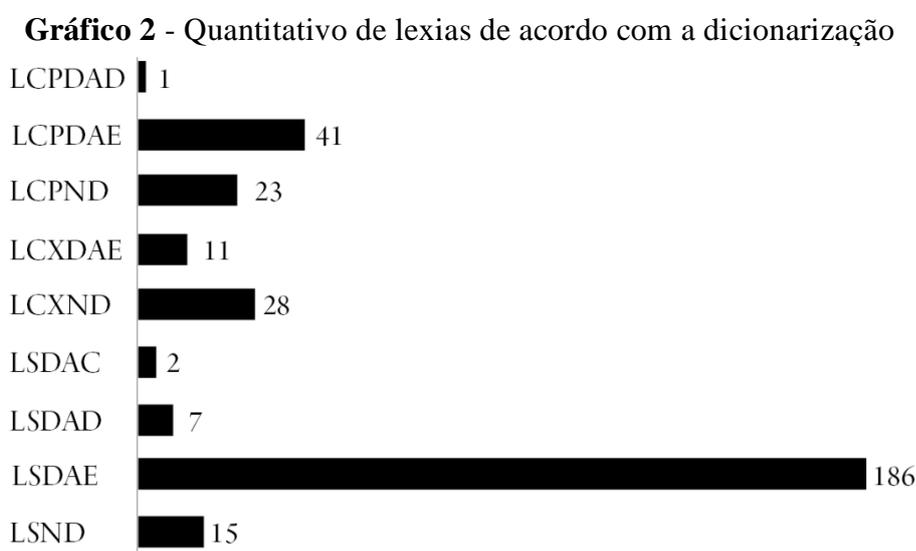
Quadro 3 - Categorização das lexias que compõem o glossário

Classificação	Dicionarização / acepção	Rótulo empregado no glossário
Lexia simples	Não dicionarizada	LSND
	Dicionarizada com acepção equivalente	LSDAE
	Dicionarizada com acepção diferente	LSDAD
	Dicionarizada com acepção complementar	LSDAC
Lexia composta	Não dicionarizada	LCPND
	Dicionarizada com acepção equivalente	LCPDAE
	Dicionarizada com acepção diferente	LCPDAD
	Dicionarizada com acepção complementar	LCPDAC
Lexia complexa ou textual	Não dicionarizada	LCXND
	Dicionarizada com acepção equivalente	LCXDAE
	Dicionarizada com acepção diferente	LCXDAD
	Dicionarizada com acepção complementar	LCXDAC

Fonte: elaboração do autor. Adaptado de Marinho (2018, p. 59-60).

Como é possível perceber no quadro 3, não faremos distinção entre as lexias complexas e as lexias textuais, vez que, como pontuou Marinho (2018), nem sempre é possível determinar sua classe gramatical, podendo ser referidas genericamente como expressão (*exp.*), entretanto, reservamos o uso deste rótulo somente para os casos estritos em que não for possível determinar a classe a que pertencem e que, notadamente, possuam sentido lexical e não apenas gramatical.

No gráfico 2, a seguir, observamos a distribuição das lexias conforme a dicionarização.



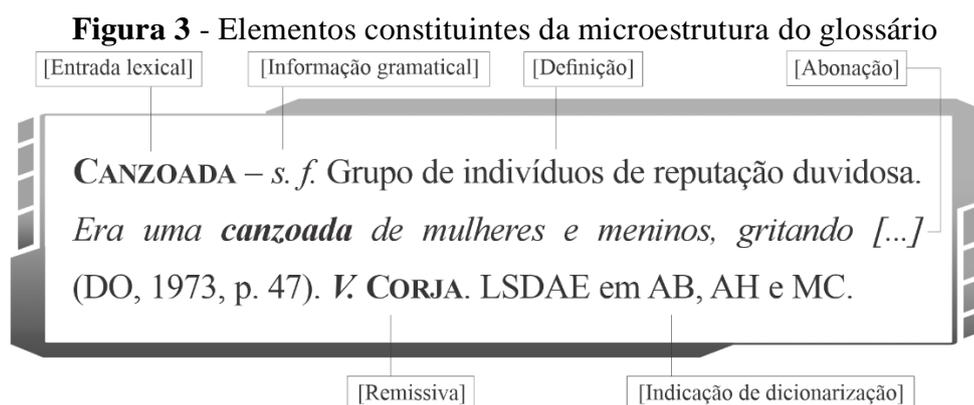
Fonte: elaboração do autor (2025).

Do total de lexias selecionadas do *corpus*, há predominância de lexias simples dicionarizadas com acepção equivalente (LSDAE), que somam 186 ocorrências. Esse dado revela que grande parte desse léxico já foi registrado nas obras lexicográficas pesquisadas. Outra informação extraída das análises do *corpus* que merece destaque é o quantitativo de itens lexicais que não foram localizados em nenhum dos cinco dicionários/glossários consultados. Somando-se as lexias simples não dicionarizadas (LSND), às lexias compostas não dicionarizadas (LCPND) e às lexias complexas não dicionarizadas (LCXND), obtemos o número de 66 entradas lexicais que ainda não haviam recebido tratamento lexicográfico.

▪ **Nota linguística** - item opcional, uma nota linguística pode trazer explicações etimológicas, alguma outra informação de natureza morfossintática, resultados de pesquisas feitas fora do *corpus* de referência, não constituindo o enunciado lexicográfico por nós elaborado. Quando necessária, a nota se encontra após a indicação de dicionarização, sendo introduzida pela sigla **NL** (em caixa alta e negrito, seguida de dois-pontos).

- **Nota enciclopédica** - também de natureza facultativa, a nota enciclopédica neste glossário trará alguma informação relevante sobre a lexia, que tenha sido encontrada dentro do *corpus* de referência, coadunando a compreensão de Welker (2004, p. 118), segundo o qual, “A definição enciclopédica é dada em enciclopédias, ou, em alguns dicionários, em verbetes enciclopédicos”. Por se tratar de informação coletada das obras lexicográficas já listadas no quadro 2, a referência dessas informações utilizará as siglas correspondentes aos dicionários e ao glossário consultados. Quando de sua inserção, será posicionada após a nota linguística, sendo introduzida pela sigla **NE** (em caixa alta e negrito, seguida de dois-pontos).
- **Subentrada** - também denominada ‘sublema’, trata-se de uma nova entrada dentro da entrada lexical primeira. Reservamos seu uso para registrar os casos de ocorrência da mesma palavra-entrada com sentido diferente ou pertencendo a outra classe gramatical. Quando houver necessidade de inserir uma subentrada, esta aparecerá após a nota enciclopédica, enumerada em algarismos arábicos (2, 3...), grafada em versalete, negrito e seguida das demais informações, como indicação da classe gramatical, definição, abonação, indicação de dicionarização etc.

A título de exemplificação, ao término de todo o percurso metodológico para a confecção de cada um dos verbetes que compõem o *Glossário do léxico regional/popular de Domingos Olímpio em Luzia-Homem*, o consulente encontrará as entradas lexicais organizadas conforme apresentado na figura 3, a seguir.



Fonte: elaboração do autor (2024).

Note-se que, no caso em tela, a entrada lexical não apresentou *variante*, nem *notas enciclopédicas* ou *linguísticas*, tampouco *subentrada*, constituintes de ocorrência facultativa (+/-) neste glossário.

5 GLOSSÁRIO DO LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE DOMINGOS OLÍMPIO EM LUZIA-HOMEM

∞ A ∞

ABAIXO DE DEUS – *exp.* Utilizada para dizer que se tem grande estima por alguém. – *Você tem sido, abaixo de Deus, minha protetora [...] (DO, 1973, p. 118). LCPND.*

ABOLETAR – *v.* Hospedar alguém, dar-lhe guarita. *Aí fui aboletada em casa de uma velha (DO, 1973, p. 104). LSDAE em AB, AH, MC. NE:* PM registra o particípio do verbo, “aboletado”, com sentido de “alojado, instalado” e SA a forma pronominal do verbo, “aboletar-se”, com sentido de “alojar-se, sentar-se à vontade”.

ABUSÃO – *s. f.* Erro de julgamento, crença fantasiosa, engano. [...] *curava bicheiras de bezerros pelo rasto... – Abusões... (DO, 1973, p. 112). LSDAE em AB, AH, MC e PM. Var.*

BUSÃO – *s. m.* mesmo que “abusão”. – *Busões?!... Conheci um moço que foi enfeitado... (DO, 1973, p. 112). LSND.*

AFORCIAR – *v.* Usar de violência sexual contra alguém. [...] *mas ninguém lhe podia lançar em rosto o haver aforcido mulheres honestas (DO, 1973, p. 31). LSDAE em MC.*

ALARIDO – *s. m.* Mistura de muitos sons incompreensíveis, poluição sonora. [...] *às vezes, interrompido por estríbulos assobios, alarido de gritos, gargalhadas rasgadas e as vaias [...] (DO, 1973, p. 24). LSDAE em AB, AH e MC.*

ALEIVE – *s. m.* Falsa acusação, falso testemunho. – *Mas... quem inventou esse aleive?... (DO, 1973, p. 117). LSDAE em AB, AH e MC.*

ALEVANTAR – *v.* Mesmo que levantar. – *Eu que nunca alevantei meus olhos para semelhante criatura [...] (DO, 1973, p. 117). LSDAE em AB, AH e MC. NL:* na linguagem popular, o antepositivo “a-”, normalmente usado como prefixo de negação, liga-se a alguns verbos por prótese (acréscimo de um fonema no início da palavra), perdendo seu sentido de privação.

ALUADO – *adj.* Diz-se de alguém que está desconcertado, amalucado. *Fico sem ação e aluado, quando ela passa por mim, e me repugna...* (DO, 1973, p. 127). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

ALVARINHO – *adj.* Diz-se de algo ou alguém que apresenta coloração esbranquiçada, alourada. *Aquele alvarinho que servia de apontador na obra [...]* (DO 1973, p. 32). LSDAE em AH e MC. LSDAD em AB. NE: AB registra o homônimo, apenas com sentido de “doença que ataca cabras e ovelhas”. PM registra as variantes “alvarinto/alvarento” com acepção equivalente.

À MÍNGUA – *loc. adv.* Na miséria, em extrema pobreza. *[...] para não a deixar morrer à míngua* (DO, 1973, p. 119). LCPDAE em AB, AH e MC.

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO – *exp.* As circunstâncias põem à prova o caráter do homem. *[...] capaz de meter a mão no fogo por tão bom moço; mas... a ocasião faz o ladrão...* (DO, 1973, p. 63). LCXND.

AO DEUS-DARÁ – *loc. adv.* Sem planejamento, ao acaso. *Vão se criando ao deus-dará, como filhos de pobres* (DO, 1973, p. 186). LCPDAE em AB, AH, MC e SA.

A PANOS DE VINAGRE – *exp.* Sair severamente machucado de uma briga. *[...] quebrava-lhe a cara safada que ficaria a panos de vinagre* (DO, 1973, p. 44). LCXND. NL: Na medicina popular, utiliza-se uma mistura de vinagre branco e água para embeber um pano e aplicar a compressa sobre áreas do corpo a fim de barrar a febre. Devido à evaporação do vinagre, a pele esfria, fazendo cessar a febre. As pesquisas científicas mais recentes sobre as propriedades medicinais do vinagre apontam que a ingestão de pequenas quantidades melhora os níveis glicêmicos em pacientes com diabetes e que os flavonoides presentes em alguns tipos específicos de vinagre, como o de maçã, ajudam no tratamento de dores de cabeça (DiGiacinto, 2022).

A PIQUE – *loc. adv.* Disposto de maneira vertical. *[...] esteios de aroeira, fincados a pique, rijos como barras de ferro [...]* (DO, 1973, p. 23). LCPDAE em AB, AH e MC.

APURAR O JUÍZO – *loc. v.* Perturbar a mente. [...] *por muito apurar o juízo em coisas tristes* (DO, 1973, p. 124). LCPND.

AQUI PARA NÓS – *exp.* Utilizada para pedir segredo sobre alguma informação a ser compartilhada a seguir. *Aqui para nós... Meu marido não acredita na história da tal Gabrina* (DO, 1973, p. 124). LCXND.

ARENCAUSADO – *s. m.* Ingestão exagerada de ar, mesmo que aerofagia. *Parece que tenho ar encausado...* (DO, 1973, p. 55). LCPND. **NE:** PM registra a forma “vento encausado” como designativo usado no sertão para alguma doença, sem precisar-lhe o sentido.

ARRE – *interj.* Usada para exprimir enfado, irritação ou raiva. *Arre! Que nem com dez mil-réis me pagavam [...]* (DO, 1973, p. 88). LSDAE em AB, AH e MC.

ARREBITAR DE LUXOS – *loc. v.* Apresentar-se de maneira estravagante, parecendo ser mais do que realmente é. [...] *uma retirante à-toa, sem eira nem beira, toda arrebitada de luxos [...]* (DO, 1973, p. 31). LCPND. **NL:** no contexto, por se tratar de uma locução verbal de participípio, ou seja, uma das formas nominais do verbo, funciona como *loc. adj.*, pois serve para qualificar algo ou alguém.

ARRECEAR – *v.* Forma popular do verbo “recear”, ter medo de. – *Não se arreceie...* (DO, 1973, p. 75). LSDAE em AB, AH e MC. **NL:** na linguagem popular, o antepositivo “a-”, normalmente usado como prefixo de negação, liga-se a alguns verbos como morfema protético, perdendo seu sentido de privação, por exemplo, em *abaixar, alevantar, avoar*.

ARRIBAR – *v.* Partir em fuga, sair de algum lugar sem pedir licença. *Vocês ou ficam quietos ou arribam daqui* (DO, 193, p. 61). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

ASA-NEGRA – *s. f.* Pessoa que dá azar, que atrapalha a vida de outros. [...] *fiquei com a tal velha que foi minha asa-negra* (DO, 1973, p. 107). LCPDAE em AB, AH e MC.

ASSIM, ASSIM – *loc. adv.* Nem bem nem mal, mais ou menos. *Como vai tudo por esta casa? – Assim, assim – respondeu Luzia* (DO, 1973, p. 80). LCPDAE em AB, AH, MC e PM.

ATARANTADO – *adj.* Que se mostra atrapalhado, confuso. *Estava tão atarantada que não vi vosmecê* (DO, 1973, p. 121). LSDAE em AB, AH e MC. **NE**: PM registra “atarentado”, com igual sentido.

ATÉ MAIS VER – *exp.* Até a vista, até logo. – *Bom, agora vou à obra – disse Raulino. – Até mais ver...* (DO, 1973, p. 81). LCXDAE em AH, AB e MC.

À-TOA – *loc. adv.* Sem ter o que fazer, sem propósito de vida. [...] *a quem ele, com fingido desdém, chamava uma retirante à-toa, sem eira nem beira [...]* (DO, 1973, p. 31). LCPDAE em AB.

AVOANTE – *s. f.* *Zenaida auriculata*, também chamada de pomba-do-sertão ou arribaçã, é uma ave de pequeno porte que costuma voar em bando. [...] *as caçadas de avoantes nos bebedouros [...]* (DO, 1973, p. 78). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

AZUCRINAR – *v.* Causar perturbação, aborrecimento. *Eu não gosto de mulher que me azucrine* (DO, 1973, p. 128). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

B

BANZAR – *v.* Ficar pensando demoradamente, matutar. [...] *fiaria um novelo para não estar banzando sem fazer nada...* (DO, 1973, p. 117). LSDAE em AB, AH e MC.

BANZEIRO – *adj.* Que tem banzo, que está melancólico. [...] *a gente estranha; fica banzeira. Depois se acostuma* (DO, 1973, p. 72). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

BATICUM – *s. m.* Falatório, discussão. *Está bom! Não quero baticum de boca comigo...* (DO, 1973, p. 50). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **2. BATICUM** – *s. m.* Batida, pulsação. *Todo ele tremia; eu sentia-lhe o baticum do coração* (DO, 1973, p. 102). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

BOBAGE – *s. f.* Algo de pouca relevância, sem importância. *Desgraça pouca é bobage...* (DO, 1973, p. 248). LSND. **NL**: geralmente utilizado em função predicativa, trata-se da corruptela de “bobagem”, decorrente da apócope (queda) da consoante final /m/ da sílaba pós-tônica,

processo de economia linguística (lei do menor esforço) muito recorrente na linguagem regional/popular, que tende a simplificar a pronúncia dos últimos fonemas. Ex.: viage/m/ – viage, nuve/m/ – nuve.

BODEGA – *s. f.* Pequeno comércio de gêneros alimentícios. *Os dois soldados se dirigiram para a **bodega**, continuando a conversar* (DO, 1973, p. 129). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

BOTAR A ALMA PELA BOCA – *exp.* Estar muito cansado por fazer grande esforço físico, ficar ofegante. *Teimas em carregar essa água nessa jarra... Estás a **botar a alma pela boca**...* (DO, 1973, p. 45). LCXDAE em AH, MC e SA.

BOTAR COISA RUIM NO CORPO – *exp.* Enfeitiçar, botar quebranto. [...] *meu Deus perdoai-me, **botou-me coisa ruim no corpo*** (DO, 1973, p. 96). **V. QUEBRANTO**. LCXND. NE: PM registra a *exp.* “Botar coisa”, com o sentido de “fazer macumba”.

BRABO – *adj.* Que é propenso a entrar em confusão. – *Aquilo é uma fera **braba** como cascavel* (DO, 1973, p. 126). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

BRENHA – *s. f.* Lugar ermo, isolado, de difícil acesso. – *E ficaremos sozinhos naquelas **brenhas**?* (DO, 1973, p. 51). LSDAD em AB, AH e MC.

BULIR – *v.* Causar aborrecimento, caçoar de alguém. [...] *e o desafortado entrou a **bulir** com ela até fazê-la chorar* (DO, 1973, p. 49). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA. **2. BULIR** – *v.* Roubar, apropriar-se de algo. *A outra resmungava: “**Bulir** com o de-comer dos pobres!...”* (DO, 1973, p. 58). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA. **3. BULIR** – *v.* Mexer em algo. [...] *ouvi **bulir** na porta [...]* (DO, 1973, p. 102). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.



CABEÇÃO – *s. m.* A gola do roupão ou de outra vestimenta semelhante. – *continuou, caqueando no seio do **cabeção**, bordado de cacundês* (DO, 1973, p. 115). LSDAE em AB, AH e MC.

CABELOURO – *s. m.* Região posterior da cabeça dos animais, nuca. [...] *matava um bode taludo com um murro na cabelouro* (DO, 1973, p. 66). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

CACHORRA – *s. f.* Mulher devassa, prostituta. *Se eu não estivesse de serviço te ensinava quem é relaxado, cachorra...* – *Cachorra é tua mãe, cabra safado...* (DO, 1973, p. 43). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

CAÇOAR – *v.* Fazer gracejo, mentir de brincadeira. *Que santo desconfiado!... Eu estava caçoando...* (DO, 1973, p. 75). LSDAE em AB, AH e MC. **NE:** Em SA encontramos a forma substantivada do verbo, “caçoada”, com sentido de brincadeira, zombaria, mentira inocente.

CAÇOULA – *s. f.* Vaso raso em que se queima incenso. [...] *e mostrando uma caçoula com a imagem do milagroso padroeiro em péssima gravura [...]* (DO, 1973, p. 115). LSDAE em AB, AH e MC.

CACULO – *s. m.* Como se nomeia popularmente a covinha do queixo. *Não reparaste naqueles quartos redondos, no caculo do queixo, na boca encarnada como um cravo?* (DO, 1973, p. 32). LSDAD em AB, AH e MC. LSDAE em PM. **NL:** Em anatomia, chama-se gelasinas as pequenas reentrâncias que podem se formar no queixo e nas bochechas. Trata-se de um defeito congênito, segundo Renata Turbiani (2020).

CACUNDÊ – *s. m.* Tipo de bordado feito de fitas ou de retalhos de chita, aplicado sobre tecido, formando figuras. – *continuou, caqueando no seio do cabeção, bordado de cacundês* (DO, 1973, p. 115). LSDAE em AB, AH, MC, PM

CADEIRA – *s. f.* Na anatomia humana, o quadril. *Sempre ficaram nesses rabichos que nem me chegam às cadeiras...* (DO, 1973, p. 80). LSDAE em AH, MC e SA. LSDAD em AB, **NE:** AB não registra nenhuma acepção da lexia com o sentido que aqui é atribuído, mas apresenta o *adj.* “descadeirado”, com o seguinte enunciado lexicográfico: “Diz-se de quem, por qualquer enfermidade, tem dor nas cadeiras”.

CAIPORA – *s. f.* Falta de sorte, infelicidade. [...] *mas, naquele dia, foi caipora: falseou-lhe o pé* (DO, 1973, p. 48). LSDAE em AB, AH, MC e SA. **NE:** PM registra o *s. f.* “caiporice” com o sentido de “má sorte” ou “infelicidade permanente”.

CAIPORISMO – *s. m.* Má sorte, infelicidade. *Fui eu quem lhe trouxe caiporismo* (DO, 1973, p. 118). LSDAE em AB, AH e MC.

CALIBRE – *s. m.* Constituição física. – *Qual! Isso é do calibre de gente...* (DO, 1973, p. 79). LSDAE em PM e AS. LSDAD em AB, AH, MC.

CAMBADA – *s. f.* Grupo de indivíduos de classe social baixa. [...] *dava graças a Deus por se ver livre daquela cambada de retirantes* (DO, 1973, p. 31). V. CORJA. LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

CANGACEIRO – *s. m.* Bandido que rondava os sertões nordestinos fortemente armado, geralmente em bando, saqueando o comércio e praticando outros crimes. [...] *o cangaceiro Zé Antônio do Fechado, cavaleiro e bravo à antiga* [...] (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AB, AH, PM e SA. NE: AH e MC, embora não façam referência direta, mencionam a datação (três primeiras décadas do século XX) do período em que se proliferou o banditismo social. O cangaceiro habita o imaginário popular como figura ambivalente, que fazia justiça social com as próprias mãos. Lampião é o nome mais lembrado do cangaço nordestino.

CANZOADA – *s. f.* Grupo de indivíduos de reputação duvidosa. *Era uma canzoada de mulheres e meninos, gritando* [...] (DO, 1973, p. 47). V. CORJA. LSDAE em AB, AH e MC.

CAPÃO – *s. m.* Porção de mato denso com aspecto diferente do restante da vegetação, pequeno bosque, capoeira. *Bateu capões de mato; esgravatou grotas e já estava desesperado, pensando no que lhe aconteceria* (DO, 1973, p. 74). LSDAE em AB, AH, MC e PM. NE: SA registra a lexia composta “capão de mato”, com igual sentido.

CAPIONGO – *adj.* Tomado pela tristeza, sofrendo de melancolia. [...] *ficou logo meia lesa e capionga; deu-lhe para maginar, olhando para o tempo* [...] (DO, 1973, p. 180). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

CAQUEAR – *v.* Procurar às cegas, apalpar. – *continuou, caqueando no seio do cabeção, bordado de cacundês* (DO, 1973, p. 115). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

CARCARÁ – *s. m.* Ave de rapina muito comum no Nordeste, conhecida como a águia do sertão. [...] *torturadas pelas bicadas de carcarás* [...] (DO, 1973, p. 195). V. GAVIÃO. LSDAE em AB, AH, MC e PM.

CARITÓ – *s. m.* Pequeno nicho na parede das casas sertanejas onde se guardam objetos ou se acendem velas e candeeiros. [...] *preparou a candeia de azeite* [...] e colocou-a no **caritó**, donde [...] *iluminou em tons melancólicos* [...] (DO, 1973, p. 75). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

CAROÁVEL – *adj.* 2g. Diz-se de quem inspira afetos, amável. *Possuía, apesar das duras feições, o encanto militar, a que tão caroável o animal caprichoso e fútil, a mulher de todas as categorias* [...] se deixa atrair [...] (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AB, AH e MC.

CASCAVEL – *s. f.* Diz-se de pessoa faladeira, de mau gênio, traiçoeira. *Todo o homem de más entranhas, à traição, é cascavel, mas, peito a peito, é medroso* (DO, 1973, p. 41). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA. **NE:** no sentido literal, designa a serpente *Crotalus durissus*, a segunda mais venenosa do Brasil, que possui um chocalho na ponta da cauda e é encontrada em regiões secas.

CASCAVILHAR – *v.* Intrometer-se na vida dos outros, bisbilhotar. [...] *não o faziam, porque não queriam cascavilhar na vida alheia* (DO, 1973, 144). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **NE:** SA registra a lexia com o sentido de “procurar, catar, remexendo e revirando tudo” e sua variante “cascaviar”.

CHIBANTEAR – *v.* Parecer valente, pavonear-se. [...] *prodigioso de destreza, que chibanteava em pitorescas narrativas* (DO, 1973, p. 27). LSDAE em AB, AH e MC. **NE:** SA e PM registram o adj. “chibante”, com sentido de “cabra valentão, fanfarrão e orgulhoso”.

CHILRO – *adj.* Insípido, sem graça. [...] *para arranjar remédios e um caldo chilro para a infeliz* (DO, 1973, p. 119). LSDAE em AB, AH e MC.

CHUPAR CHAVE DE SACRÁRIO DO SANTÍSSIMO – *exp.* Ritual que consiste em chupar ou esfregar uma chave sobre a enfermidade, seja ela réplica ou a chave legítima usada para fechar o sacrário, com a finalidade de fechar o corpo, afastando os males físicos e espirituais. [...]

foi se receitar ao padre João Crisóstomo; chupou chave de sacrário do Santíssimo, mandou fazer orações fortes... Foi bobagem... (DO, [1903]1929, p. 48)⁸. LCXND. NL: Em *Macunaíma*, de Mario de Andrade (1928), também se faz menção a essa prática como meio para se obter a cura de males físicos. Trata-se de um feitiço do Catimbó-Jurema, religião afro-ameríndia que mistura elementos indígenas, africanos e do cristianismo. No catimbó, segundo Câmara Cascudo (1978), “a chave é indispensável para fechar o corpo do fiel [...] facilmente encontrada nas orações-fortes, é figuradamente a chave do Sacrário, onde se guarda a Hóstia, a santa partícula” (p. 39).

COCÓ – *s. m.* Penteado que consiste em enrodilhar o cabelo no topo ou na parte posterior da cabeça. *Luzia subjugava os cabelos em grande cocó no alto da cabeça* (DO, 1973, p. 80). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

COMER RELHO – *loc. v.* Ser espancado com chicote de couro. [...] *vosmecê dá-me conta da vaca, ou come relho* (DO, 1973, p. 74). LCPDAE em SA. NE: AH registra a *exp.* “baixar o relho” com o sentido de bater com açoite, com chicote.

CÔMORO – *s. m.* Elevação de terreno não muito alta, pequeno monte. [...] *o cômore, enegrecido pelo sangue de reses sem conto [...]* (DO, 1973, p. 23). LSDAE em AB, AH e MC.

⁸ A expressão “chupar chave de sacrário do Santíssimo” não é encontrada na edição de 1973, que foi usada para o levantamento de todas as lexias deste glossário, mas consta na primeira edição, de 1903, e na segunda edição, de 1929. Não conseguimos encontrar qualquer explicação para tal apagamento, mas, dada a origem pagã da prática, não descartamos se tratar de algum tipo de censura imposta pela Ditadura Militar vigente no ano de publicação desta edição. *Ipsis litteris*, na edição de 1929, encontramos:

“– Buzões?!... Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embellezada por elle. A creatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe dêsse o ar... Ave-Maria; foi murchando, seccando até ficar pelle e osso. Parecia mais um defuncto em pé, que gente viva. Desenganado de remedio de botica, foi se receitar ao padre João Chrysostomo; *chupou chave de sacrário do Santíssimo*, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade delle foi topar uma cigana, que lhe deu contra-feitiço, uns pózes para beber com leite de peito... Santo remedio, menina!... Uma coisa é vêr outra é dizer, como elle se levantou, já tendo os pés na cova.” (Olympio, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48, grifos nossos).

Ao passo que a edição de 1973, diz:

“– *Busões?!...* Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embelezada por ele. A criatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe desse o ar... Ave-Maria; foi murchando, secando até ficar pele e osso. Parecia mais um defunto em pé, que gente viva. Desenganado de remédios de botica, foi se receitar ao padre João Crisóstomo, mandou fazer orações fortes... Foi *bobage*... A felicidade dele foi topar uma cigana que lhe deu contrafeitiço, uns *pozes* para beber com leite de peito... Santo remédio, menina... Uma coisa é ver outra é dizer, como ele se levantou, já tendo os pés na cova” (Olímpio, 1973, p. 112, grifos do autor).

CORISCO – *s. m.* Descarga elétrica produzida por nuvens eletrizadas, raio. *Preferiria vê-lo morto, estirado no chão, fulminado por um corisco* (DO, 1973, p. 97). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

CORJA – *s. f.* Grupo de indivíduos de má índole e pertencente a um mesmo estrato social. *Corja de mal-agradecidos, que já não se lembravam dos benefícios de ontem* (DO, 1973, p. 31). V. **CAMBADA**. LSDAE em AB, AH e MC.

CORPO FECHADO – *loc. adj.* Diz-se de pessoa que, por meio de orações e benzimentos, não pode ser penetrado por balas e facas, e sobre quem veneno e feitiçarias não têm efeito. *Todo o mundo sabe que ele tem o corpo fechado* (DO, 1973, p. 106). LCPDAE em AH, MC e SA. **NE:** AB registra a *loc. v.* “fechar o corpo”, com o sentido de “tornar-se imune aos males físicos e espirituais”.

CORREDOR – *s. m.* Osso da canela do boi, no interior do qual se encontra o tutano, rico em gordura e colágeno. – *Aqui tem uma libra de carne fresca e um corredor* (DO, 1973, p. 48). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **NE:** SA registra a forma “corredô” com sentido de “passagem estreita”.

CORRIMBOQUE – *s. m.* Ponta de chifre utilizada como depósito de tabaco, tabaqueira. [...] *puxou do cós da ceroula um grande corrimboque de retorcido chifre de carneiro* [...] (DO, 1973, p. 81). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

COURO DE CAPOEIRA – *s. m.* Pele de veado, curtida e muito macia. [...] *perneiras de couro de capoeira, muito macio* (DO, 1973, p. 103). LCPND.

CURTIDO – *adj.* Diz-se da pele que passou pelo processo de curtimento, que consiste em desidratar ao sol. [...] *a pele curtida pelo implacável sol incandescente* (DO, 1973, p. 24). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

D

DAR FÉ – *loc. v.* Perceber, tomar consciência de algo. – *A gente não faz essas coisas por querer. Quando dá fé está feito...* (DO, 1973, p. 50). LCPDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

DAR NA VISTA – *loc. v.* Chamar atenção. – *Sim, coisas que davam logo na vista...* (DO, 1973, p. 97). LCPDAE em AB, AH, MC e SA.

DAR O AR – *loc. v.* Ser acometido de paralisia. *A criatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe desse o ar... Ave Maria* (DO, 1973, p. 112). LCPND. **NL:** No Catimbó das rezadeiras, toda doença tem um “ar”, uma essência, e, por uma “semiótica misteriosa e primitiva”, a catimbozeira identifica a doença, se “ar da gota, ar do reumatismo, ar incausado” etc. Na bruxaria portuguesa, de onde bebe o catimbó, o “ar que deu” corresponde à paralisia (Cascudo, 1978, p. 117).

DE-COMER – *s. m.* Alimento. [...] *o de-comer dos pobres!*... (DO, 1973, p. 58). LCPDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

DEIXAR ESTAR – *loc. v.* Não empreender nenhum esforço para mudar uma dada realidade. – *Deixem estar que há de ser como as outras* (DO, 1973, p. 29). LCPDAE em AH e MC. LCPDAD em SA. **NE:** SA registra a forma “deixe estar” como *loc. interj.* “que exprime ameaça e promessa de represália”.

DE MAIS A MAIS – *loc. adv.* Além disso, além de tudo. [...] *eu sei me defender. De mais a mais... tudo passa...* (DO, 1973, p. 37). LCPDAE em AB, AH e MC.

DESADORADO – *adj.* Diz-se de algo descontrolado, excessivo. [...] *uma algazarra dos demônios, um bate-boca desadorado* (DO, 1973, p. 104). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

DESCER O EMBAINHADO DA SAIA – *exp.* Passar da infância à adolescência. [...] *uma criança inocente, coitadinha, que ainda não desceu o embainhado da saia* (DO, 1973, p. 41). LCXND.

DESFEITEADO – *adj.* Que sofreu desfeita, insulto. [...] *chegando à feira, fora desfeiteado por uns cabras [...]* (DO, 1973, p. 105). LSDAE em PM. **NE:** AB, AH e MC registram apenas a forma verbal “desfeitear” com o sentido de “fazer desfeita, insultar”. SA registra “desfeita” com o sentido de “ofensa, calúnia, injúria”.

DESGRACEIRA – *s. f.* Sucessão de desgraças que leva ao descrédito, à inutilidade. – *Havia de sair torrada. Isso de mulher, hoje em dia, é mesmo uma desgraça [...] (DO, 1973, p. 28).*
LSDAE em AB, AH, MC e PM.

DESLAMBIDO – *adj.* Diz-se de alguém desavergonhado, sem vergonha. [...] *chamou-me de sem-vergonha, safada, deslambida [...] (DO, 1973, p. 102).* LSDAE em AB, AH e MC.

DESPENCAR DO MUNDO – *loc. v.* Entregar-se à libertinagem, prostituir-se. *Nem que ela fosse uma despencada do mundo... (DO, 1973, p. 29).* LCPND. **NL:** Quando o verbo assume a forma nominal no particípio, a *loc. s.* passa a ter o sentido de prostituto/prostituta.

DE VAGO – *loc. adv.* De maneira errante. [...] *resmungando frases de vago, quase imperceptível (DO, 1973, p. 77).* LCPND.

DIACHO – *s. m.* Eufemismo para “diabo”. *Quanto mais certeza tenho de ser ela bem procedida, mais o diacho da rapariga... (DO, 1973, p. 128).* LSDAE em AB, AH, MC e PM.

DÓ – *s. m.* Sentimento de compaixão, pesar. – *Tenho grande dó de você, Luzia [...] (DO, 1973, p. 122).* LSDAE em AB, AH, MC e PM.

DOENÇA DE MOÇA RICA – *exp.* Afecções do sistema nervoso. – *Não pensa nisso, criatura... Você está nervosa... – Isto é doença de moça rica... (DO, 1973, p. 96).* LCXND.

DORETO – *s. m.* Iodeto de Potássio. – *Tenho medo... Disse-me a Chica Seridó que tem veneno... doreto... (DO, 1973, p. 55).* LSND. **Var. IODURETO DE POTÁSSIO** – *s. m.* Medicamento utilizado para tratar infecções respiratórias. [...] *com desvelos à mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potássio, o venenoso remédio (DO, 1973, p. 57).* LCPND. **NL:** pessoas mais idosas, habituadas a tratar de suas enfermidades com remédios naturais, costumam recursar medicamentos industrializados, achando que eles trazem mais reações adversas que benefícios.

DOR NAS CRUZES – *s. f.* Dor lombar, lombalgia. [...] *uma dor que lhe tomava o fôlego, respondia – lá nela – nas cruzes [...] (DO, 1973, p. 57).* LCPND.

∞ E ∞

EMBASTIR – v. Tornar compacto e denso. [...] *patchouly da pomada, que lhe embastia a marrafa e o bigode, teso e fino como um espeto* (DO, 1973, p. 29). V. MARRAFA. LSDAE em AB, AH e MC. NE: PM registra o s. m. “embastido” com significado de “mato cerrado” e “coisa espessa”, coadunando o sentido da lexia em DO, de que a mecha de cabelo do personagem, por conta da pomada capilar, era compacta e densa.

EMBELEZADO – adj. Diz-se de quem está sob efeito de encantaria, enfeitado. [...] *uma rapariga, embelezada por ele* (DO, 1973, p. 112). LSND. NE: AB, AH, MC apresentam a forma verbal “embelezar”, respectivamente, como “arrebatar”, “encantar” e “sentir-se atraído”, no entanto, o sentido atribuído à lexia vai além destes, pois esse embelezamento leva o sujeito a perder o juízo ou a não julgar adequadamente.

EM RIBA – loc. adv. Em cima de. [...] *mas já lhe piso em riba com vontade...* (DO, 1973, p. 81). LCPDAE em AB, AH, MC e PM.

ENCARANGUEJAR – v. Ter os membros contraídos por causa de reumatismo. *São os meus pecados que me encaranguejam as pernas* (DO, 1973, p. 38). LSDAE em AB e AH. NE: MC registra a forma “encarangar” com o sentido de “perder o movimento” e “ficar encolhido” e PM registra “encarangado”, com sentido de “entrevado, tolhido”.

ENGELHADO – adj. Com aspecto enrugado, murcho, encolhido. *Nem parecia a enferma que conhecemos, engelhada, encolhida, cortada de dores...* (DO, 1973, 180). LSDAE em AB, AH, MC. NE: PM registra a forma “enjilhado”, com semelhante sentido.

ENGRAÇAR-SE – v. Tomar feição por alguém, agradecer-se de. [...] *só porque me engracei dela* (DO, 1973, p. 126). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

ENJEITAR – v. Rejeitar ou recusar algo. – *Café é comigo. Não posso enjeitar* (DO, 1973, p. 81). LSDAE em AB, AH e MC. NE: PM registra apenas a forma adjetiva “enjeitada”, com sentido de “rejeitado, abandonado”, e SA registra “enjeitado” como “criança que foi abandonada pelos pais”.

ENXOVIA – *s. f.* Prisão térrea ou subterrânea, escura e suja, masmorra. – *Como preso, quase sem esperança de se ver livre da enxovia* (DO, 1973, p. 121). LSDAE em AB, AH e MC.

ENXÚNDIA – *s. f.* Unguento que se faz da gordura de porcos, caneiros e galinhas para aplicações cosméticas e/ou terapêuticas, banha. *Eu tenho usado tudo quanto me ensinaram; óleo de coco, enxúndia de galinha [...]* (DO, 1973, p. 79). LSDAE em AB, AH e MC.

ERVADO – *adj.* Que foi arrebatado pelo desejo. – *Você, então, cabra velho, está mesmo ervado?* (DO, 1973, p. 127). LSDAD em AB, AH e MC. **NE:** AB, AH e MC apresentam o sentido de “envenenado por ervas”, que apenas se aproxima metaforicamente da ideia de “envenenado pela paixão”.

ESCANCHADO – *adj.* Sentado com uma perna de cada lado da montaria. *Como é que Luzia não tem vergonha de montar escanchada!...* (DO, 1973, p. 79). LSDAE em AB e PM. **NE:** AH, MC e SA registram apenas a forma verbal “escanchar” como sendo “afastar as pernas uma da outra, para montar a cavalo”.

ESCORCHADO – *adj.* Diz-se de algo que, pelo muito uso, fora descascado, ficando sem revestimento. *Escorchado, indigente de arvoredos, o cômodo...* (DO, 1973, p. 23). LSDAE em AB, AH e MC.

ESFALFADO – *adj.* Sem forças, vencido pelo cansaço. *Estava eu já esfalfada; não sabia mais como enganar a pobre [...]* (DO, 1973, p. 87). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

ESGRAVATAR – *v.* Examinar minuciosamente, revirando tudo. *Bateu capões de mato; esgravatou grotas e já estava desesperado, pensando no que lhe aconteceria* (DO, 1973, p. 74). LSDAE em AB, AH, MC e PM. SA registra a lexia composta “esgravatar os dentes”, com o sentido de debochar.

ESMOLAMBADO – *adj.* Diz-se de quem se veste de molambos, de farrapos. [...] *roupa para os esmolambados, envoltos em nojentos trapos [...]* (DO, 1973, p. 25). LSDAE em AB, AH, MC, PM. **NE:** SA registra a forma “molambo”, no sentido de “estado físico de pessoa muito fraca ou debilitada”.

ESTAR ATRAVESSADO – *loc. v.* Estar de mal, em desavença com outrem. [...] *se o estupor do delegado não estivesse atravessado comigo...* (DO, 1973, p. 126). LCPND.

ESTAR COM O DIABO NO COURO – *exp.* Estar inquieto, tomado por grande ímpeto (sexual). – *Esta excomungada está com o diabo no couro!...* (DO, 1973, p. 63). LCXDAE em AB, AH e MC. NE: PM registra a *exp.* “Estar com o cão no coro”, com sentido equivalente, ao passo que SA registra a mesma *exp.* com sentido de estar irado.

ESTATELADO – *adj.* Que reage com grande espanto ao tomar conhecimento de alguma coisa, ficando imóvel, em estado de estátua. *Imagina como fiquei estatelada, e caí das nuvens quando me disseram...* (DO, 1973, p. 58). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

ESTOMAGAR – *v.* Tornar-se indignado, revoltar-se. *E ainda mais o estomagava o ser a opinião, em esmagadora maioria, favorável ao castigo* (DO, 1973, p. 31). LSDAE em AB, AH e MC. NL: Etimologicamente, vem do latim *stomachare*, estômago. Na medicina antiga, estômago e fígado eram os órgãos responsáveis por emoções como a ira, a raiva, o ódio e a frustração.

ESTUPOR – *s. m.* Pessoa de má índole, ruim. [...] *se o estupor do delegado não estivesse atravessado comigo* (DO, 1973, p. 126). LSDAE em AB, AH e MC.

EX-VOTO – *s. m.* Artefatos de diversos materiais, como argila, cera e madeira, que representam partes do corpo e são depositados em igrejas por ocasião de promessas ou milagres alcançados. [...] *sua bela igreja cheia de ex-votos, pernas, braços, mãos e cabeças [...]* (DO, 1973, p. 115). LCPDAE em AB, AH, MC e SA.

∞ F ∞

FACÍNORA – *s. m.* Indivíduo perverso, que não sente remorso em cometer crimes cruéis. [...] *ele estivera nas escoltas que prenderam o facínora José Gabriel [...]* (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AB, AH e MC.

FAZENDA – *s. f.* Peça de pano ou tecido. *Era preciso ser muito besta para furtar as coisas do armazém, fazendas, mantimentos* (DO, 1973, p. 97). LSDAE em AB, AH e MC.

FAZER MOSSA – *loc. v.* Causar abalo emocional. *Já tinha padecido tanto, que mais um pouco não me fazia mossa* (DO, 1973, p. 103). LCPND. **NE:** AB e AH registram a forma “mossa” com o sentido de “abalo” e MC registra a mesma forma com sentido de “abalo emocional”. PM registra a lexia composta “fazer mossa”, mas com o sentido de “marcar a orelha de animais para sinalizar sua propriedade”.

FAZER POUCO DE – *loc. v.* Desdenhar de algo ou alguém. *Sabe o que temo? Que façam pouco de mim [...]* (DO, 1973, p. 119). LCPDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

FAZER QUARTO A – *loc. v.* Passar a noite acordado velando um doente, fazer sentinela. *Estas noites temos passado juntos fazendo quarto à pobre velha que gemia com dores...* (DO, 1973, p. 64-65). LCPDAE em AB, AH, MC e SA.

FAZER RODA A – *loc. v.* Tentar conquistar o amor de alguém, cortejar. - *Vão ver que você, seu Crapiúna, também está fazendo roda a Luzia-Homem?!...* (DO, 1973, p. 29). LCPDAE em AB, SA. **NE:** AH e MC registram a forma “fazer a roda a”, com o acréscimo do artigo, mas com o mesmo sentido do contexto do romance.

FAZER UMA FEZINHA – *loc. v.* Dar crédito a alguém, responder positivamente a um galanteio. *Me responda; faça uma fezinha para me consolar o peito, sua ingrata* (DO, 1973, p. 43). LCPDAD em AB, AH e MC. **NE:** AB, AH e MC registram a *loc. v.* com o sentido de “fazer uma pequena aposta”.

FECHAR O CORPO – *loc. v.* Proteger-se, por meio de rezas e benzeduras, dos males físicos e espirituais. [...] e *fechar o corpo contra mau-olhado*. (DO, 1973, p. 32). LCPDAE em AB, MC e PM. **NE:** AH e SA registram o *s. m.* “corpo fechado”, no sentido de “corpo supostamente invulnerável a perigos ou males (físicos ou espirituais)”.

FAZER A FERRA – *loc. v.* Marcar o gado com ferro quente. [...] *foi em fins d’água fazer a ferra em uma fazenda [...]* (DO, 1973, p. 103). LCPND. **NE:** AB, AH, MC e PM registram “ferra” com o sentido de “ato ou efeito de ferrar”.

FINS D'ÁGUA – *s. m. pl.* Período de encerramento da estação chuvosa no sertão, utilizado como datação que equivale ao mês de junho. [...] *foi em fins d'água fazer a ferra em uma fazenda [...]* (DO, 1973, p. 103). LCPDAE em AB, AH e MC.

FONTE – *s. f.* Na anatomia humana, a têmpora, cada uma das partes laterais da cabeça acima da linha dos olhos. [...] *passo o dia todo com a cabeça dolorida e as fontes latejando...* (DO, 1973, p. 81). LSDAE em AB, AH e MC.

FORQUILHA – *s. f.* Bifurcação, o que se divide em dois ramos. [...] *na curva dos caminhos, nas forquilhas das encruzilhadas [...]* (DO, 1973, p. 25). LSDAE em AB, AH e MC. LSDAC em PM. **NE:** PM apresenta o sentido de “vara aforquilhada para impulsionar a canoa”.

FULO – *adj.* Que muda de cor por efeito de fúria, colérico. [...] *murchou; ficou fulo de raiva e foi saindo* (DO, 1973, p. 50). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

∞ G ∞

GABAR-SE – *v.* Fazer elogio a si mesmo, vangloriar-se. *Veja, não é por me gabar, parece cabelo de branca...* (DO, 1973, p. 84). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

GABOLA – *adj.* Diz-se de indivíduo que se vangloria de seus feitos, que se gaba. *É um gabola para quem não há mulher séria* (DO, 1973, p. 41). LSDAE em AB, AH e MC. **NE:** SA registra a forma “gabolice” com o sentido de “contar vantagens”.

GALO – *s. m.* Homem importante, de influência, provedor. – *Antes fosse!... Outros galos me cantariam [...]* (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AH.

GARRAFA – *s. f.* Medicamento líquido. – *Por que não toma aquela garrafa que o doutor receitou?...* (DO, 1973, p. 55). LSDAD. **NE:** AB, AH, MC, PM e SA registram a forma “garrafada” com acepção diferente, referindo-se a beberagens preparadas pela medicina popular.

GARRUCHA – *s. f.* Pistola que é carregada pela boca do cano. *Depois, pondo à cinta uma garrucha, ordenou aos soldados* (DO, 1973, p. 169). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

GATUNO – *s. m.* Aquele que comete furto. – *Não quero conversa com presos, e, de mais a mais, gatunos...* (DO, 1973, p. 83). LSDAE em AB, AH e MC.

GAVIÃO – *s. m.* Ave de rapina comum no Nordeste do Brasil. [...] *atrevido lance poderoso, como o dos gaviões arrebatando a presa* (DO, 1973, p. 138). V. CARCARÁ. LSDAE em AB, AH, MC e SA. 2. **GAVIÃO** – *s. m.* Costura feita na parte traseira de calças, bermudas e shorts, que serve para apertar o quadril e o cóis. [...] *depois o gavião em separado, terminando nesta tira que serve de cóis* (DO, 1973, p. 136). LSND.

GIBÃO – *s. m.* Casaco de couro com que se veste o vaqueiro para se proteger de espinhos da caatinga. *Trajava bem, gibão, guarda-peito, e pernas de couro de capoeira* (DO, 1973, p. 103). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

GINETE – *s. m.* Sela grosseira utilizada por vaqueiros nos sertões. [...] *saltando como um gato sobre o ginete* [...] (DO, 1973, p. 105). LSDAE em AB, AH e PM.

GOELA – *s. f.* Na anatomia humana, o mesmo que “garganta”. [...] *o coração me bate ao pé da goela e fico sufocada* (DO, 1973, p. 83). LSDAE em AB, AH e MC. NE: PM registra a lexia com o sentido de “fanfarrão, ganancioso”.

GRAZINAR – *v.* Falar muito, em voz alta, tagarelar. *Só vivem grazinando na conversa, em vez de olharem para o que estão fazendo* (DO, 1973, p. 189). LSDAE em AB, AH e MC.

GRELAR – *v.* Começar a brotar, germinar. [...] *a demora é grelar no coração o capricho* (DO, 1973, p. 32). LSDAE em AB, AH, MC. NE: PM registra a lexia com sentido de arregalar os olhos.

GRETA – *s. f.* Rachadura em qualquer superfície, fenda. [...] *a miséria entra pelas gretas das fechaduras* (DO, 1973, p. 186). LSDAE em AB, AH e MC. NE: PM registra a forma verbal “gretar” com o sentido de “abrir fenda” e “rachar”.

GROGOMILHO – *s. m.* Na anatomia humana, corresponde à laringe ou início do esôfago. – *O incenso consagrado foi-lhe aos grogomilhos...* (DO, 1973, p. 92). LSND. NE: AB registra a forma “gorgomilos”, AB e MC registram “gorgomilo”, e SA registra “gurgumio” como

corruptela de “gorgomilo”, todos, no entanto, concordam em se tratar da mesma parte do corpo humano.

GRUNHIR – v. Emitir sons semelhantes aos dos porcos. – *Desta vez – grunhia o soldado – nem Deus te acode* (DO, 1973, p. 247). LSDAE em AB, AH e MC.

GUARDA-PEITO – s. m. Parte das vestimentas do vaqueiro, feita de couro e que se prende ao pescoço e à cintura, formando uma espécie de colete ou peitoral. *Trajava bem, gibão, guarda-peito, e perneiras de couro de capoeira* (DO, 1973, p. 103). LCPDAE em AB, AH, MC e PM.

∞ H ∞

HISTÓRIA – interj. Exprime descrença. *Histórias!... O que vocês querem sei eu* (DO, 1973, p. 183). LSDAD em AB, AH e MC. NE: AB, AH e MC registram o s. f. em seu sentido usual, além de uma série de expressões contendo este léxico, nenhum, no entanto, faz menção a seu emprego na função de interjeição, sugerindo tratar-se de uso localizado. Neste caso, optamos por classificar a ocorrência como interjeição por atender aos seguintes critérios: ser uma unidade autônoma; vir acompanhada de exclamação, exprimir dúvida, suspeição (Bechara, 2009).

HISTÓRIA MAL CONTADA – exp. Narrativa inventada com a finalidade de enganar, ocultar a verdade. [...] *para que hei de estar com histórias mal contadas?* (DO, 1973, p. 173). LCXND.

HOMEM DE MÁ ENTRANHAS – exp. Pessoa de má índole, traiçoeira. *Todo o homem de más entranhas, à traição, é cascavel, mas, peito a peito, é medroso* (DO, 1973, p. 41). LCXND.

∞ I ∞

ILHARGA – s. f. Na anatomia humana, as laterais do tronco, do ombro ao quadril. [...] *sacou da ilharga uma grande faca, fina e pontiaguda* (DO, 1973, p. 129). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

IMBURANA – *s. f.* Árvore da caatinga cujas sementes possuem propriedades medicinais e sua madeira é utilizada na carpintaria e em construções, também conhecida como “emburana”, “umburana” e imburana-de-cambão”. [...] *o ar fresco da montanha, embalsamado pelo [...] perfume das imburanas* (DO, 1973, p. 246). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

IMPOSIÇÃO – *s. m.* Grande ímpeto, vontade desenfreada de fazer algo. [...] *por causa daquele imposição de querer ser melhor que as outras* (DO, 1973, p. 31-32). LSND. NL: Trata-se de um arcaísmo.

IMPUTE – *s. m.* Acusação infundada ou fraudulenta. *Espero em Deus sair limpo desse impute que me levantaram...* (DO, 1973, p. 66). LSDAE em AB e AH.

INFAMADO – *adj.* Sem honra, desacreditado. *Deixe-me entregue à minha sorte, apodrecendo nesta sepultura de vivos, infamado... esquecido como um malfazejo, que nem compaixão merece* (DO, 1973, p. 118-119). LSDAE em AB, AH e MC.

INFAME – *adj.* 2g. Que pratica atos detestáveis, que causa repulsa. – *Sim. Aquele infame soldado, muito metido [...]* (DO, 1973, p. 41). LSDAE em AB, AH e MC.

INTRIGALHADA – *s. f.* Amontoado de intrigas, de fofocas. – *Uma intrigalhada... Imagine que levantaram...* (DO, 1973, p. 82). LSDAE em AB, AH e MC.



JIRAU – *s. m.* Armação feita de varas e forquilhas utilizada como dispensa para guardar os mantimentos. [...] *esvaziando o uru que deixara sobre o jirau do alpendre* (DO, 1973, p. 48). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

JOGAR A VIDA EM DEFESA DE – *loc. v.* Sair em defesa de algo ou alguém, colocar-se em apuro em benefício de outrem. *Não sou nada seu, mas sou um homem capaz de jogar a vida em defesa de uma mulher de bem* (DO, 1973, p. 37). LCXND.

JUÁ – *s. m.* Também conhecida como juazeiro, é uma planta característica do semiárido brasileiro, que possui propriedades medicinais e cuja casca é rica em saponina, que forma

grande quantidade de espuma, geralmente utilizada para lavar os cabelos e escovar os dentes. *Por que não os ensaboas com raspa de juá? Todas as moças, na redondeza das Ipueiras, têm cabelos lindos [...]* (DO, 1973, p. 80). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **NE:** SA registra apenas a forma “juazeiro”, com acepção semelhante.

JUDIAR – *v.* Causar sofrimento, maltratar alguém. *Parece de propósito para judiar comigo* (DO, 1973, p. 237). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA. **NL:** etimologicamente, deriva do latim *judæus*, e é considerada uma palavra ofensiva, devido à carga semântica antissemita.

JUÍZO – *s. m.* Capacidade de julgar, discernimento. *Estou vendo a hora de perder a paciência e o juízo* (DO, 1973, p. 189). LSDAE em AB, AH e MC. **2. JUÍZO** – *s. m.* Pensamento, mente. *Depois de saber que estava solto, fiquei descansada... tirei dele o juízo [...]* (DO, 1973, p. 210). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

JUNCO – *s. m.* Família de ervas que ocorrem em ambientes úmidos como beira de lagos e açudes, caracterizada por caules cilíndricos resistentes e flexíveis, de cujas fibras são feitas cadeiras e outros utensílios domésticos. *[...] a rapariga branca e alourada, bem parecida de cara e bem feita de corpo, que era flexível como um junco, de sóbrias carnações e contornos graciosos* (DO, 1973, p. 40). LSADAE em AB, AH, MC, PM e SA.

JUREMA – *s. f.* Planta espinhosa nativa do nordeste brasileiro, muito resistente aos longos períodos de estiagem. *[...] nos galhos secos e contorcidos das moitas mortas de jurema e mofumbo, ou nas palmas virentes das carnaubeiras imortais* (DO, 1973, p. 26). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **NL:** É também uma prática religiosa sincrética que reúne elementos culturais africanos e indígenas (Câmara Cascudo, 1978, p. 98-99).

L

LACRAIA – *s. f.* Designação comum aos artrópodes aracnídeos, mesmo que escorpião. – *Ficou como lacraia assanhada, por causa do macho [...]* (DO, 1973, p. 63). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

LADINO – *adj.* Diz-se de sujeito astuto, que sabe falar bem. *Meu pai, desconfiando que a houvessem furtado, chamou o pai Pedro, negro velho ladino e rastejador [...]* (DO, 1973, p.

74). LSDAE em AB, AH e MC. NE: AB explica que, quando da ocupação da Península Ibérica pelos romanos, designava-se ladino aqueles que aprendiam o latim. PM registra a forma “ladineza” com acepção semelhante. NL: No Brasil, ladino tanto significa o homem de letras, no romance cita-se Gonçalves Dias como um sujeito ladino, quanto o escravo que já possuía instrução em alguma tarefa – negro ladino –, em oposição ao escravo recém chegado, ainda sem experiência, chamado de negro boçal.

LÁ ELE – *exp.* Utilizada como autodefesa ou para se eximir de qualquer responsabilidade sobre atos narrados. [...] *ficou fulo de raiva e foi saindo, lá ele, por estas palavras [...]* (DO, 1973, p. 50). LCPND.

LAMBER VIDRO DE VENENO POR FORA, COMO RATO DE BOTICA – *exp.* Ficar só na vontade, desejar e não poder ter a coisa deseja. [...] *e comer com a testa, lamber vidro de veneno por fora, como rato de botica.* (DO, 1973, p. 33). LCXND. NL: “rato de botica” é a designação popular para o camundongo (*Mus musculus*), o menor roedor do planeta.

LÁ NELE – *loc. adv.* Usada para se referir à parte do corpo de alguém que está doente. [...] *uma dor que lhe tomava o fôlego, respondia – lá nela – nas cruzes [...]* (DO, 1973, p. 57). LCPDAE em SA.

LATEJAR – *v.* Pulsar aceleradamente, palpitar. *Café é comigo. [...] Não bebendo de manhã, passo todo o dia com a cabeça dolorida e as fontes latejando [...]* (DO, 1973, p. 81). LSDAE em AB, AH e MC.

LÉGUA DE BEIÇO – *exp.* Indicação vaga de distância, geralmente maior do que o estimado, que se faz com o lábio inferior distendido apontando para uma determinada direção. – *respondeu Alexandre – mas vinte léguas, léguas de beicho, muito puxadas* (DO, 1973, p. 51). LCPDAE em AB, MC e PM.

LIBRA – *s. f.* Unidade de medida inglesa que equivale a 0,45359237 quilograma. – *Aqui tem uma libra de carne fresca e um corredor* (DO, 1973, p. 48). LSDAE em AB, AH e MC.

∞ M ∞

MAGAREFE – *s. m.* Pessoa responsável por abater animais em matadouros, açougueiro. [...] *resignadas e mansas, o pescoço à faca do **magarefe*** (DO, 1973, p. 23). LSDAE em AB, AH e MC.

MAGINAR – *v.* Mesmo que “imaginar”, pensar sobre. *Fiquei na escuridão, **maginando** no que faria de mim* (DO, 1973, p. 102). LSDAE em AB, AH, MC e PM. NL: muitas palavras da língua portuguesa, quando utilizadas em contextos orais informais, tendem a perder segmentos fonéticos, neste caso, trata-se da aférese do /i/.

MAGOTE – *s. m.* Amontoado de coisas ou pessoas. *Vinham de longe aqueles **magotes** heróicos atravessando montanhas* (DO, 1973, p. 24). V. PUTICI. LSDAE em AB, AH, MC e SA.

MAL-AFAMADO – *adj.* Diz-se de algo ou alguém que tem má fama, que não goza de boa reputação. *Crapiúna, o tal soldado, era **mal-afamado** entre os homens* (DO, 1973, p. 29). LCPDAE em AB, AH e MC.

MALFAZEJO – *adj.* Diz-se de pessoa que gosta de contendas, que faz o mal. *Aquilo não tem entranhas de cristão: é um **malfazejo**...* (DO, 1973, p. 37). LSDAE em AB, AH e MC.

MALSINAR – *v.* Falar de algo ou de alguém realçando suas características negativas, proferir calúnia. [...] *desses que agora o **malsinavam** por intrigas de mulheres [...]* (DO, 1973, p. 31). LSDAE em AB, AH e MC.

MANDINGA – *s. f.* Ato ou efeito de mandingar, lançar feitiço ou bruxaria. *Será possível que viesses botar feitiço? E... não é outra coisa; é **mandinga**...* (DO, 1973, p. 112). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

MANGAR – *v.* Fazer pouco caso, descreditar. ***Mangando, mangando, eu ia, mas era sendo varado pelas galhas do bicho traiçoeiro*** (DO, 1973, p. 81). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

MAPINGUIM – *adj.* Fumo produzido no sul e sudeste do país. [...] e pôs-se a cortar um pedaço de fumo *mapinguim* para fazer um cigarro (DO, 1973, p. 129). LSDAE em AB, AH, MC, PM. **NE:** Corruptela de Baependi, cidade do sul de Minas Gerais conhecida pela qualidade do tabaco lá produzido.

MARRAFA – *s. f.* Chumaço de cabelo que cai sobre a testa. [...] da pomada, que lhe embastia a *marrafa* e o bigode, teso e fino como um espeto (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AB, AH, MC. **NE:** PM registra lexia homônima, com sentido de “pente ornamental que as mulheres usavam outrora no penteado”.

MARRAFENTO – *adj.* Diz-se de penteado em forma de marrafa. *Um cabra alto de hirsuta cabeleira marrafenta, lambuzado de cal* (DO, 1973, p. 24-45). **V. MARRAFA.** LSDAE em AB, AH e MC.

MATALOTAGEM – *s. f.* Provisão de alimentos, geralmente proteína animal proveniente do abate de reses ou da caça de aves e repteis. [...] *muito milho e muito arroz na despensa, não falando nas matalotagens* (DO, 1973, p. 42). LSDAC em AB, AH, MC e PM. **NE:** AB, AH e MC registram o sentido de “provisões indiscriminadas” enquanto PM registra o sentido de “rês abatida para o consumo da fazenda”.

MAU-OLHADO – *s. m.* Olhar, de certas pessoas, capaz de provocar malefícios a outrem, ou o efeito desse olhar. [...] e fechar o corpo contra *mau-olhado*. (DO, 1973, p. 32). **V. QUEBRANTO.** LCPDAE em AB, AH, MC e PM.

MAUS BOFES – *loc. adj.* Diz-se de pessoa vingativa, de temperamento raivoso. *Aquele homem de maus bofes era um perigo* (DO, 1973, p. 31). LCPDAE em AH. **NE:** em AH, após situar o sentido de “bofe” como uso informal para designar o pulmão, é introduzido o sentido figurado de “disposição natural de ânimo; temperamento” seguido do ex.: “um cabra de maus bofes”. A associação de sentimentos e temperamentos a órgãos do corpo humano remonta à medicina antiga, segundo a qual, o coração e os pulmões são suscetíveis às paixões violentas.

MEDEIXES – *s. m. pl.* Desprezo ou indiferença que se pratica contra outrem. [...] *toda arrebitada de luxos e medeixes* (DO, 1973, p. 30). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **NL:** justaposição do pronome oblíquo me + deixes (presente do subjuntivo do v. deixar).

MEMÓRIA – *s. f.* Joia, geralmente anel, que se dá como prenda. – *Olha a memória de ouro que tenho para ti...* (DO, 1973, p. 30). LSDAE AB, AH e MC.

MENINO MACHO – *s. m.* Criança do sexo masculino. [...] *pois era um menino macho, com a graça de Deus [...]* (DO, 1973, p. 88). LCPND. **NL:** tal qual ocorre com seu correlato – menina fêmea – a redundância da marcação de gênero, expressa tanto pela alternância das desinências de gênero “-o” e “-a”, em menino, quanto pela adjunção dos adjetivos “macho” e “fêmea”, chama atenção para as diferenças anatômicas, como se elas, somente, fossem necessárias para a definição do gênero. Tal distinção reforça os valores de uma sociedade machista e patriarcal.

METER NO CHINELO – *loc. v.* Superar algo ou alguém em demasia. *Em boniteza, verdade, verdade, mete vocês todas num chinelo* (DO, 1973, p. 29). LCPDAE em AB, AH e MC.

METER-SE DE GORRA – *loc. v.* Entrar em conluio, associar-se a alguém. [...] *havia a Teresinha de se meter de gorra com elas para me atrapalhar* (DO, 1973, p. 127). LCPDAE em AB. **NE:** AH e MC registram a *exp.* “de gorra com”, com igual sentido.

MEZINHA – *s. f.* Remédio caseiro, bebida produzida por curandeiros. [...] *se não se metesse com mezinhas e feitiçarias ensinadas* (DO, 1973, p. 46). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

MINHA SANTA MARGARIDA, NÃO ESTOU PRENHA, NEM PARIDA, MAS DE VÓS FAVORECIDA – *exp.* Oração à patronessa das mulheres grávidas, Santa Margarida, feita por parteiras para que a parturiente expulse os restos de placenta. [...] *chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher enquanto esta rezava comigo: “Minha Santa Margarida, não estou prenha, nem parida, mas de vós favorecida”* (DO, 1973, p. 88). LCXND. **NL:** Segundo Luna Maia Maia (2013), em sua dissertação de mestrado em Ciências das Religiões, a oração à Santa Margarida apareceu nos relatos de parteiras levantados por ocasião de sua pesquisa. Suas transcrições se mostram semelhantes à oração presente em *Luzia-Homem*, senão, vejamos: “minha santa Margarida, eu nem estou prenha e nem parida e só de deus favorecida, mas valei-me santa Margarida” e “Minha Santa Margarida, não tá prenha nem parida. Sois de Deus favorecida. Tirai esse saco de carne podre de dentro dessa barriga” (Maia, 2013, p. 107).

O “saco de carne podre” a que se faz menção na última transcrição são os restos de placenta, que devem ser expelidos para que a mulher tenha um bom pós-parto.

MODORRA – *s. f.* Estado de sonolência que acomete os doentes, prostração. – *Passei por uma modorra; mas, à primeira cantada dos galos, despertei* (DO, 1973, p. 47). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

MOER OS MELINDRES – *loc. v.* Causar perturbação mental. *Mas ainda lhe moeram os melindres os comentários irreverentes* (DO, 1973, p. 31). LCPND. NE: AB, AH e MC registram a forma verbal “melindrar”, com sentido de “ofender-se ou ofender alguém”.

MOFINO – *adj.* Diz-se de alguém que se acovarda, que parece ser forte, mas não tem coragem. *Todo gabola é mofino...* (DO, 1973, p. 50). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

MOLAMBO – *s. m.* Vestimenta de tecido em farrapos, trapo. [...] *mal dá para o de-comer e e arranjar um molambo para se cobrir* (DO, 1973, p. 97). LSDAE em AB, AH, MC e PM. NE: SA registra tanto a forma “molambo” quanto “mulambo”, ambas com o sentido de “estado físico de pessoa muito fraca ou debilitada”.

MOLHADURA – *s. f.* Gratificação paga a alguém por algum serviço prestado. [...] *aliste esta moça para trabalhar e dê-lhe 5 mil-réis como molhadura pelo ato de coragem* (DO, 1973, p. 48). LSDAE em AB. NE: Em MC encontramos uma remissiva para “molhadela”, que apresenta o sentido de “Gorjeta ou gratificação, geralmente por fins ilícitos; molhadura, propina”.

MOLHE – *s. f.* Paredão feito de rochas. [...] *erguia-se, silenciosa e solitária, a molhe sombria da penitenciária* [...] (DO, 1973, p. 26). LSDAC em AB, AH e MC. NE: AB, AH e MC registram o sentido de “paredão marítimo, cais”.

MOURÃO – *s. m.* Estaca grossa em que se amarram os animais para o abate. [...] *o mourão ligeiramente inclinado* (DO, 1973, p. 23). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

MUAMBA – *s. f.* Coisa furtada, geralmente destinada à posterior venda ilícita. *Não houvera ainda um caso de muamba* (DO, 1973, p. 61). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

MUCUNÃ – *s. f.* Também conhecida como feijão bravo, é uma planta leguminosa que possui propriedades medicinais e de cujos feijões se faz uma farinha utilizada na alimentação. No entanto, nem todas as partes da planta são comestíveis, pois algumas possuem compostos químicos que, se consumidos em excesso, podem causar problemas cardíacos, dentre outros. [...] *minados pelos tóxicos das raízes de mucunã* (DO, 1973, p. 207-208). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

MUITO DE SEU – *loc. adj. 2g.* Alheio a qualquer preocupação. *A vaca pastando muito de seu, no lugar onde escondera o bezerro* (DO, 1973, p. 74). LCPND.

MULHER-HOMEM – *s. f.* Mulher masculinizada, que apresenta atributos viris, lésbica, mulher-macho. [...] *a impassível frieza da mulher-homem, resistência passiva e calma* [...] (DO, 1973, p. 30). LCPDAE em AH e MC. NL: usado de maneira pejorativa, vulgar e ofensiva.

MUSCAR – *v.* Corruptela de “moscar”. Bater em retirada, sumir da presença de alguém. *É fazer o que tem de fazer e muscar-se* (DO, 1973, p. 83). LSND.

N

NÃO HÁ MAL QUE SEMPRE DURE – *exp.* Provérbio popular que enfatiza a dinâmica da vida, que está sempre em movimento. *Confie em Deus, minha gente – Observou a velha, que do quarto os ouvia. – Não há mal que sempre dure* (DO, 1973, p. 50). LCXND. NL: O adágio completo, como se conhece no Brasil, diz: “não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe”, ou seja, tudo é transitório. Em Portugal, se dizia: “Naõ ha mal que cem annos dure, nem bem que os ature” (F.R.I.L.E.L., 1841, p. 12).

NÃO QUERER VER NEM PINTADO – *exp.* Ter grande repulsa por algo ou alguém. – *Se ela não me quer ver nem pintado...* LCXND.

NÃO-SEI-QUE-DIGA – *exp.* Maneira de se referir a um desafeto, diabo, inominável. [...] *a carta que este... não-sei-que-diga... me mandou hoje...* (DO, 1973, p. 67). LCXDAE em AB, AH, MC e PM.

NEM (COM) REZA DE CIGANO – *exp.* Diz-se de algo que é impossível. *Nem reza de cigano [...] a livra de mim* (DO, 1973, p. 128). LCXND.

NEM NOVAS NEM MANDADOS – *exp.* Sem nenhuma notícia ou informação do paradeiro. *Nunca mais se soube dele: nem novas nem mandados...* (DO, 1973, p. 90). LCXDAE em AB e AH.

NÓ NA TRIPA – *s. m.* Volvo intestinal. Doença caracterizada pela torção de uma seção do intestino que causa obstrução e necrose da área afetada, podendo levar à morte. [...] *até quando a velha morreu de um nó na tripa* (DO, 1973, p. 107). LCPDAE em AH, MC e PM.



OCO DO MUNDO – *exp.* Lugar muito distante, indefinido, mesmo que fim de mundo. – *Ora, ora, ora! Eu conheço o oco do mundo* (DO, 1973, p. 245). LCPDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

O DIABO RONCAR NA TRIPA – *exp.* Sair às pressas, desconfiado. – *O diabo roncou-lhe na tripa* – *Disse Terezinha triunfante* (DO, 1973, p. 111). LCXND. **NL:** Possivelmente, trata-se de uma variante da *exp.* gaúcha “roncar o diabo nas tripas”, com igual sentido.

OITICICA – *s. f.* Árvore típica do Nordeste, que pode alcançar até 15 metros de altura, de cujas sementes se extrai um óleo para a fabricação de tinta, verniz e sabão. *Muita vez, arranchados à sombra de oiticicas frondosas* (DO, 1973, p. 203). LSDAE em AB, AH, PM e SA.

OLHO-D'ÁGUA – *s. m.* Fonte natural de água que brota da terra, minadouro. *Era o caso de irmos nos trabalhar na fresca da serra, onde ainda há olhos-d'água vivos* (DO, 1973, p. 47). LCPDAE em AB, AH, MC e SA.

ORAÇÃO FORTE – *s. f.* Oração que fazem as rezadeiras para fechar o corpo contra males físicos e espirituais, mesmo que reza forte. *Acho melhor pedir à Chica Seridó uma oração forte para desmanchar quebrantos [...]* (DO, 1973, p. 32). LCPND. **NE:** PM e SA registram a forma “reza forte” com acepção equivalente.

ORATÓRIO – *s. m.* Pequeno armário de madeira em que se coloca as imagens sagradas e diante do qual se fazem preces e orações, altar doméstico. *Rosa Veado tomou o oratório; beijou-o, com reverência [...] (DO, 1973, p. 201). LSDAE em AB, AH, MC e SA.*

ORNEAR – *v.* Emitir ornejo, som característico do burro, mesmo que zurrar. *O burro, num acesso de impaciência, orneou (DO, 1973, p. 237). LSDAE em AB, AH e MC.*

P

PAGA – *s. f.* Retribuição, agradecimento ou pagamento, não necessariamente em pecúnia. [...] *pareceria exigir a paga com o apelo ao seu concurso [...] (DO, 1973, p. 39). LSDAE em AB, AH, MC e SA.*

PALEIO – *s. m.* Conversa de casal enamorado. *Não quero paleios com os presos (DO, 1973, p. 82-83). LSDAE em AB, AH, MC e PM.*

PAPANGU – *s. m.* Indivíduo que sai à rua trajando fantasias típicas de cortejos de carnaval ou reisado. *Pareciam um bando de papangus (DO, 1973, p. 96). LSDAE em AB, AH e MC. NE: SA registra a mesma forma, mas com sentido de “indivíduo moleirão, bobo, desajeitado”.*

PARA AS BANDAS DE – *loc. adv.* Indicação de lugar impreciso, na direção de. [...] *lá para as bandas da lagoa do junco, onde ela morava com a mãe [...] (DO, 1973, p. 30). LCPND.*

PARA DAR E APANHAR – *loc. adj.* Diz-se de algo ou alguém que possui muitos atributos, que está acima do comum. *Aquilo é mulher para dar e apanhar (DO, 1973, p. 29). LCXND.*

PARADEIRO – *s. m.* Destino, local onde se encontra algo ou alguém. *Dias depois, soube Luzia do paradeiro de Teresinha (DO, 1973, p. 233). LSDAE em AB, AH, MC e PM. NE: SA registra apenas a acepção de “estagnação, falta de movimento”.*

PASMADO – *s. f.* Faca produzida na região de Pasmado, no Pernambuco, conhecida pela qualidade das peças lá forjadas. – *Pasmado verdadeiro. Traspassa uma moeda de dois vinténs (DO, 1973, p. 129). LSDAE em AB, MC e PM.*

PASSA-PIOLHO – *s. m.* Estilo de barba cuja extensão dos pelos vai de uma orelha à outra, passando por baixo do queixo. *Ela quase tem **passa-piolho**, o demônio da cabrocha...* (DO, 1973, p. 32). LCPDAE em AB, AH e MC.

PASSAR A MÃO – *loc. v.* Apropriar-se indevidamente de coisa alheia, roubar. [...] *não tem dúvidas; **passou a mão**...* (DO, 1973, p. 58). LCPDAE em AB, AH e MC.

PASTORAR – *v.* Vigiar rebanho de gado bovino ou caprino enquanto pasta. [...] *para poder ajudar meu pai no serviço. **Pastorava** o gado; cavava bebedores e cacimbas [...]* (DO, 1973, p. 65). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

PAUMOCÓ – *s. m.* Árvore da família das leguminosas (*Tipuana auriculata*) típica da caatinga, cuja madeira é utilizada para fazer cercas e seus tubérculos, em época de grande seca, podem ser utilizados para alimentação, na forma de farinha. [...] *minados pelos tóxicos das raízes de mucunã, **paumocó** [...]* (DO, 1973, p. 207-208). LSND. NE: AB, AH, MC e PM registram a forma “pau-de-mocó”, com acepção equivalente.

PE-D’ÁGUA – *s. m.* Chuva forte, de curta duração. [...] *debaixo de um **pé-d’água**, que se diria vir o céu abaixo* (DO, 1973, p. 103). LCPDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

PEGAR NO ALHEIO – *loc. v.* Cometer furto. *Conheço pela pinta quem **pega no alheio**; e nunca me enganei...* (DO, 1973, p. 71). LCPND.

PEITICA – *s. f.* Pessoa impertinente, implicante. *É a última vez que me empatas, **peitica** do inferno* (DO, 1973, p. 247). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

PEITO A PEITO – *loc. adv.* De frente, sem se acovardar, modo como rivais se enfrentam em briga desarmada. *Todo o homem de más entranhas, à traição, é cascavel, mas, **peito a peito**, é medroso* (DO, 1973, p. 41). LCPDAE em MC.

PELE E OSSO – *loc. adj.* Diz-se de pessoa ou animal muito magro, que definha. [...] *foi murchando, secando até ficar **pele e osso*** (DO, 1973, p. 112). LCPDAE em AB, AH, MC e SA.

PERNEIRA – *s. f.* Parte da vestimenta do vaqueiro, feita de couro, que cobre as pernas, para evitar se ferir nos espinhos da caatinga. *Trajava bem, gibão, guarda-peito, e perneiras [...]* (DO, 1973, p. 103). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

PESTE – *s. 2g.* Pessoa que cria problemas, de má índole. – *Nossa Senhora há de me tirar daqui e então aprenderás a respeitar os outros... Peste!...* (DO, 1973, p. 83). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

PETA – *s. f.* O mesmo que mentira, fraude. [...] *como quem se embebeda para ficar valente ou para esquecer... Tudo peta... O veneno vai queimando o sangue...* (DO, 1973, p. 127). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

PIÇARRA – *s. f.* Mistura de sedimentos de rochas e areia, que formam o cascalho. *Pela encosta de cortante piçarra, desagregada em finíssimo pó* (DO, 1973, p. 23). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

PINGA – *s. f.* Gota de líquido, gole. *Dê-me uma pinga d'água... que tenho uma coisa... aqui... na boca do estômago* (DO, 1973, p. 92). LSDAE em AB, AH e MC.

PÔR O PÉ EM RAMO VERDE – *exp.* Agir de maneira descuidada ou sem temor. *Os meus não punham o pé em ramo verde* (DO, 1973, p. 186). LCXND. NE: AB registra a *exp.* “não pisar em ramo verde” com o sentido de “ser prudente”.

PÔR SAL NA MOLEIRA – *exp.* Fazer com que se perca a paciência. – *Estou que não posso me mexer de cansada de um trabalho que me pôs sal na moleira...* (DO, 1973, p. 89). LCXND.

POZES – *s. m. pl.* Plural de pó. [...] *uma cigana que lhe deu contrafeitiço, uns pozos para beber com leite de peito...* (DO, 1973, p. 112). LSND. NL: o plural de “pó”, por paragoge (acrécimo de segmentos fonéticos ao término da palavra) resultou em pozos, variante que não se manteve na língua portuguesa.

PRAZENTEIRO – *adj.* Diz-se de alguém que manifesta prazer, que é agradável. *Disse em tom prazenteiro* (DO, 1973, p. 46). LSDAE em AB, AH e MC.

PUNIR – v. Lutar em defesa de alguém. – *Por ela eu puno; meto a mão no fogo...* (DO, 1973, p. 28). LSDAE em AB, AH, PM e SA.

PUTICI – s. f. Grande quantidade de coisas ou pessoas, infinidade. [...] *não se pode dar vencimento ao putici de povo, que vem derramando por esse sertão afora* (DO, 1973, p. 47).

V. **MAGOTE**. LSND.

PUXADO – s. m. Doença do aparelho respiratório caracterizada por dificuldade para respirar, asma. [...] *a deitar a alma pela boca, quando a acometia o implacável puxado* (DO, 1973, p. 36). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

Q

QUAL – interj. Exprime espanto, incredulidade ou negação. – *Qual! O que eu tenho é fé em Deus...* (DO, 1973, p. 88). LSDAE em AB, AH, MC e SA. **Var.** **QUAL O QUÊ** – interj. Mesmo que “qual”. *Qual o quê!... - Respondeu o soldado* (DO, 1973, p. 126). **NE:** SA registra a forma “Qual nada”, com igual sentido.

QUARTINHA – s. f. Jarro de barro utilizado para refrescar a água de beber, que geralmente tem por tampa um copo do mesmo material. [...] *com uma sede de engolir quartinhas d’água* (DO, 1973, p. 88). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

QUEBRANTO – s. m. Adoecimento caracterizado por fraqueza e indisposição causado pelo olhar de algumas pessoas. [...] *uma oração forte pra desmanchar quebrantos* [...] (DO, 1973, p. 32). V. **MAU-OLHADO**. LSDAE em AB, AH, MC e SA.

QUE DEUS HAJA – exp. Que já faleceu, que não está mais entre nós. *Meu pai, que Deus haja, era vaqueiro* [...] (DO, 1973, p. 65). LCXND.

QUEM CABRAS NÃO TEM E CABRITO VENDE – exp. Utilizada para por alguém em suspeição, para manifestar desconfiança em relação ao enriquecimento de alguém. [...] *onde arranjou isso?... Quem cabras não tem e cabrito vende...* (DO, 1973, p. 97). LCXND. **NL:** o ditado completo, de origem portuguesa, diz: “Quem cabritos vende, e cabras não tem, donde lhe vem?” (F.R.I.L.E.L., 1841, p. 27).

QUEM DE UMA ESCAPA... – *exp.* Quem escapa de uma situação vive mais tempo, pois acumula experiência. – *Nunca mais... me meto em outra... Credo!... Quem de uma escapa...* (DO, 1973, p. 95). LCXND. NL: O provérbio completo diz: “Quem de uma escapa, cem anos vive”.

QUEM NÃO DEVE, NÃO TEME – *exp.* Adágio utilizado para dar credibilidade a alguém acusado injustamente. – *Deus é grande!... Quem não deve, não teme!...* LCXND.

R

RASCADA – *s. f.* Situação difícil, em apuros, mesmo que enrascada. *Você está se metendo numa rascada* (DO, 1973, p. 127). LSDAE em AB, AH e MC.

REINAÇÃO – *s. f.* Violência que se comete contra alguém. [...] *eu acabava com essa reinação, dando um ensino ao Crapiúna* (DO, 1973, p. 37). LSDAE em AB, AH, MC e PM. NE: SA registra a forma verbal “reinar”, com sentido de “fazer travessura, importunar, cometer violência”.

REINAR – *v.* Fazer travessura, importunar. *Quando a vejo, ardo por dentro; dá-me vontade de reinar, mas fico quieto* (DO, 1973, p. 128). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

REMORDIDO – *adj.* Diz-se de alguém que se acha irado. [...] *murmuravam os rapazes remordidos pelo despeito da invencível recusa* [...] (DO, 1973, p. 28). LSND. NE: AB, AH e MC registram a forma verbal “remorder” com sentido de “atormentar”, “falar mal”, “rebaixar o mérito”.

RESPONSO – *s. m.* Oração a Santo Antônio para se encontrar coisa perdida. *Eu queria os dois mil-réis para o responso* (DO, 1973, p. 74). LSDAE em AB, AH e MC.

RETIRANTE – *s. m.* Sertanejo que emigra para outras regiões fugindo da seca. [...] *era natural que os retirantes, por instinto de conservação, procurassem o litoral* (DO, 1973, p. 54). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

REZINGUENTO – *adj.* Que murmura, resmungão. *Era um demônio em figura de gente, rezinguenta e respondona* (DO, 1973, p. 128). LSND. **NE:** AB, AH, MC e PM registram o verbo “rezingar”, “dizer por entre os dentes, de mau humor”.

RUÇO-POMBO – *s. m.* Cavallo de cor parda clara e branca. *Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato* (DO, 1973, p. 106). LCPDAE em PM.

S

SA – *pron.* Corruptela do pronome de tratamento “senhora”. – *Não tenha receio, sa Luzia* (DO, 1973, p. 40). LSND. **NE:** AB, AH e MC registram a forma “sá”, como abreviatura do *s. f.* “sinhá”. PM registra a forma “sa” como *s. f.* substitutivo de “senhora”.

SARACOTEAR – *v.* Mexer os quadris, rebolar ao som de música. [...] *ruídos de sambas saracoteados, de vozes [...]* (DO, 1973, p. 26). LSDAE em AB, AH e MC.

SEM EIRA NEM BEIRA – *loc. adj.* Diz-se de indivíduos que não dispõem de recursos mínimos para sua própria sobrevivência. *Não andaria aqui, sem eira nem beira, metida nesta canalha de retirantes...* (DO, 1973, p. 29). LCXDAE em AB, AH, SA e LCXDAC em MC. **NL:** diferentemente do que é difundido popularmente como sendo adornos no telhado de casas de proprietários ricos, a expressão tem origem no medievo português e popularizou-se no Brasil com a vinda da família real. Eira é o nome dado em Portugal ao terreiro, campo de secagem de grãos, enquanto beira é uma unidade de medida de terras. Ter eira e beira é, portanto, ter posses agrárias e não adornos de telhados, conforme explica Arnaldo Silva (2019). **NE:** o ditado português diz: “Não tem eira, nem beira, nem ramo de figueira” (F.R.I.L.E.L., 1841, p. 127).

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ – *exp.* Sem qualquer motivo. *Pois se envergonha um homem, sem quê nem para quê, por um impute?...* (Do, 1973, p. 65). LCXDAE em AB, AH, MC e PM.

SEM REBUÇO – *loc. adv.* Sem rodeios, sem disfarce. [...] *pelos grosseiros galanteios que ele lhe dirigia sem o menor rebuço* (DO, 1973, p. 45). LCPDAE em AH. **NE:** AB e MC registram o *s. m.* “rebuço” com o sentido de “disfarce, dissimulação”.

SENHORA DONA – *s. f.* Mulher dotada de prestígio ou de elevada posição social. *A modos que despreza de falar com a gente, como se fosse uma **senhora dona**...* (DO, 1973, p. 28). LCPND.

NL: trata-se do encadeamento de dois *s. f.* (senhora + dona), ambos empregados como formas polidas de tratamento para a mulher respeitada.

SER DA LAIA DE – *exp.* Pertencer a um mesmo grupo, ser semelhante a alguém de índole duvidosa. [...] *pensando que **sou da laia dele**...* (DO, 1973, p. 67). LCPND. **NE**: Em AB, AH e MC encontramos a *exp.* “à laia de” como *loc. adv.* com sentido de “à moda de”, sem a nuance pejorativa que a expressão assume na coloquialidade.

SEZÃO – *s. m.* Febre recorrente, calafrios. [...] *e batendo os dentes como se tivesse **sezões*** (DO, 1973, p. 106). LSDAE em AB, AH, MC e SA.

SONSA – *s. f.* Pessoa dotada de sagacidade, dissimulada. - *Qual ... Vão atrás da **sonsa!**...* (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

SUBE – *v.* Corruptela da forma verbal “soube”. “*Quando **sube** que tinha mãe e conheci a tia Zefinha, meu coração se abriu consolado* (DO, 1973, p. 48). LSND. **NL**: trata-se da síncope do fonema /o/, resultando na monotongação do ditongo /ou/ em /u/, como ocorre em *trouxe > truxe*. Esse fenômeno fonético ocorre com frequência na fala coloquial e é explicado pela lei do menor esforço.

SURA – *adj.* 2g. Desprovido de pelos ou de cabelos. – *Que horror!... exclamou Teresinha. – Ficar **sura**?!* (DO, 1973, p. 80). LSDAD em AB, AH, MC e PM.

T

TABEFE – *s. m.* Golpe aplicado com a mão aberta, tapa. *Quando ele me disse alguma liberdade, dava-lhe tamanho **tabefe**...* (DO, 1973, p. 44). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

TALUDO – *adj.* Que é forte, que possui corpo rígido. [...] *e matava um bode **taludo** com um murro [...]* (DO, 1973, p. 66). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

TENÊNCIA – s. f. Precaução para evitar situações embaraçosas, prudência. *Eu cá sou homem de tenência. Quando viro a cabeça para uma banda...* (DO, 1973, p. 128-129). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

TERÇA – s. f. Unidade de medida de líquidos. – *Vamos ali, ao Antônio Benvindo, tomar uma terça?* (DO, 1973, p. 129). LSDAE em AB, AH, MC e PM. **NE**: corresponde a terça parte de uma garrafa de aguardente ou de outras bebidas alcoólicas.

TER CABELO NO CORAÇÃO – exp. Ser cruel, ter disposição para atentar contra outrem. *Era preciso ter cabelo no coração para fazer o que ele fez* (DO, 1973, p. 41). LCXDAE em AB e MC.

TER SANGUE DE BARATA – exp. Mostrar-se indiferente a provocações, não reagir diante destas. *Era preciso [...] ter sangue de barata para suportar tamanho desaforo* (DO, 1973, p. 41). LCXDAE em AB, AH e MC.

TER SANGUE NA GUELRA – exp. Ser atrevido, ousado. *Você tem sangue na guelra e o coração perto da goela* (DO, 1973, p. 128). LCXND.

TER-SE EM CONTA DE SANTO – exp. Julgar-se correto. Andar em retidão moral. *Não se tinha em conta de santo, confessava; fizera certas vadiações de homem solteiro* (DO, 1973, p. 31). LCXND. **NE**: SA registra a forma “ter na conta de”, no sentido de “ser considerado como”.

TIBE – interj. Exprime repulsa, aversão. *Tibes! Que cobra te mordeu!...* (DO, 1973, p. 127). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

TICO – s. m. Pequena quantidade de algo, que, de tão pouca, equivale a nada. *Vocês, suas invejosas, não a poupam; não tendo para dizer dela um tico assim, vivem a maldar...* (DO, 1973, p. 28). LSDAE em AB, AH, PM e SA.

TIRAR A ONÇA DO PASTO – exp. Retirar os privilégios de alguém, privar de regalias. *[...] fora acertada providência tirar aquela onça do pasto para tranquilidade das moças [...]* (DO, 1973, p. 31). LCXND.

TIRAR O CAVALO DA CHUVA – *exp.* Ir direto ao ponto. – *Tira o cavalo da chuva e conta a história direito [...] (DO, 1973, p. 32). LCXDAE em PM e LCXDAD em AB, AH e MC. NE: AB, AH e MC registram o sentido de “desistir de algum propósito”.*

TOMAR LIBERDADE – *loc. v.* Fazer gracejos ou enxerimentos para moças. [...] *com o Alexandre por causa de umas liberdades, que quis tomar com a Quinotinha (DO, 1973, p. 41). LCPND. NE: AB registra o s. f. “liberdades” com sentido de “intimidades sensuais”.*

TRANSIDO – *adj.* Transpassado por algo, impregnado de. – *Suplicou Luzia, transida de pejo (DO, 1973, p. 40). LSDAE em AB, AH, MC e PM.*

TREM – *s. m.* Forma genérica de se referir a utensílios diversos. [...] *e nos ajudaria, ao menos, carregando nossos tremas... (DO, 1973, p. 46). LSDAE em AB, AH e MC.*

TREMPE – *s. f.* Fogão improvisado por três pedras dispostas em formato de triângulo sobre as quais se assenta a panela. [...] *sobre toscas trempes de pedras, ferviam roncando aos borbotões [...] (DO, 1973, p. 25). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.*

TRESANDAR – *v.* Exalar cheiro desagradável. [...] *todo ele tresandando ao patchouly da pomada [...] (DO, 1973, p. 29). LSDAE em AB, AH e MC.*

TURRA – *s. f.* Discordância que tem por fim discussão ou briga. [...] *remordida pela afronta, meditava na turra de Alexandre com o soldado (DO, 1973, p. 45). LSDAE em AB, AH, MC e PM.*

U

URDIDO – *adj.* Diz-se de trama tecida sobre alguém, falsa narrativa rica em detalhes. [...] *quando deveria ser a mais interessada no desfecho do azeite urdido [...] (DO, 1973, p. 185). LSDAE em MC. NE: AB, AH e MC registram o v. “urdir” com sentido de “fantasiar, planejar intriga”.*

URU – *s. m.* Cesto com alça, feito de palha de carnaúba, usado para transportar alimento. *Você hoje – Observou a velha, amparando da luz os embaciados olhos, com as mãos trêmulas e mirradas – trouxe o uru cheio! ...* (DO, 1973, p. 48). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

URUBUTINGA – *s. m.* Espécie de urubu de cabeça amarela encontrado no interior do Brasil, urubu-rei. [...] *o sítio sinistro do matadouro e a pousada predileta de bandos de urubutingas* [...] (DO, 1973, p. 23). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

URUPEMA – *s. f.* Peneira feita de palha ou folha da carnaubeira. [...] *farei a adivinhação da urupema, que nunca falhou* (DO, 1973, p. 93). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

USEIRO E VEZEIRO – *loc. adj.* Que costumeiramente faz a mesma coisa. [...] *Crapiúna encarava desconfiado, atribuindo a batota, em que eram useiros e vezeiros, tamanha fortuna* [...] (DO, 1973, p. 143). LCPDAE em AB, AH e MC.

∞ V ∞

VADIA – *s. f.* Mulher de vida devassa ou imoral, não necessariamente prostituta, forma pejorativa e insultuosa. – *Então, suas vadias! Estão a sujar a água que a gente bebe?* (DO, 1973, p. 42). LSDAE em AB, AH e MC. **NE:** PM e SA registram o v. “vadiar”, como sinônimo de “vagabundar”.

VADIAÇÃO – *s. f.* Portar-se de modo ocioso, praticando ilícitos para sobreviver. *Não se tinha em conta de santo, confessava; fizera certas vadiações de homem solteiro* (DO, 1973, p. 31). LSDAE em AB, AH, MC e PM. LSDAD em AS. **NE:** SA regista a mesma forma, mas com sentido de “andar em pagode, brincar e divertir-se”.

VAMBORA – *interj.* Expressão utilizada para estimular a saída. – *Vambora! Pega de jeito; acerta o passo, cabroeira mofina!... Vamo, vamo, que é meio dia...* (DO, 1973, p. 246). LSND. **NL:** aglutinação da forma verbal vam(os) + o advérbio (em)bora. **NL:** Segundo Wagner Azevedo (2021), o primeiro registro na literatura brasileira dessa lexia foi feito por Olímpio (1903) em *Luzia-Homem*.

VAPOR – *s. m.* Embarcação movida por máquina a vapor. *Quem quiser embarcar deve procurar a Barra ou o Camocim, onde há vapores para conduzir a gente* (DO, 1973, p. 47). LSDAE em AB, AH e MC. **NE:** SA registra a mesma lexia, mas como “usina de beneficiar algodão”.

VARA DE CORDÃO – *s. f.* Corrente usada no pescoço, geralmente de metal nobre, como ouro ou prata, que mede 5 palmos de comprimento. *Já vendi os meus brincos de ouro; a vara de cordão, que havíamos reservado para um aperto, também passara a outras mãos [...]* (DO, 1973, p. 74). LCPND. **NE:** AB, AH, MC e SA registram a forma “vara” como “antiga unidade de medida equivalente a 1,10m”.

VARADO – *adj.* Perfurado, transpassado por objeto pontiagudo. *Mangando, mangando, eu ia, mas era sendo varado pelas galhas do bicho traçoeiro* (DO, 1973, p. 81). LSDAE em AH e MC. LSDAD em AB. **NE:** AB registra a mesma forma como *adj.* para “navio ou embarcação encalhados no varadouro”.

VAREJEIRA – *s. f.* Mosca que deposita seus ovos nas feridas dos animais, também conhecida como mosca-da-carne. *[...] sobre as quais vieram adejar, zumbindo, grandes varejeiras, de asas nacaradas e revestidas de cintilantes couraças [...]* (DO, 1973, p. 199-200). LSDAE em AB, AH, MC e SA. **NE:** PM registra a forma “vareja”, com mesmo sentido.

VASA – *s. f.* Sedimentos finos encontrados no fundo de corpos d’água, lama. *[...] ou se afoga na vasa infecta de um pântano?* (DO, 1973, p. 154). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

VAZANTE – *s. f.* Terreno baixo, localizado próximo de rios, que costuma ser alagado pelas cheias, bom para cultivo de produtos agrícolas. *[...] para despejá-los, longe da cidade, à margem do rio, nas vazantes [...]* (DO, 1973, p. 42). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

VER COM OS OLHOS E COMER COM A TESTA – *exp.* Ficar só no desejo, pois a coisa desejada é intocável, inacessível. – *Ali é ver com os olhos e comer com a testa [...]* (DO, 1973, p. 32-33). LCXND. **NE:** AB e MC registram a *exp.* “comer com a testa”, com o sentido de “ver o que se deseja sem o poder possuir”. O ditado português diz: “Ve-lo com o olho, come-lo com a testa” (F.R.I.L.E.L., 1841, p. 87).

VER COM OS OLHOS QUE A TERRA HÁ DE COMER – *exp.* Utilizada como juramento, para dar credibilidade a fatos narrados. [...] *boiando e embaraçando-se nos aguapés cheirosos, como eu vi com estes olhos, que a terra fria há de comer [...]* (DO, 1973, p. 220). LCXND.

VISAGEM – *s. f.* Visão de assombração, fantasma ou de fenômeno sobrenatural. *Nem que lhe houvesse aparecido alguma visagem!...* (DO, 1973, p. 92). LSDAE em AB, AH, MC, PM e SA.

VISITA DA SAÚDE – *exp.* Também conhecida como a “melhora da morte”, é uma crendice de que o moribundo, horas antes de morrer, sente uma melhora repentina e inexplicável dos sintomas que o perturbam. *Estou tão afeita a sofrer que, se não fosse falta de fé, desconfiava ser isso visita da saúde [...]* (DO, 1973, p. 116). LCXDAE em AB, AH, MC e PM.

VOTE – *interj.* Exprime espanto ou surpresa. – *Que lhes dizia eu?... Vote!... Já estão bem principiados no namoro!* (DO, 1973, p. 51). LSDAE em PM e SA. LSDAD em AB, AH e MC.

X

XADREZ – *s. m.* Cela de prisão. [...] *que ela fosse chorar no xadrez para saber se é bom levantar falso testemunho aos outros* (DO, 1973, p. 179). LSDAE em AB, AH e MC.

XII.. TÔ... TÔ... – *s. m.* Onomatopeia de estampido de fogos de artifício. [...] *se eu tivesse foguetes! Xiü... tô... tô!... Viva Santo Antônio!* (DO, 1973, p. 171). LCPND.

XILINDRÓ – *s. m.* Prisão, cadeia. – *A onça deste pasto está muito bem guardada no xilindró* (DO, 1973, p. 166). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

Z

ZANGAR-SE – *v.* Tornar-se raivoso, aborrecido, irritado. – *Se a senhora não se zangasse, eu acabava com essa reinação, dando um ensino ao Crapiúna [...]* (DO, 1973, p. 37). LSDAE em AB, AH e MC. **NE:** SA registra o *s. f.* “zanga”, com sentido de “irritação, mau humor, amolação”.

ZEBRAR – v. Lustrar, ter aparência de pele de zebra. [...] *a sua pele estava seca e fria, coberta de descamação esbranquiçada, que lhe zebra o corpo quando se coçava* (DO, 1973, p. 72).

LSDAE em AB, AH e MC.

ZELAÇÃO – s. f. Fenômeno luminoso ocasionado pela entrada de meteoro na atmosfera terrestre, estrela cadente. *Ainda agorinha tive um susto! Correu uma zelação, que parecia uma tocha* (DO, 1973, p. 217). LSDAE em AB, AH e MC.

ZINEBRA – s. f. Tipo de cachaça de alto teor alcoólico. – *Vamos lá, mas só tomo zinebra* (DO, 1973, p. 129). LSND. NL: Trata-se da corruptela de “Genebra”. Segundo o *Glossário de História Luso-Brasileira* (2021), “é uma bebida destilada, de alto teor alcoólico, cuja origem remonta ao século XVI quando seu consumo era popular nas tabernas holandesas. É produzida a partir da destilação de cereais e adição de especiarias, sobretudo o zimbro. No século XVIII, o consumo de genebra foi muito difundido no Nordeste brasileiro”.

ZOADA – s. f. Barulho de muitas vozes. *E o povaréu caiu em cima dele com dictérios que faziam uma zoada doida [...]* (DO, 1973, p. 50). LSDAE em AB, AH, MC e PM.

ZOMBAR – v. Não fazer caso de algo ou de alguém, não dar crédito, debochar. [...] *os doutores, que sabiam tudo e adivinhavam pelas estrelas as mudanças de tempo, zombaram do aviso [...]* (DO, 1973, p. 238). LSDAE em AB, AH e MC.

ZUMBIR – v. Produzir som semelhante ao das abelhas e outros insetos, ou ao som agudo do vento. *Sentia ainda zumbir o vento nos ouvidos [...]* (DO, 1973, p. 78). LSDAE em AB, AH e MC.

ZUNIR – v. Soar insistentemente, perturbando o juízo. [...] *tenho nos ouvidos um besouro a zunir sem parar* (DO, 1973, p. 237). LSDAE em AB, AH, MC e SA. LSDAD em PM. NE: PM registra o v. no sentido de “atirar, arremessar, açoitar”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise empreendida nesta tese, por meio de farto exemplário do léxico de *Luzia-Homem*, é possível concluir que, a despeito da dificuldade de classificação do romance de Domingos Olímpio em uma ou outra escola literária, como demonstramos por meio do levantamento da fortuna crítica, tanto pela crítica especializada quanto por estudiosos da obra, temos nas falas das personagens grande repertório do falar regional/popular nordestino.

Especificamente no tocante à crítica literária e ao lugar relegado ao romance no cânone, foi possível perceber como certos discursos sobre a obra se cristalizaram, sobretudo o posicionamento da crítica literária especializada, que, quando se pôs a analisar o romance de Olímpio, o fez somente repetindo posicionamentos apriorísticos, como o de Lucia Miguel Pereira (1988), sem se desprender do velho metro e não demonstrando, a partir do texto, aquilo que criticam, ou estabelecendo relações seriais entre autores e obras, comparando-os, como se isso somente bastasse para atestar a qualidade literária de um ou de outro.

A partir do levantamento da fortuna crítica de *Luzia-Homem*, não apenas constatamos a existência de novos olhares sobre o romance, algumas dessas pesquisas realizadas por pós-graduandos do vizinho estado do Ceará, como também foi possível perceber que a obra se renova a partir da recriação intersemiótica, tanto no cinema quanto nos quadrinhos e nos cordéis, escapando ao apagamento que encontramos na historiografia da literatura brasileira.

As sucessivas leituras/releituras do romance, por ocasião do levantamento do *corpus*, não somente possibilitaram confrontar o que a crítica especializada pontuou sobre a obra, mas descortinar novas nuances de sentidos, que tivemos o cuidado de acrescentar às entradas lexicais do glossário na forma de notas enciclopédicas (NE) e de notas linguísticas (NL). Assim, no tocante ao aspecto “religiosidade”, por exemplo, pudemos constatar grande número de lexias relacionadas a práticas religiosas sincréticas, que misturam elementos do catolicismo, das culturas africanas e indígenas, reafirmando que a identidade nordestina é formada por um misto de influências culturais diversas.

Ainda sobre essa identidade, muitas lexias nos remetem a credices, adágios e dictérios, os quais registramos como expressões (*exp.*), pois não era possível delimitar-lhes uma classe gramatical, mas optamos por inserir no glossário essas estruturas frasais e tivemos o cuidado de buscar seus sentidos, oferecendo um enunciado lexicográfico parafrástico que pudesse auxiliar o consulente.

As inúmeras expressões fraseológicas dão testemunho de que Olímpio empreendeu grande esforço para retratar na linguagem das personagens os falares típicos do Nordeste

brasileiro, algumas das quais não encontrando correlatos em nenhum dos dicionários, vocabulários e glossários consultados, requerendo que recorresse a meu repertório léxico passivo, recobrando memórias da infância vivida no sertão paraibano e do convívio com tios e tias-avós que guardavam reminiscências de um falar já esquecido ou suplantado pela linguagem escolarizada. [Aqui, peço licença para me colocar em primeira pessoa do singular, embora meu discurso seja polifônico, pois é atravessado por muitas vozes, dentre elas, as dos meus ancestrais].

Esse exercício de “puxar da memória” conversas que transcorreram há quase quatro décadas, com entes queridos “que Deus haja”, me pôs em contato com meu passado, por vezes, fazendo rolar uma lágrima de saudade da minha infância, dos causos e histórias de trancoso ouvidas nas rodas de conversa, quando eu, meus irmãos e meus primos, sentados no terreiro de terra batida, à luz de um candeeiro, ouvíamos nossos avós e tios-avós por horas, até que o sono nos embalasse, ou das vezes que, deitado num banco de madeira, sob a luz do luar, ouvia minha tia Vilani (*in memoriam*), enquanto fiava algodão para tecer redes e cobertas, desfiar as genealogias de nossa família, desde a chegada de nossos ancestrais no Brasil, seus casamentos com indígenas que já habitavam aquelas terras, até os galhos mais jovens dessa árvore. Esses antepassados, muitos dos quais já não se encontram entre nós, partilharam comigo, da forma mais natural e espontânea possível – pela oralidade – saberes que hoje tecem os retalhos de minhas memórias, que se acham, agora, registrados em alguns dos enunciados lexicográficos elaborados nesta pesquisa.

Por fim, esperamos que esta tese possa renovar o interesse de outros pesquisadores pelo romance de Domingos Olímpio, cuja leitura poderá ser auxiliada pelo glossário nela contido, e que os posicionamentos críticos apriorísticos não sejam o ponto de partida para a compreensão de sua obra.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caracter. São Paulo: Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo, 1928.

ARAGÃO, Carmélia Maria. **Luzia-Homem**: aspectos da crítica sobre uma obra. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8076/1/2008_dis_cmaragao.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

ARAGÃO, Carmélia. Posfácio. *In*: **LUZIA**. Baseado no romance “Luzia-Homem”, escrito por Domingos Olímpio. Roteiro por Zé Wellington; desenhos por Débora Santos. São Paulo: Draco, 2021. (Texto em quadrinhos).

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Prefácio. *In*: PONTES, Maria das Neves Alcântara de; MELLER, Vilson Brunel. **Dicionário lingüístico-literário de termos regionais/populares (Norte/Nordeste)**. João Pessoa: Idéia, 2003, v. 1.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. **Acta Semiótica et Lingvistica**. João Pessoa, v. 18, n. 12, p. 209-225, 2013.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Sinônimos e parassinônimos em capitais do Nordeste Brasileiro: dados do ALiB. **Acta Semiotica et Lingvistica (ASEL)**, João Pessoa (PB), ano 38, v. 19, n. 1, p. 7-20, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53082/1/2014_art_mssaragao.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego**. 2. ed. João Pessoa: Mídia Gráfica Editora, 2017. 332 p.

ATHAYDE, Natália Silva. **Luzia-Homem**: a construção de simulacros identitários. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10510/1/2014_dis_nsathayde.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

AZEVEDO, Wagner. **Dicionário de Vocábulo Populares**. 1. ed. Cascavel - PR: Editora Moan, 2021. v. 1. 82p.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida *et al.* **Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**. Brasília, 1990. p. 152-158.

BARBOSA, Maria Aparecida. Réflexions sémantiques sur l'article dans l'oeuvre lexicographique. **Meta XLI**, n. 2, p. 265-274, 1996.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. 58p. (Cadernos de terminologia, 1).

BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. Luzia-Homem: força e delicadeza num romance trágico. In: FIÚZA, Regina Pamplona (Org.). **Panorama Literário I**. Academia Cearense de Letras, Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: seguido de Novos ensaios críticos. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção Debates, 24).

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGAMIN, Marta. **Luzia-Homem só lâmina**: uma leitura do romance de Domingos Olímpio (1903). Dissertação (mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, 2010. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/2c2f804d-632e-458a-affc-cadf8f8cfd36/download>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 135-144, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito Linguístico da Palavra. In: **Revista Palavra**. 5. ed. Rio de Janeiro: 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BLANCH, M. L. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. L. (Orgs.). **En torno a la sociolingüística**. México: UNAM, 1978.

BLOOM, Harold. Uma Elegia para o Cânone. *In*: BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

CAMPATO JR., João Adalberto. **Retórica e literatura**. São Paulo: Scortecci, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. Literatura e personagem. *In*: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978.

COSERIU, Eugênio. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. *In*: MELLO, Linalda de Arruda. **Sociedade, Cultura & Língua**: ensaios de sócio e etnolinguística. João Pessoa: Shorin, 1990.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DIGIACINTO, Jessica. Apple cider vinegar: Can it cure a headache? *In*: **MedicalNewToday.com**, March 23, 2022. Available at: <https://www.medicalnewstoday.com/articles/320522>. Access on: Oct 2th, 2024.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. eletrônica. versão 5.0. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. (Col. Leituras filosóficas).

FREITAS, Nilmo Almino de. A “macho e fêmea” e a família: Luzia-homem e o sertão cearense. **Revista de Ciências Sociais**, v. 38, n. 2, p. 26-39, 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/529/511>. Acesso em: 06 maio 2023.

F. R. I. L. E. L. **Adágios, provérbios, rifaões, e anexins da língua portuguesa, tirados dos melhores Autores Nacionaes, e recopilados por ordem alfabetica**. Nova edição correcta, e augmentada. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/11968/1/Adagios%20proverbios%20rifaos%20e%20anexins%20da%20lingua%20portugueza.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

FRUBEL, Auri Claudionei Matos; ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do falar sul-mato-grossense: aspectos lexicográficos e socioculturais. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **A donzela-guerreira**: um estudo de gênero. São Paulo: SENAC, 1998.

GENEBRA. *In*: **GLOSSÁRIO de História Luso-Brasileira**. Brasília: Arquivo Nacional, 2021. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/glossario/index.php/verbetes-de-a-a-z/43-verbetes-iniciados-em-g/908-genebra>. Acesso em: 13 dez. 2024.

HAENSCH, Günther. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. *In*: HAENSCH, Günther *et al.* (org.). **La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 395-534.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética I**. 2. ed. rev. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. [recurso eletrônico].

JUNQUEIRA, Leandro Gama. Origem e permanência da crítica. **Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 21, p. 125-139, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/51536/27900>. Acesso em: 21 fev. 2023.

KANT, Immanuel [1781]. **Crítica da razão pura**. Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 2005. Coleção Os Pensadores.

KANT, Immanuel [1788]. **Crítica da razão prática**. Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 2005. Coleção Os Pensadores.

KANT, Immanuel [1790]. **Crítica da faculdade de julgar**. Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 2005. Coleção Os Pensadores.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. v. 5, n. 9, p. 1-3, ago. 2007. Trad. Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de literatura portuguesa e brasileira**. Porto Alegre: Editora Globo S. A., 1979. (Coleção Enciclopédia Globo para os cursos fundamental e médio).

LUZIA. Baseado no romance “Luzia-Homem”, escrito por Domingos Olímpio. Roteiro por Zé Wellington; desenhos por Débora Santos. São Paulo: Draco, 2021. (Texto em quadrinhos).

MAIA, Luna Maia. **Com o poder de Deus nas mãos: concepções das parteiras acerca da vivência do parto numa perspectiva da espiritualidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4208/1/ArquivoTotalLuna.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2025.

MARINHO, Clécia Maria Nóbrega. **O léxico regional/popular de Graciliano Ramos: uma análise léxico-semântica**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. 113 f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14864>. Acesso em: 04 jul. 2024.

MARTINET, André. **Conceitos fundamentais da linguística**. Trad. Wanda Ramos. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes, 1976.

MARTINS, Francisco. O que é phatos? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 2, n. 4, p. 62-80, out./dez. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/gqK3tgmPMGDcD3r5xFZnKXH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.

MIBIELLI, Roberto. Cânone. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro. (Orgs.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021. [livro eletrônico].

MICHAELIS. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. [recurso online]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 18 set. 2024.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Editora Três, 1973. (Obras imortais da nossa literatura).

OLIVEIRA JR., José Leite de. Atualidade de Luzia-Homem. **Revista Entrelaces**, ano IV, n. 05, p. 115-127, maio 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23387/1/2015_art_ljr.pdf. Acesso em: 03 nov. 2023.

OLIVEIRA JR., José Leite de. **O pictórico em Luzia-Homem: ensaio**. 2. ed. Fortaleza: Links, 1997.

OLIVEIRA, Wagner. **Dicionário de vocábulos populares da língua portuguesa: registrados nas literaturas brasileira e portuguesa, em letras da MPB e nas Histórias em Quadrinhos**. Cascavel: Moan, 2021.

OLYMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1929.

PARANÁ. Galeria de críticos. **Especial Crítica Literária**. Biblioteca Pública do Paraná, 2020. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Critica-Literaria-Galeria-de-criticos>. Acesso em: 09 dez. 2023.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção leitura e crítica).

PONTES, Antônio Luciano. Metadiscorso verbal e visual: análise da medioestrutura de um dicionário de língua inglesa. **Palimpsesto**, v. 10, n. 13, p. 1-22, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/35361/25005>. Acesso em: 05 jun. 2024.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de; MELLER, Vilson Brunel. **Dicionário lingüístico-literário de termos regionais/populares (Norte/Nordeste)**. João Pessoa: Idéia, 2003. Vol. 1 de A a G.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de; MELLER, Vilson Brunel. **Dicionário lingüístico-literário de termos regionais/populares (Norte/Nordeste)**. João Pessoa: Idéia, 2003. Vol. 2 de H a Z.

POTTIER, Bernard. **Estruturas Linguísticas do Português**. Tradução de Albert Audubert e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Trad. Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/USU, 1978.

POTTIER, Bernard. **Presentación de la lingüística: fundamentos de una teoría.** Trad. Antonio Quilis. Madri: Ediciones Alcalá, 1967.

POTTIER, Bernard. **Semântica y lógica.** Madrid: Gredos, 1983.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala.** Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo - RS: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** Trad. Mônica Costa Netto. 34 ed. São Paulo: EXO experimental org., 2005.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. p. 64-92. (Coleção Pierre Menard).

REY-DEBOVE, Josette. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains.** Paris: Hachette, 1971.

RONCARATI, Cláudia. Estudos sociolinguísticos e dialectológicos. **Revista Icarahy**, n. 5, 2011. Disponível em: <http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/5/entrevista/ENTREVISTA.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. **El hilo de la fábula: revista del Centro de Estudios Comparados**, Santa Fé, Argentina, v. 10, p. 59-72, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184829/000894804.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. O martírio de Luzia de Siracusa na Legenda Áurea: uma leitura a partir da categoria gênero. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais Eletrônicos.** Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503876709_ARQUIVO_AndreiaCLFrazaoDaSilva_Texto_completo_MM_FG27Ago17.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Arnaldo. Eira, beira e tribeira: o mito da divisão social pelo telhado. In: **Conheça Minas**, 2019. Disponível em: <https://www.conhecaminas.com/2019/12/a-eira-beira-e-tribeira.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

SOARES, Ana Márcia. **Atualizações semióticas em Luzia Homem**: um diálogo entre o romance e cordéis de Arievaldo Viana e Stélio Torquato Lima. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2023.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance? uma ideologia estética e sua história**: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

TAVARES JUNIOR, Luiz. Prefácio. *In*: OLIVEIRA JR., José Leite de. **O pictórico em Luzia-Homem**: ensaio. 2. ed. Fortaleza: Links, 1997.

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.

TURBIANI, Renata. Adorável, fofa e charmosa: sabia que a covinha é um defeito congênito? *In*: **Vivabem**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/12/adoravel-fofa-e-charmosa-sabia-que-a-covinha-e-um-defeito-congenito.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 19 set. 2024.

VARAZZE, Jacopo de, Arcebispo de Gênova, ca., 1229-1298. **Legenda áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004. 299 p.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.